FELIPE CARMO
ALLAN NOVAES
(ORGS.)

SÉRIE RELIGIÃO E CULTURA, 1

ADVENTISMO EM QUADRINHOS

AS RELAÇÕES ENTRE A IGREJA ADVENTISTA E A 9ª ARTE

EXCELSIOR!
UNASPRESS

UNASP

Centro Universitário Adventista de São Paulo
Fundado em 1915 — www.unasp.edu.br

Missão: Educar no contexto dos valores bíblicos para um viver pleno e para a excelência no serviço a Deus e à humanidade.

Visão: Ser uma instituição educacional reconhecida pela excelência nos serviços prestados, pelos seus elevados padrões éticos e pela qualidade pessoal e profissional de seus egressos.

Administração da Entidade Mantenedora (IAE)
Diretor Presidente: Domingos José de Souza
Diretor Administrativo: Élnio Álvares de Freitas
Diretor Secretário: Emmanuel Oliveira Guimarães
Diretor Deptº de Educação: Antonio Marcos Alves

Administração Geral do Unasp
Chanceler: Euler Pereira Bahia
Reitor: Martin Kuhn
Pró-Reitora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Tânia Denise Kuntze
Pró-Reitora de Graduação: Afonso Ligório Cardoso
Pró-Reitor Administrativo: Andrenilson Marques Moraes
Pró-Reitor de Relações, Promoção e Desenvolvimento Institucional: Allan Novaes
Secretário Geral: Marcelo Franca Alves
Diretor de Desenvolvimento Espiritual Adjunto: Jael Enéas de Araújo

Faculdade Adventista de Teologia
Diretor: Reinaldo Wesceslau Siqueira
Coordenador de Pós-Graduação: Vanderlei Dorneles
Coordenador de Graduação: Ozeas Caldas Moura

Campus Engenheiro Coelho
Diretor Geral: José Paulo Martini
Diretor Administrativo: Elizeu José de Sousa
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Francisca Pinheiro S. Costa
Diretor de Graduação: Francislê Neri de Souza
Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Edson Romero Marques
Diretor de Desenvolvimento Estudantil: Rui Manuel Mendonça Lopes

Campus Hortolândia
Diretor Geral: Lélio Maximino Lellis
Diretor Administrativo: Claudio Knoener
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Eli Andrade da Rocha Prates
Diretor de Graduação: Suzete Araújo Águas Maia
Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Jael Enéas de Araújo
Diretor de Desenvolvimento Estudantil: David Prates dos Reis

Campus São Paulo
Diretor Geral: Douglas Jeferson Menslin
Diretor Administrativo: Denilson Paroschi Cordeiro
Diretora de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: Maristela Santini Martins
Diretor de Graduação: Silvia Cristina de Oliveira Quadros
Diretor de Desenvolvimento Espiritual: Antonio Braga de Moura Filho
Diretor de Desenvolvimento Estudantil: Ricardo Bertazzo

Campus Virtual
Diretor Geral: Martin Kuhn
Gerente Acadêmico: Everson Muckenberger
Gerente Administrativo: Ivan Albuquerque de Almeida
Gerente de Produção e Distribuição de Material: Valcenir do Vale Costa
Coordenador Geral de Polos: Evaldo Zorzim

UNASPRESS
Imprensa Universitária Adventista

Editor: Rodrigo Follis
Editor Associado: Felipe Carmo

Conselho Editorial: José Paulo Martini, Afonso Cardoso, Elizeu de Sousa, Francisca Costa, Adolfo Suárez, Emilson dos Reis, Rodrigo Follis, Ozéas C. Moura, Betania Lopes, Martin Kuhn

A Unaspress está sediada no Unasp, campus Engenheiro Coelho, SP.

FELIPE CARMO
ALLAN NOVAES
(ORGS.)

SÉRIE RELIGIÃO E CULTURA, 1

ADVENTISMO EM QUADRINHOS

AS RELAÇÕES ENTRE A IGREJA ADVENTISTA E A 9ª ARTE

UNASPRESS

IMPRENSA UNIVERSITÁRIA ADVENTISTA
1º EDIÇÃO, 2017, ENGENHEIRO COELHO, SP

SUMÁRIO:

9 PREFÁCIO
Amaro X. Braga Jr

15 INTRODUÇÃO

23 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ADVENTISMO BRASILEIRO:
conflitos e aproximações na Revista Adventista (1952-2017)
Felipe Carmo e Allan Novaes

61 AS COMIC BOOKS E A IGREJA ADVENTISTA DO 7º DIA:
panorama do discurso adventista sobre as histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa (1930-2000)
Allan Novaes, Felipe Carmo, Brenner Novaes, Gustavo Kinderman e Roberta Corrêa

111 COISAS DE SATANÁS:
a demonização das histórias em quadrinhos no adventismo e a abstração do diabo no ocidente
Thais Camargo e Silva e Felipe Carmo

129 REFORMA DE SAÚDE EM QUADRINHOS:
breve consideração sobre as obras de luis sá na Revista Nosso Amiguinho (1951-1975)
Prycylla Lima dos Santos e Fábio Augusto Darius

145 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA ARTE SEQUENCIAL:
uma análise das tirinhas da Revista Adventista (1977-1980)
Alysson Huf, Felipe Carmo e Clacir Virmes Junior

167 "É PRECISO DUVIDAR PARA CRER":
a apologética criacionista nos quadrinhos de Michelson Borges
Eduardo Cavalcante Oliveira Santos

UNASPRESS
Imprensa Universitária Adventista

Caixa Postal 11 – Unasp
Engenheiro Coelho, SP CEP 13.165–000
Tels.: (19) 3858–9055 / (19) 3858-9355
www.unaspstore.com.br

EXCELSIOR!

Editor Unaspress: Rodrigo Follis
Editor Excelsior!: Allan Novaes
Revisão: Felipe Carmo, Thiago Basílio
Capa: Ana Paula Pirani Follis a partir da arte de Pedro Miranda
Programação visual: Ana Paula Pirani Follis

Todos os direitos reservados para a Unaspress. Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Adventismo em quadrinhos

1ª edição – 2017
Ebook / 50 exemplares

Todo o texto, incluindo as citações, foi adaptado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em 1990, em vigor desde janeiro de 2009.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Adventismo em quadrinhos / Allan Novaes, Felipe Carmo (orgs.). -- 1. ed. -- Engenheiro Coelho, SP : Unaspress - Impressa Universitária Adventista, 2017.

1. Comunicação 2. Comunicação - Aspectos sociais 3. Comunicação - Teoria 4. Comunicação de massa 5. Teoria da comunicação

14-03589 CDD-302.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Comunicação : Teoria : Sociologia 302.2
2. Teoria da comunicação : Sociologia 302.2

Editora associada:

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

050838 2017

PREFÁCIO

A HISTÓRIA DE UM ADVENTO ENTRE O NANQUIM E A CRUZ

Estamos diante de um estudo inovador. Sua inovação está no reconhecimento de uma inter-relação entre dois elementos que sempre mantiveram uma proximidade instigante e no qual os pesquisadores não tem dado a devida importância. Trata-se de reconhecer a relação entre duas coisas, aparentemente, díspares: quadrinhos e religião. No senso comum, a fugacidade de um parece não coincidir com a seriedade do outro. Mas é um engano. Seja pela natureza de suas essências constituintes, seja pela dimensão prática que historicamente assumiram, ambos sempre andaram interligados.

A religião sempre se preocupou com a qualidade da informação daquilo que seus adeptos têm acesso. Sempre buscou mantê-los unidos, tanto em torno da crença compartilhada, quanto do acesso às coisas da vida que contribuíssem para a manutenção destas crenças e o bom convívio entre os pares. Por isso, as igrejas sempre emitiram pareceres sobre o que ler, o que comer, o que ouvir e aonde seus membros devem ir. Todas as religiões sempre se preocuparam em passar uma mensagem e (re)educar seus membros.

Os quadrinhos (uso o termo como um hipergênero que engloba uma série de elementos que compartilham a linguagem quadrinhística) sempre buscaram uma integração com as pessoas. Trata-se de uma expressão artística coletiva que depende da reprodução e do consumo para existir e fluir. Sua natureza é híbrida. São textos e imagens em sequência. É uma narrativa que conta uma história e busca criar um vínculo com seu leitor. E como são objetos produzidos pelas mãos humanas, terminam por serem receptáculos de usos e costumes,

valores e ideias, sensações e sentimentos não apenas de quem os fez, mas do tempo e do lugar onde foram produzidos. Afinal, os quadrinhos também são um produto cultural. E, como tal, uma forma de compreender a realidade social, cultural e política de uma época e das pessoas que ali viveram.

O livro *Adventismo em quadrinhos: as relações da Igreja Adventista do Sétimo Dia com a 9ª arte* permite integrar estes dois ambientes e nos proporciona, juntamente, perceber o papel da Igreja Adventista na orientação de seus fiéis e de como os quadrinhos foram mudando seus *status* de reconhecimento, passando de um produto "demonizante" que afastava os jovens da igreja para um bem "sacralizador" que serviria às necessidades de integração dos jovens membros à comunidade dos fiéis.

As relações sagradas e profanas à moda religiosa, tanto quanto defende o sociólogo Émile Durkheim, em seus estudos sobre a religião ou como os autores assim denominam, "sacralizadas" e "demonizantes", revelam o que todos os que estudam os quadrinhos sabem: este objeto artístico-midiático de entretenimento é uma mídia com um poder pedagógico fenomenal. Os quadrinhos não têm, em si, boas ou más intensões (são as pessoas que inserem seus conteúdos e mensagens que podem despertar o prazer ou a aflição com base nos valores aos quais cada um é associado). E os discursos aqui elencados revelam indiretamente este ponto ao mostrar como a Igreja Adventista, por vias de suas publicações informativas, alternava de opinião acerca dos quadrinhos ao longo das décadas.

Outro elemento inovador deste trabalho emerge de seus autores. Não se trata apenas de uma hermenêutica conteudística, um mapeamento cronológico ou um levantamento historiográfico. Envolve uma perspectiva de dentro, muito valorizada nos estudos antropológicos, pois nos permite compreen-

der a alteridade. É a velha diferenciação entre o "eu" e o "outro". E de como ambos tentam compreender um ao outro pela diferenciação. Como compreender a dinâmica inter-relacional da Igreja Adventista com as histórias em quadrinhos do que entre aqueles que lhe compõe e até mesmo produzem material correlato? Afinal, o Felipe Carmo, um dos organizadores e autores, é tanto um cartunista com uma produção significativa e vinculada diretamente ao tema, quanto teólogo; e, o Allan Novaes, tanto como comunicólogo, quanto como teólogo, já vem orientando, academicamente, estudos sobre quadrinhos. Esta configuração permite que o trabalho possua um viés diferenciado que longe de ser fortuito é desejado e academicamente relevante.

A equipe de colaboradores também se beneficia desta mesma formação dupla que ajuda a integrar os dois temas: religião e quadrinhos. São teólogos e comunicólogos, às vezes, com as duas formações. Esta circulação os ajuda a desenvolver inferências que cercam a questão dos dois lados: a contextualização do discurso da igreja sobre os quadrinhos ou vice-versa, quando os quadrinhos reproduzem o discurso da igreja e sua perspectiva midiática-informacional.

Em seu levantamento, vemos como o assunto foi tratado pela Igreja Adventista e como sofreu reforço dos movimentos que perseguiram os quadrinhos (como o estudo do Dr. Fredric Wertham). É importante ressaltar que se trata de um levantamento do cenário histórico do discurso, amparado nos veículos de comunicação circulados pela igreja; e não um resgate ou retorno àquelas críticas negativas. Isso fica evidente quando reforçam a dimensão educativa, informacional, espiritual e política que a linguagem tem e que, posteriormente, foi apropriada pela própria igreja na publicação de material em quadrinhos próprio (como da famosa revista *Nosso Amiguinho* no Brasil).

Neste aspecto também nos importa identificar o que o adventismo enxerga como demonizante nos quadrinhos e compreender o discurso religioso e suas críticas ao material. Trata-se de um esclarecimento necessário e bem ambientado que colabora para discernir o cenário histórico no qual os quadrinhos foram perseguidos e expurgados. Nestes argumentos, há uma ambivalência que tanto aprecia quanto deprecia os quadrinhos (e os quadrinhistas, por conseguinte), mas que nos ajuda a entender a doutrina da igreja e de seus adeptos. Afinal, as críticas não eram aos quadrinhos, em si, mas aos conteúdos de alguns que destoavam e se chocavam com os valores professados pelo grupo. É por meio do discurso destas perspectivas (positivas ou negativas) que sabemos quem foram e como pensavam. Não os vemos com nossos olhos; vemo-los com os olhos deles. Este tipo de trabalho não apenas nos esclarece sobre uma dimensão histórica importante sobre a publicação de quadrinhos no Brasil e fora dele, como nos permite tecer uma dimensão tanto teológica quanto antropológica e sociológica sobre a Igreja Adventista e seus adeptos.

Resta a vocês virarem a página e encararem a história deste advento entre o nanquim e a cruz.

Prof. Dr. Amaro X. Braga Jr

Doutor e Mestre em Sociologia. Mestre em Antropologia. Esp. em História das Religiões, Artes Visuais, História da Arte, EAD e Gestão de Ensino. Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais. Professor Adjunto do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas | É produtor de quadrinhos com 8 álbuns publicados e alguns livros sobre o tema. Membro fundador da ASPAS — Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial | amaro@ics.ufal.br | axbraga.blogspot.com.br

INTRODUÇÃO

Mais difícil do que encontrar uma História em Quadrinhos (HQs) elaborada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) nas prateleiras de suas livrarias é, com certeza, procurar por um livro versado especificamente nessa relação: os adventistas e os quadrinhos — quanto mais um livro de caráter acadêmico, como o que você tem em mãos. O assunto parece estranho justamente porque, desde algumas décadas até o presente, a instituição demonstrou-se, em parte, indiferente à produção de um conteúdo digno para ser veiculado por meio desse gênero. Naturalmente, entre os adeptos da IASD, essa relação deixou de ser relembrada e, com efeito, mesmo cogitada entre as novas gerações. Em outros termos, entre os adventistas, pode-se levantar a discussão sobre a possibilidade ou não de consumir HQs "mundanas"; pode-se, inclusive, enfatizar a necessidade de elaborar conteúdo bíblico para a difusão de tal material. Contudo, todas essas discussões e possibilidades deixam de fora uma questão fundamental: qual a relação histórica dos adventistas com as HQs?

Entendemos que essa questão é fundamental para dar início a qualquer consideração mais precisa a respeito das HQs no contexto adventista — seja do ponto de vista teológico, pragmático ou do entretenimento. Por ser uma relação em grande parte desconhecida, os adeptos da instituição correm o risco de formular argumentos (prós ou contra as HQs) de perspectivas equivocadas; ou ainda pior: desconhecendo o passado, os adventistas podem imaginar que não existe nenhum vínculo da IASD com a 9ª arte, e, por conseguinte, compreender qualquer iniciativa nesse sentido como supérfula, irrelevante, herética e até mesmo infantil. Daí, então, a necessidade de tecer um panorama histórico-cronológico sobre a relação dos adventistas com as HQs, contudo, a partir de uma abordagem imparcial, a fim de encarar o fenômeno de forma crítica.

Essa iniciativa, devemos esclarecer, não se origina de elocubrações dos autores ou organizadores desta obra. Trata-se de uma perspectiva acadêmica muito recente que procura enchegar nas HQs uma variedade de discursos religiosos — sejam populares ou institucionalizados. As ciências da religião, notadamente a Teologia, procuram se debruçar sobre as ideologias veiculadas nos meios de comunicação a fim de reconhecer nestes a possibilidade de encontrar o "sagrado"; isto é, o fenômeno religioso que transborda espiritualidade, mesmo em uma sociedade esganada pelo ceticismo. Embora ainda não seja muito popular entre as igrejas, a comunidade acadêmica passa a realizar estudos que pretendem relacionar religião e HQs, seja de perspectivas populares ou institucionais, reflexões teológicas advindas de judeus e gentios, gregos e troianos, terráquios e kriptonianos.

Nesse sentido, todos os capítulos deste livro refletem os resultados de aproximadamente dois anos de pesquisa e coleta de dados, oriundos do contexto adventista. De uma forma ou de outra, seus autores e co-autores, alunos e professores, realizaram estes estudos em conjunto com o *Excelsior!* ("Grupo de Pesquisa em Religião, Juventude e Cultura da Mídia", localizado no Unasp-EC). Após organizar as informações coletadas, apresentar o resultado dos estudos em congressos — a nível nacional e institucional —, atualizar os resultados à luz das informações mais recentes e incrementar o conteúdo das pesquisas anteriores, o material finalmente tomou forma de livro. Podemos alegar, inclusive — em tom de desgosto —, que nem todos os resultados puderam ser acrescentados a esta edição por falta de condições das mais variadas; e por ocasião de os resultados conquistados demonstrarem-se mais abrangentes do que poderíamos organizar para este momento. Ainda assim, tais informações

encontram-se arquivadas e prometem receber o fôlego necessário nas próximas edições.

Em geral, pode-se afirmar que o conteúdo deste livro reflete, acima de tudo, estudos de caráter cronológico e histórico, embora alguns capítulos apresentem certa apreciação em termos de conteúdo. Em outras palavras, este livro demonstrar-se-á interessante e revelador aos leitores que pretendem compreender como a IASD se relacionou e se relaciona com as HQs enquanto instituição. Trata-se de um mapeamento quantitativo e, em alguns casos qualitativo, a respeito das principais opiniões acalentadas pela igreja, assim como algumas elaborações teológicas esparças a esse respeito — a partir de uma hermenêutica particular da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White[1].

Em um primeiro momento, a fim de apresentar ao leitor uma perspectiva mais ampla a respeito da relação da IASD com as HQs. O capítulo "As Histórias em Quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações da *Revista Adventista* (1952-2017)", elaborado por Felipe Carmo e Allan Novaes, apresenta essa abordagem refletida no principal periódico da IASD no Brasil, a *Revista Adventista*. A princípio, os autores realizam um levantamento na base de dados da revista a fim de mapear o desenvolvimento das opiniões da IASD a respeito das HQs, contudo, de uma perspectiva estritamente nacional. Trata-se de um capítulo essencial para o leitor adventista brasileiro que pretende acompanhar o pensamento da instituição sobre a 9ª arte até os dias de hoje.

O capítulo seguinte, elaborado por Allan Novaes, Felipe Carmo, Brenner Novaes, Gustavo Kinderman e Roberta Corrêa apresenta o título "As *comic books*

[1] *Ellen G. White (1827-1915) foi uma renomada escritora americana e co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os seus escritos são utilizados com muita frequência como orientações teológicas e administrativas entre os adventistas.*

e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: Panorama do discurso adventista sobre as Histórias em Quadrinhos nos periódicos em língua inglesa (1930-2000)". Nessa ocasião, os autores relatam de forma cronológica e sistematizada todas as possíveis opiniões — positivas e negativas — acalentadas pela IASD a respeito das HQs no exterior a partir de suas publicações em língua inglesa entre as décadas de 1930 e 2000. Esse capítulo é essencial para construir um palco em que atuarão, posteriormente, as mais diversas orientações ideológicas e teológicas a respeito das HQs no contexto brasileiro — que, não raro, refletirá muitas das preocupações elaboradas no exterior.

Após dois capítulos que apresentam uma perspectiva abrangente e afunilada sobre a relação dos adventistas com as HQs (desde o exterior até o contexto brasileiro), o terceiro capítulo foca-se em uma problemática específica. Com o título "Coisas de Satanás: a demonização das Histórias em Quadrinhos no adventismo e a abstração do Diabo no Ocidente", elaborado por Thaís Camargos e Silva e Felipe Carmo, ele se concentra, de forma específica, em um dos argumentos demonizantes a respeito das HQs entre os adventistas, a saber, sua relação com a figura de Satanás. Após realizar uma breve levantamento bibliográfico a respeito das representações do Diabo no mundo ocidental, os autores passam a comprarar tais construções com os argumentos que costumavam associar as HQs com atividades satânicas. Este capítulo é esclarecedor por sugerir que algumas das críticas contra as HQs no meio adventista refletem, em muitos casos, elaborações sociais que acabam encontrando sustento no discurso religioso de sua época.

Por outro lado, o capítulo "Reforma de Saúde em quadrinhos: breves considerações sobre as obras de Luiz Sá na revista *Nosso Amiguinho* (1951-1975)", elaborado por Prycylla Lima Santos e Fábio Augusto Darius, reflete uma visão mais otimista na relação dos

adventistas com as HQs. Nesse capítulo, os autores demonstram como a teologia da Reforma de Saúde — acalentada pelos advenistas por longa data — era refletida nas HQs através do talento de um quadrinista não adventista no periódico *Nosso Amiguinho*. Nessa ocaisão, o capítulo demonstra de maneira detalhada o potencial educativo e evangelístico das HQs, refletido em apenas uma das produções artísticas em quadrinhos veiculadas pelo periódico infantil da IASD — em um período, como demonstrado nos capítulos anteriores, em que o próprio gênero era demonizado pela instituição e acusado de incutir preguiça e ignorância nas crianças.

Ainda de uma perspectiva positiva, o livro apresenta o quinto capítulo institulado "Operadores argumentativos na arte sequencial: uma análise das tirinhas da *Revista Adventista* (1977-1980)". Nele, Alysson Huf, Felipe Carmo e Clacir Virmes Junior pretendem escrutinar os argumentos presentes, ainda que de maneira inferencial, nas tirinhas publicadas na *Revista Adventista* entre os anos de 1977 e 1980. A pesquisa analisada demonstra, a partir da Teoria da Argumentação, que o material publicado pelo períodico carrega consigo um alto grau de dogmática em forma de operadores argumentativos; isto é, por meio de elementos textuais, as chages/tirinhas sugerem uma perspectiva teológica adventista para cada assunto abordado na revista, desde os simples aos mais polêmicos. O capítulo é essencial para demonstrar que as HQs publicadas entre os adventistas não possuíam apenas caráter educativo, mas podiam ser concebidas como argumentos teológicos visuais bem elaborados.

Por último, no sexto capítulo, "'É preciso duvidar para crer': a apologética criacionista nos quadrinhos de Michelson Borges", Eduardo Cavalcante Oliveira Santos demonstra como o espírito apologético adventista foi refletido nas webcomics de Michelson

Borges. Além de atuar como material pioneiro entre os adventistas no Brasil — principalmente no que diz respeito ao subgênero das webcomics —, as criações de Michelson Borges demonstram não apenas a motivação evangelística dos adventistas por detrás das HQs, mas também o método mais utilizado pela instituição para propagar a sua compreensão da Bíblia, a saber, a apologética.

Grosso modo, após um breve resumo do conteúdo do livro, é possível perceber um relacionamento conturbado e, ao mesmo tempo, próspero entre a IASD e as HQs. Por meio de uma análise fria, pode-se alegar que a relação entre ambos desponta de maneira inteiramente positiva, sem, contudo, desqualificar a teologia adventista ou promover ensinamentos contrários à moral cristã. Ao contrário, percebemos nas HQs um potencial distinto de todos os outros meios de comunicação, capaz de conquistar, ao mesmo tempo, públicos de diferentes faixas etárias; crianças, jovens, adolescentes e adultos interessados por assuntos dos mais distintos, e ainda assim cativados pela linguagem dinâmica da 9ª arte.

Os organizadores deste livro acalentam o mais sincero desejo de oferecer aos seus leitores uma visão abrangente, franca e crítica a respeito da função das HQs no contexto adventista.

Os organizadores

1

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O ADVENTISMO BRASILEIRO:

conflitos e aproximações na *Revista Adventista* (1952-2017)

FELIPE CARMO

Mestrando em Língua e Literatura Judaica (USP); Especialista em Teologia Bíblica e Bacharel em Teologia (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia e de Ensino Religioso do Unasp. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

ALLAN NOVAES

Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP), Mestre em Comunicação Social (Umesp), bacharel em Teologia e em Jornalismo (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia do Unasp. E-mail: allan.novaes@unasp.edu.br

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), desde os seus primórdios como movimento, sempre conferiu primazia à publicação de material impresso para a promulgação do evangelho (ver MANNERS, 2009, SCHWARZ e GREENLEAF, 2009, e WHITE, 2010). A difusão da literatura adventista costuma ser metaforizada, nas palavras da escritora mais influente da denominação, Ellen G. White[1], como "multiplicadas e espalhadas tal qual folhas de outono" (WHITE, 1997, p. 5). No Brasil, a importância da "página impressa" para a IASD resultou, em 1906, na publicação do periódico *Revista Adventista* (*RA*), cujos objetivos eram: "alimentar espiritualmente os membros e informá-los mantendo-os atualizados no tocante ao progresso da Obra, além de atuar como elemento unificador da igreja e para aprofundar o conhecimento das verdades bíblicas" (GUARDA, 1985, p. 41).

Como órgão oficial da denominação no país, a *RA* é publicada mensalmente pela Casa Publicadora Brasileira (CPB). Procurando explorar diferentes temas relacionados à confissão adventista e à vida cotidiana do adepto, um dos tópicos abordados no periódico trata do consumo de histórias em quadrinhos (HQs) e sua relação com a religiosidade (ver REVISTA ADVENTISTA, 1954, p. 32 e CRUZ, 1970, p. 14).

Historicamente, sabe-se que a relação dos quadrinhos — em especial os "*comics*" estadunidenses — com a tradição religiosa protestante/evangélica e com os partidos políticos conservadores foi marcada por momentos de tensão e conflito (ver SABIN, 2001 e JONES, 2006). A despeito desse passado conflituoso entre igreja e quadrinhos, além da

[1] Ellen Gould White (1827-1915) é considerada a escritora de maior influência na IASD mundial. Ela escreveu mais de 100 mil páginas sobre uma variedade de tópicos e foi uma das grandes responsáveis pela direção teológica da IASD durante o seu período de formação. Para mais informações sobre a autora, ver Knight (2005), Schwarz e Greenleaf (2009) e Aamodt et al. (2014).

desqualificação do gênero como "subliteratura" (ver GRAVETT, 2005, p.8-11, e MAZUR e DANNER, 2014, p.7-9)[2], intersecções entre quadrinhos e teologia/religião são objeto de pesquisa da academia brasileira nos últimos anos, cujos estudos propõem um olhar sobre a arte sequencial para além dos estereótipos "demonizantes" (ver REBLIN, 2012 e 2014, e BRAGA JÚNIOR e REBLIN, 2015).

Nas pesquisas brasileiras sobre a interface entre a arte sequencial e a religiosidade, dois estudos destacam-se na tentativa de sistematizar essa relação. Reblin (2014) propõe uma classificação com quatro pontos de intersecção entre quadrinhos e teologia[3], constituída a partir do espectro teórico das Ciências da Religião e da Teologia, para analisar os diferentes tipos de percepção do fenômeno religioso, enquanto Braga Júnior (2015) classifica a interface quadrinhos/religião a partir da origem e natureza das publicações religiosas[4]. Seja qual for o tipo de classificação adotado, constata-se que

> a religião integra as mais diversas produções culturais e adquire contornos definidos também nas histórias em quadrinhos em geral e nas histórias do gênero de superaventura (ou gênero dos super-heróis em particular). Por conta de suas características enquanto forma de linguagem, expressão artística e bem cultural contemporâneo, tais narrativas tornam-se um espaço singular como *locus revelacionis* da

[2] *Essa mesma ênfase é encontrada no contexto adventista. Veja o capítulo 1 deste livro.*

[3] *Os quatro tipos são: 1) quadrinhos produzidos por instituições religiosas; 2) quadrinhos com temas intencionalmente e reconhecidamente religiosos; 3) quadrinhos com religião como ilustração contextual; e 4) quadrinhos como expressão das estruturas religiosas e simbólicas (REBLIN, 2014, p. 171).*

[4] *A classificação de Braga Júnior (2015, p. 183) é: 1) produção institucional; 2) referência fragmentada ou neutra; 3) produção satírico-crítica; e 4) produções simbólico-representacionais.*

> experiência religiosa, com a articulação de uma teologia do cotidiano (REBLIN, 2014, p. 176).

Diante da importância de se estudar a intersecção entre religião e arte sequencial, e do cenário emergente de pesquisas na academia brasileira, este capítulo pretende colaborar com os estudos dessa área ao sistematizar o pensamento adventista a respeito das HQs. Ao propor o resgate do valor atribuído a essa literatura a partir da concepção adventista, este capítulo levanta a seguinte questão: qual a opinião da IASD brasileira acerca das HQs, assim como sua relação com as mesmas, conforme a *RA*?

A fim de cumprir com esse objetivo, foram inseridos os vocábulos "quadrinhos" e "gibi" no site do acervo histórico oficial da *Revista Adventista*[5] — que compreende as edições de 1906 a 2017. Na pesquisa, foram encontradas 72 páginas com a aparição do termo "quadrinhos", sem, contudo, a soma de quantas vezes ele ocorre na mesma página. Nem todas as ocorrências relacionam-se ao gênero de "histórias em quadrinhos". O vocábulo "gibi" ocorreu em 24 páginas, sendo apenas 10 delas menções relacionadas ao mesmo gênero. A partir do contexto em que o termo foi localizado, este trabalho segue com a tentativa de sistematizar a opinião da IASD brasileira a respeito das HQs, durante o período entre 1942 e 2017 na *RA* — datas da primeira e da última menção do vocábulo em consideração. Os exemplos oferecidos no texto a seguir não estão dispostos em ordem cronológica, embora os tópicos possam ser compreendidos dessa forma, a fim de facilitar a compreensão do desenvolvimento do pensamento adventista. Uma ênfase poderá ocorrer em determinado período juntamente à outra, ao passo que algumas delas desaparecem com o passar do tempo.

[5] *Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>. Acesso em: 18 abr. 2016.*

AS HQS E A DELINQUÊNCIA JUVENIL (1952-1983)

Ao longo das publicações da *RA*, podemos sistematizar um período em que as HQs eram associadas ao fenômeno da "delinquência juvenil"; ou seja, que a leitura desse material incutia a violência nos jovens, desenvolvendo neles o caráter de um criminoso. Essa ideia já pode ser encontrada na edição de novembro de 1952, no artigo de Nelson Schwantes, intitulado "Que geração é esta?". Em suas palavras, os Gibis são os "fatôres [sic] principais da corrupção da juventude" (SCHWANTES, 1952, p. 6). Contudo, é importante esclarecer que esse período (1952-1983) não confere *prioridade* à associação entre as HQs e a delinquência juvenil de maneira restrita; podemos apenas constatar que essa associação existiu durante um período de 31 anos, mas decresceu com o passar do tempo, sendo completamente omissa a partir de novembro de 1983.

Quando as HQs eram relacionadas à delinquência juvenil, os autores pretendiam enfatizar que o consumo desse material inspirava a rebeldia e a violência entre os mais jovens. O argumento costumava ser reforçado por três fatores: 1) a menção de estatísticas que apontavam à relação entre o desenvolvimento da criminalidade e o consumo das HQs (ver MALTY, 1957; SCHWANTES, 1952); 2) os noticiários de crimes associados imediatamente à leitura desse material;[6] e 3) as ilustrações fictícias elaboradas como "parabolas" para exemplificar a influência

[6] *Por exemplo, a menção de "um menino de onze anos, que deu um tiro na cabeça do seu pai [e] foi influenciado por uma história em quadrinhos" (NOTAS E NOTÍCIAS, 1954, p. 32); ou de "certo menino que frequentava [sic] a escola paroquial [e] matou a tiro uma senhora vizinha que lhe recusou qualquer coisa que êle [sic] pedia", justamente por ter sido induzido pelas HQs (WHEELER, 1957, p. 30).*

perniciosa das HQs no comportamento juvenil (ver WHEELER, 1957). Em resumo, o aumento da violência e da criminalidade era diretamente proporcional ao consumo das HQs: "se alguém decidisse mostrar às crianças como roubar, assaltar, e invadir residências, não poderia elaborar plano melhor do que oferecer-lhes histórias em quadrinhos" (CRUZ, 1970, p. 20).

Contudo, é importante esclacer que a associação entre o crime e a leitura das HQs não se originou no círculo adventista, que se utilizou de um discurso popular para fundamentar o seu julgamento. Por exemplo, na edição de julho de 1966, a *RA* se utiliza do mesmo argumento, mas agora em referência ao responsável por sua elaboração: o psiquiatra estadunidense Fredric Wertham (MARKS, 1966). Nos Estados Unidos, Wertham foi o responsável por uma grande comoção contra as HQs a partir da publicação da obra *Seduction of the Innocent* ["Sedução do Inocente"] (WERTHAM, 1954), popularizada por outras publicações anteriores. O psiquiatra acusava as editoras de familiarizar os adolescentes com o conteúdo das HQs, que militavam contra a "moral e os bons costumes". O ponto culminante de sua tese sugere que o consumo e a leitura de materiais desse gênero seriam os responsáveis pelo aumento da criminalidade e da delinquência juvenil (ver WETHAM, 1948; 1953; 1955). Consequentemente, o mesmo argumento contra as HQs será refletido na *RA*, reforçado pelas credenciais de Wertham e sua influência na época:

> O Dr. Frederico Werthan, psiquiatra e director [sic] da clínica Lafarge, da cidade de Nova York, após longo comentário, declara que jamais houve um tempo em que o vício e a corrupção jorraram com tanta abundância das revistas em quadrinhos (MARKS, 1966, p. 14).

A comoção estadunidense introduzida pelos esforços de Wertham foi a responsável pelo período do regimento *Comics Code Authority* (CCA), que censurava

ou regulava o conteúdo das HQs entre 1954 e 1971 (ver CALLARI, 2013, p. 6-11; OPPERMANN, 2004, p. 32).[7] Muito embora sua influência seja notória, principalmente entre as comunidades protestantes, Werthan era acusado de exageros argumentativos entre os seus contemporâneos. Com o passar dos anos, a tese foi desacreditada pela descoberta de que seus estudos clínicos eram manipulados, como o próprio psiquiatra chegou a confessar (ver TILLEY, 2012). Mesmo assim, a *RA* persistia no pressuposto de que o conteúdo apresentado nas HQs "dominavam" a mente do leitor a ponto de conduzi-lo a comportamentos agressivos,[8] ou até mesmo à imoralidade sexual (ver TIO LUIS, 1981, p. 45) e, portanto, elas deveriam ser evitadas pelos cristãos adventistas.

Voltando à associação entre as HQs e a delinquência juvenil, talvez o exemplo que caracterize melhor essa relação seja encontrado nas ilustrações fictícias que eram elaboradas para a revista com frequência. Em duas delas encontramos a ocasião em que a *RA* divide o público infantil em dois: os "bons adventistas", que rejeitavam as HQs, e os "maus adventistas", que as consumiam. Por exemplo, na edição especial de 1955, dois personagens são introduzidos em uma ilustração: Dito e Bento (ver MAXWELL, 1955b, p. 29). Ambos são descritos, mesmo que nas entrelinhas, como leitores de HQs. Contudo, a ilustração informa que Dito se converteu e passou a ler "nossas boas revistas", ao passo que Bento permaneceu "horas e horas lendo revistas em quadrinhos". Com o

[7] Na RA, a menção a um "projeto de lei que proibe o registro de textos e desenhos que contenham sugestões de crimes, de violência ou de má conduta" pode ser uma alusão ao CCA (NOTAS E NOTÍCIAS, 1954, p. 32).

[8] H. P. de Castro Lobo, por exemplo, argumenta que a "ficção desenhada", isto é, as HQs, como qualquer outra ficção, domina a mente de seus leitores, tornando-os vítimas de uma enfermidade mental (LOBO, 1983a, p. 42). Ele entende também que as "brigas, tiroteios, violência, terror etc." atacariam diretamente o "subconsciente da criança" com consequências futuras imprevisíveis (LOBO, 1983a, p. 43).

tempo, os garotos cresceram: Dito tornou-se um ministro do evangelho; quanto a Bento, "quando pela última vez dêle [sic] ouvimos, estava na penitenciária (MAXWELL, 1955b, p. 29).[9] Em outra ocasião, a criança boa é descrita como aquela que lê a Bíblia, gosta de decorar versos e estuda diariamente a Lição da Escola Sabatina; por outro lado, a criança ruim é aquela que "gosta de ler revistas em quadrinhos e livros da biblioteca que não têm muito valor" (REVISTA ADVENTISTA, 1983, p. 27). Estas últimas serão caracterizadas como as mais violentas, com fortes inclinações à criminalidade:

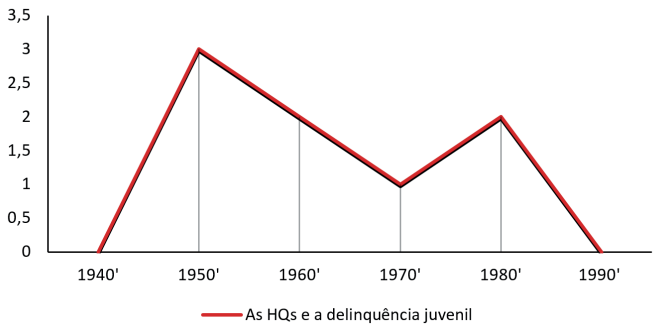
> A qualidade de menino ou menina que vocês são, manifesta-se pelo que vocês fazem. Uma pessoa não pode gastar o tempo com revistas de quadrinhos e ainda assim ter um espírito e um coração puros. Mais ou menos um ano atrás, certo menino que frequentava [sic] a escola paroquial, matou a tiro uma senhora vizinha que lhe recusou qualquer coisa que êle [sic] pedia. Quando a polícia foi a casa dêle [sic] a fim de prendê-lo, êle [sic] estava sentado lendo uma revista de quadrinhos, dizendo: "Foi isto que me levou a fazer tal coisa" (WHEELER, 1957, p. 30).

Como observamos acima, o período de aproximadamente 31 anos que associou o consumo das HQs à delinquência juvenil não se restringiu ao mesmo assunto no escopo dessa temática. Mesmo assim, podemos constatar que a relação entre a leitura das HQs e o crime diminuiu com o passar do tempo, a ponto de encontrar-se completamente omissa a partir de novembro de 1983. Ainda assim, as HQs eram associadas à criminalidade com frequência *crescente* na década

[9] A ilustração foi inserida no contexto de "dízimos e ofertas", exemplificando a utilização do tempo como parte da mordomia cristã. Em outras palavras, o tempo deve ser utilizado com coisas santas, do contrário, a criança poderá experimentar más consequências no futuro.

de 1950; a partir de então, a relação *decresce*. O gráfico abaixo ilustra os momentos de ascensão e decréscimo da relação entre as HQs e a delinquência juvenil, assim como o seu período de duração na *RA*:

GRÁFICO 1 — MENÇÕES DAS HQS COMO CAUSA DA DELINQUÊNCIA JUVENIL (1952-1983)



AS HQS E A LITERATURA DE MÁ QUALIDADE (1942-1987)

As publicações da *RA* relacionadas às HQs também veiculavam a opinião de que elas estariam no rol da "má literatura", isto é, entre as produções textuais de qualidade e cultura inferiores. Esse julgamento se utilizava de diversas expressões sinônimas, como "aquilo que não presta" (HARDINGE, 1953, p. 20), "sub-literatura [sic]" (BARBOSA, 1979, p. 42) entre outras. Quando as HQs eram mencionadas nesse contexto, a *RA* compreendia que o consumo do material ocasionava a perversão do gosto pelos bons livros, justamente por comunicar conteúdo imaginário em vez de textos com profundidade espiritual e intelectual (ver CAMPOS, 1942; MALTY, 1957; SANTOS, 1958; REVISTA ADVENTISTA, 1984). Em termos ilustrativos: a criança boa gosta de ler a Bíblia, decorar

versos e estudar diariamente a Lição da Escola Sabatina; a criança má "gosta de ler revistas em quadrinhos e livros da biblioteca que não têm muito valor" (REVISTA ADVENTISTA, 1983, p. 27). Em suma, a *RA* argumentava a partir de três pressupostos: 1) as HQs pervertem o gosto pela boa literatura por veicular conteúdo imaginativo (ver TORRES, 1962); 2) por serem classificadas como "ficção", as HQs devem ser proibidas em função dos conselhos de Ellen G. White (ver LOBO, 1983a, p. 43; HOLTZ, 1963); e 3) o gênero das HQs causa sérias deficiências intelectuais no leitor, justamente por somar ilustrações ao texto (ver HOLTZ, 1963).

Por exemplo, entre os artigos que comumente sugeriam temas para semana de oração juvenil, Eurico E. Hare contrasta a leitura da Bíblia à das HQs. Para ele, existe "uma coisa [...] que tirará o apetite de uma pessoa para com a palavra de Deus [...] ler as revistas em quadrinhos" (HARE, 1960, p. 22). De maneira semelhante, Roy F. Cottrell (1959, p. 39) trata da conversão de um pastor batista ao adventismo e qualifica essa transição como vantagem, visto que a "'Igreja [adventista] tem altas normas de recreação' [e] me 'emancipa de ser um apaixonado pela televisão, e a meus filhos de serem escravos das revistas em quadrinhos'". Por serem contrastadas às "altas normas de recreação" e por "escravizarem" seus leitores, as HQs se configuram como literatura que perverte o ser humano, rebaixando-o a uma situação inferior. Um outro exemplo encontra-se no artigo "Série porque nossos filhos se afastam de Deus VII: o que leem nossos filhos?", de Alfredo Holtz. Nele, o autor alerta aos pais (adventistas) acerca da importância de controlar o tipo de literatura consumida por seus filhos.[10] As HQs não representam o foco essencial do artigo, embora

[10] *Segundo o autor, a leitura das HQs pode ocorrer como influência de uma vida na "sociedade escolar", onde o aluno, por influência do professor, é introduzido à literatura diferenciada daquela comum à "educação cristã" (HOLTZ, 1963, p. 9).*

grande parte da argumentação faça referência a elas como as responsáveis pela indiferença das crianças aos assuntos espirituais encontrados, segundo ele, na "boa literatura". Nas palavras de Holtz,

> Às vezes ouvimos pais dizerem: "Meu filho era tão bonzinho e desde que começou a ler as tais revistas em quadrinhos, virou a cabeça e só pensa em malandragens com ideias [sic] de 'mocinhos'. Agora não quer estudar nem ler bons livros" (HOLTZ, 1963, p. 9-10).

Além de ser um dos poucos artigos até então que aborda a temática das HQs de maneira objetiva, é provável que seja o primeiro na *RA* a relacioná-las aos escritos de Ellen G. White. Holtz faz referência a livros como *Mensagens aos Jovens* (WHITE, 2007, p. 270 e 272) e *Conselhos aos professores, pais e estudantes* (WHITE, 2008, p. 345). Contudo, essa associação não ocorre de forma direta: em nenhuma das citações de Ellen G. White encontramos o termo "histórias em quadrinhos", ou similares; a relação se mantém no artigo de Holtz porque seu argumento se configura contra o consumo de ficção. Visto que as HQs compõem características semelhantes ao gênero — uma "ficção desenhada" (LOBO, 1983a, p. 43) —, o autor a qualifica como "má literatura". Em outras palavras, as HQs são criticadas no artigo de Holtz a partir das citações de Ellen G. White por serem classificadas como "ficção" e não por suas distinções como "história em quadrinhos".[11] O mesmo fenômeno ocorrerá nos artigos de H. P. Castro Lobo (1983a, p. 42-43; 1983b, p. 38-39), intitulados "Os perigos da ficção I" e "Os perigos da ficção II". Lobo se utiliza de longas citações de Ellen

[11] *Para uma análise mais demorada sobre as citações de Ellen G. White a respeito do consumeo de ficção, ou literaturas do gênero, veja o artigo de Milton L. Torres (2013, p. 153-161).*

G. White para tratar o tema da ficção e inclui as HQs como um gênero cujos objetivos são semelhantes.

Com efeito, o hábito de consumir HQs resultaria na "falta de cultura" e no fato absurdo de serem encontradas "mesmo nas mãos de pessoas que possuem seus belos diplomas" (BONINI, 1955, p. 9). De alguma forma, a leitura de outras obras literárias trariam mais benefícios à educação do jovem adventista, a ponto de categorizar aqueles que consumiam HQs como ignorantes (BARBOSA, 1979, p. 42). Alfred Holtz (1963, p. 9-10), por exemplo, afirma que os quadrinhos criam "uma preguiça mental, pois as ilustrações fazem com que a criança não se dê ao trabalho de pensar". Desta afirmação pode-se inferir que a crítica da *RA* contra as HQs como literatura inferior não se restringia apenas ao seu conteúdo "imaginário", ou à ideia de que elas afastariam os jovens da Bíblia: o próprio gênero da arte-sequencial, caracterizado por figuras e balões de texto, seria prejudicial à educação cristã adventista. À "preguiça mental" ocasionada pela leitura de textos acompanhados por ilustrações, somam-se os efeitos do consumo de ficção, visto que ela "domina a mente" de seus leitores, que permanecem como vítimas de "enfermidade mental" (LOBO, 1983a, p. 42). Em suma, a proibição da leitura das HQs tem como objetivo principal a manutenção da saúde da mente, visto que, "sejam quais forem as áreas em que ela opera, jamais leva para lá virtudes apreciáveis" (LOBO, 1983a, p. 42); elas desperdiçam "energia mental, esforço visual" (LOBO, 1983a, p. 43). Sendo assim, as HQs serão categorizadas como literatura para ignorantes, à semelhança dos livros de ficção; porém, com o acréscimo de que as ilustrações no texto corroborariam como o processo de preguiça mental.

Entretanto, quando se tratava de escolher uma "boa literatura", a *RA* não conferia muitas opções. Ela concordava que os únicos livros e revistas dignos de leitura se resumiam, basicamente, à Bíblia, aos escritos de Ellen G. White e às revistas da instituição (MAXWELL,

1955b; MALTY, 1957; HOLTZ, 1963). Em outros termos, os leitores adventistas eram aconselhados pela *RA* a desenvolver uma cultura literária que privilegiasse as produções de seu próprio círculo, o contrário poderia ser interpretado como um desfavor aos esforços dos editores, pastores e professores da instituição:

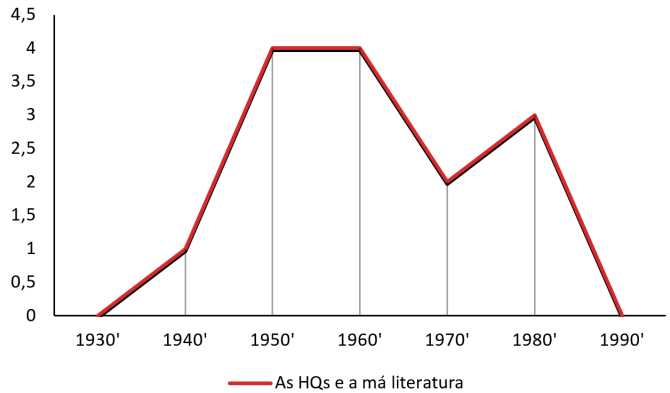
> Todos têm uma parcela de responsabilidade, a Casa [CPB] pode produzir, professores e pastores indicam, sugerem; e aos pais cabe colocar diante dos filhos a literatura que edifica, instrui e colabora efetivamente na formação do único patrimônio que sobreviverá à eternidade — o caráter (OLIVEIRA, 1987, p. 2).

No mesmo sentido, ao apontar os malefícios do consumo das HQs, por exemplo, Hélio Cruz (1970, p. 20) chega a exortar os leitores com as palavras: "Leiamos o que é nosso!" Este apelo ocorria, especialmente em relação às HQs, em virtude da popularização da revista *Nosso Amiguinho* como opção adventista ao consumo da "literatura malsã" (SANTOS, 1958, p. 39). Embora seja tratada com mais detalhes em capítulo posterior, é importante acrescentar que a revista *Nosso Amiguinho* é referida na *RA* como a "única do gênero" entre os adventistas (MALTY, 1957, p. 25). Com efeito, o contraste é construído naturalmente: as HQs permanecem como literatura perniciosa e a revista *Nosso Amiguinho* como a solução para o problema (ver REVISTA ADVENTISTA, 1961; CRUZ, 1970; ALMEIDA, 1954).

A primeira associação das HQs à literatura de má qualidade ocorreu dez anos antes da menção que as relacionava à delinquência juvenil, em artigo intitulado "A boa literatura", por Gutemberg de Campos (1942, p. 10-11). Essa informação possibilita a inferência necessária de que, na *RA*, a primeira crítica contra as HQs se configurou como uma crítica ao consumo da literatura de má qualidade. Essa ênfase, contudo, não será mais evidenciada a partir de abril de 1987, somando um

período de aproximadamente 45 anos de vigência. À semelhança da crítica em associação à delinquência juvenil, a crítica às HQs como má literatura percorrerá os anos de maneira *decrescente*, apresentando seu auge entre as décadas de 1950-1970. O gráfico abaixo ilustra os momentos de ascensão e decréscimo dessa relação, assim como o seu período de duração na *RA*:

GRÁFICO 2 — MENÇÕES DAS HQS COMO MÁ LITERATURA (1942-1987)

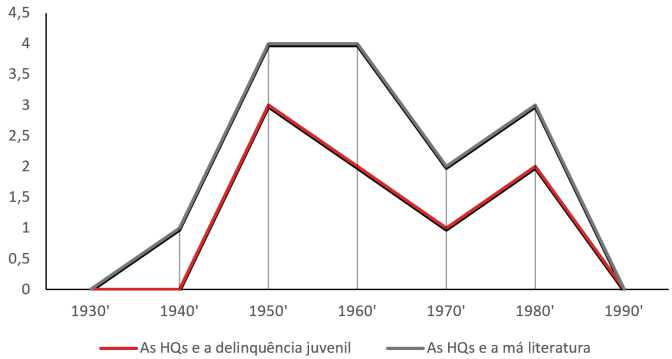


Portanto, fica evidente que ambas as críticas mencionadas até aqui caminharam juntas durante um breve período de tempo. Isto é, em paralelo à associação das "HQs com a delinquência juvenil" (1952-1983), a *RA* também veiculava a relação delas com a "falta de cultura" (1942-1987), conforme analisamos acima. A este período de encontro entre ambas as *relações negativas* entre a *RA* e as HQs denominaremos de período da "perspectiva demonizante".[12] Embora

[12] *Neste ponto, é importante destacar que apenas uma única menção às HQs parece não classificá-las de uma perspectiva demonizante, embora permaneça omissa a respeito de sua opinião: "conquanto possa haver aí algo instrutivo, há também muito material imprestável. Com efeito, pouco se salva da multidão de histórias em quadrinhos" (LOBO, 1983a, p. 43).*

oscilem em constância, ambas permaneceram juntas durante um longo período de tempo, caracterizando a posição proeminente da revista a respeito das HQs entre as décadas de 1940-1980, conforme observamos no gráfico a seguir:

GRÁFICO 3 — AS HQS DE UMA PERSPECTIVA DEMONIZANTE (1942-1987)



AS HQS E A PÁGINA IMPRESSA (1974-2017)

A partir de 1974, a *RA* inicia a caminhada para uma nova ênfase sobre as HQs em suas publicações. Embora nesse período a opinião de que as HQs promoviam a delinquência juvenil e a preguiça mental ainda seja evidente, a revista aposta no gênero da arte-sequencial como uma opção para as suas publicações. Em suma, a *RA* menciona seis diferentes iniciativas da IASD em prol da promoção das HQs: 1) a publicação de charges/tirinhas mensais no editorial da *RA*; 2) a propaganda das HQs sobre a Bíblia, os "heróis de verdade" e a "natureza em quadrinhos", publicadas na revista *Nosso Amiguinho* (*NA*); 3) o planejamento de projetos que, por motivos desconhecidos, não foram concluídos; 4) a noticiação de esforços de produções independentes

entre os diferentes departamentos da IASD; e 5) os esforços acadêmicos iniciados na elaboração de HQs jornalísticas.

Fonte: *Revista Adventista*, abr. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Em primeira instância, na edição de março de 1977, por exemplo, a *RA* introduz uma inovação às suas edições: mensalmente, algumas ilustrações passam a ser inseridas logo após o editorial da revista, com o intuito de fazer menção especial a um artigo. Em geral, elas poderiam ser classificadas nas categorias de "charges" ou "tirinhas" — embora não seja obetivo de trabalho estabelecer um critério para essa classificação. Neste ponto, é importante apenas enfatizar que elas *não possuíam um enredo objetivo em si*; sua utilidade era meramente propagandista por chamar atenção a algum artigo dentro da revista — normalmente, artigos com temas mais polêmicos ou questões teológicas-doutrinárias.

O costume de inserir charges/tirinhas dessa natureza na *RA* parece iniciar-se no mês de março de 1977 e se encerrar em outubro de 1980 — abrangendo, assim, três anos e oito meses. Por motivos desconhecidos, as edições especiais de 1977, 1978 e 1979 (publicadas ambas no mês de novembro) não apresentaram nenhuma charge/tirinha. No total, somavam-se 43 delas durante o período descrito. As charges/ti-

Fonte: *Revista Adventista*, mai. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservadoss

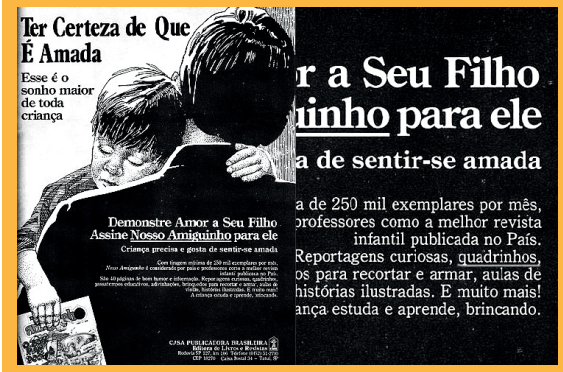
rinhas não possuíam títulos e, em apenas algumas ocasiões, não apresentavam a assinatura dos autores. A maioria delas são legíveis, sendo possível reconhecer "Côrte Real", "Juarez", "Wanderley" e "Heber", sendo Juarez o ilustrador com maior número de contribuições. Tanto a edição de novembro de 1980 quanto a edição especial do mesmo ano também omitiram o material, inaugurando, a partir de então, a ausência total das charges/tirinhas na *RA*.

Uma segunda ocasião em que a *RA* promove as HQs pode ser evidenciada, por outro lado, na edição de maio de 1974 que comentava a respeito da produção de um novo periódico chamado *Guia Juvenil*, "objetivando servir aos juvenis, no estilo do seminário *Guide* publicado nos EUA" (REVISTA ADVENTISTA, 1974, p. 16). A *RA* informa que irá incluir, entre outras novidades, "histórias bíblicas em quadrinhos". O artigo, em formato de conversação, alega que a revista *NA* está iniciando uma série de histórias bíblicas em quadrinhos coloridos que correspondem àquelas apresentadas nas lições dos primários" (REVISTA ADVENTISTA, 1974, p. 17). A partir dessas informações, entende-se que as HQs como "gênero", pelo menos na metade da década de 1970, não eram necessariamente condenáveis. Embora, em ocasião anterior, fosse alegado que a leitura de imagens pudesse ocasionar "preguiça mental" nas crianças, esse tipo de literatura demonstrou-se útil à promoção da ideologia adventista. Entretanto, somente em edições posteriores a *RA* publicará em seu periódico mensal algumas propagandas mais específicas a respeito das histórias bíblicas em quadrinhos na revista *NA*.

Além disso, a *RA* informa que o gerente de produção da CPB nessa época, Miguel Souza, ao viajar à Europa em busca do conhecimento tecnológico para a imprensa adventista no Brasil, visitou a editora adventista alemã, em Harmburgo. Ao assitir uma palestra naquela ocasião, Miguel Souza alega:

> A editora [alemã] se interessou em publicar em alemão as mesmas histórias em quadrinhos que saem na revista *Nosso Amiguinho*. O mesmo interesse demonstraram nossos irmãos da Review and Herald, pois não possuem algo semelhante. A Pacific Press reagiu da mesma forma (NOTICIÁRIO, 1977, p. 24).

A alegação de que "não possuem algo semelhante" (na Alemanha e nos EUA) pode indicar que a iniciativa de inserir histórias bíblicas em quadrinhos nos periódicos juvenis ocorreu como uma inovação brasileira, influenciando alguns periódicos estrangeiros da denominação. Por outro lado, a *RA* noticia que a imprensa adventista passa a explorar o gênero da arte sequencial e sugerir histórias além daquelas relacionadas às temáticas bíblicas. Em janeiro de 1984, tem-se a informação de outro conteúdo em quadrinhos comumente publicado na revista *NA*. Nos termos do noticiário,



Fonte: *Revista Adventista*, jul. 1987 - © 1987 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados.

> Neste tempo cheio de heróis e super-heróis imaginários que lutam contra hiper-inimigos [sic] inexistentes, esta obra fala dos verdadeiros heróis. Aqueles que contribuíram de algum modo para o bem da humanidade. De Tiradentes a Abraão Lincoln, de José Bonifácio a Thomas Edson, heróis dignos de ser imitados. É uma coletânea de histórias em quadrinhos, em que cores, publicadas na revista *Nosso Amiguinho*, nos últimos anos (REVISTA ADVENTISTA, 1984, p. 28).

A esse respeito, a edição de dezembro de 1985 acrescenta que "o sucesso de Heróis da Verdade levou-nos a partir para a produção de mais um livro de histórias em quadrinhos" (OLIVEIRA, 1985, p. 14). Essa alegação surge no contexto em que a autora expõe a maneira de a CPB atender as faixas etárias e, inclusive, algumas novas propostas para o futuro. Assim, evidentemente, a publicação de histórias dos "verdadeiros heróis" estaria em oposição ao sentimento de que os heróis das HQs seculares não eram dignos de credibilidade, por serem imaginários. Contudo, as HQs publicadas pela imprensa adventista abrangiam temas que não necessariamente reagiam à literatura secular. Na edição de agosto de 1980, por exemplo, uma das páginas iniciais faz propaganda do periódico *NA*, mencionando uma história chamada "O crocodilo", com a informação de ser uma "história em quadrinhos" (REVISTA ADVENTISTA, 1980, p. 3). Evidência de que as HQs também abordavam temas relacionados à fauna pode ser vista na propaganda ao lado.

Não obstante às produções em quadrinhos dentro da variedade descrita acima, a *RA* noticia alguns projetos idealizados pela IASD que não prosperaram — ou que nunca foram mencionados posteriormente. Ao abordar o desenvolvimento histórico dos periódicos adventista no Brasil, Márcio Dias Guarda (1985, p. 40-43) procura descrever as propostas de cada periódico da instituição (*Revista Adventista*, *Vida e Saúde* etc.), assim como seus objetivos para o futuro. Quando informa ao leitor a respeito dos planos para a revista *NA*, o autor alega que a CPB almeja confeccionar "uma série de histórias em quadrinhos ba-

seadas na Vida e Ensino de Jesus" (GUARDA, 1985, p. 43). Segundo o autor, essa meta seria atingida, muito provavelmente, ainda no ano de 1986. Por ocasião da notícia, a edição de novembro de 1986 da *RA* apresenta um dos responsáveis pela criação dos personagens da série *NA*, dentre outros trabalhos da CPB: o desenhista Heber Pintos Britos (ver REVISTA ADVENTISTA, 1986, p. 33).

A convite da Pacific Press, nos anos de 1983-1984, Heber "preparou as ilustrações da série a Vida de Jesus Ilustrada em Quadrinhos" (REVISTA ADVENTISTA, 1986, p. 33). Por estar fora do país, a notícia informa que a série já havia sido traduzida ao inglês, castelhano e, dentro de pouco tempo, seria traduzi-

Fonte: *Revista Adventista*, set. 1987 - © 1987 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados.

da ao japonês. Contudo, não há informação na *RA* a respeito da tradução da HQ à língua portuguesa. Apenas com a notícia de seu falecimento existe a informação de que Heber "produziu 179 ilustrações para a série *La Vida de Jesús* publicada pela Pacific Press" (REVISTA ADVENTISTA, 2008, p. 37), que provavelmente não foi traduzida ao português.

Outro exemplo pode ainda ser encontrado na edição de janeiro de 1997. Ao falar sobre o "Concílio Anual da Divisão Sul-Americana", realizado entre os dias 31 de outubro e 7 de novembro de 1996, a *RA* reserva uma parte do artigo para informar os leitores a respeito dos planos da IASD para o futuro. Em um de seus destaques, a revista alega que "um plano que envolve as casa publicadoras da DSA é a possibilidade de publicação de *O Conflito dos Séculos* em quadrinhos, em forma de revista, para comemorar, em 1998, os 200 anos do começo do Tempo do Fim" (REVISTA ADVENTISTA, 1997, p. 13). Contudo, não há informações no periódico sobre esse projeto, que provavelmente não prosperou com o passar dos anos.

Por outro lado, em detrimento das idealizações não concluídas, a *RA* passa a noticiar, em ocasiões esparsas, iniciativas de produção de HQs independentes. Ela noticia, por exemplo, um "megacampuri" administrado pela União Sul da IASD, o "7º Campuri de Desbravadores da União Sul-Brasileira", realizado no Parque de Exposições Assis Brasil, em Esteio, na grande Porto Alegre, RS, nos dias 8 a 12 de outubro. Na programação, um dos "pontos altos" descritos no evento foi "o lançamento da revista em quadrinhos *Aventuras*, própria para desbravadores" (REVISTA ADVENTISTA, 1998, p. 16). Além dessa ocasião, a *RA* informa seus leitores sobre uma programação que envolveu 12 distritos de São Paulo, com mais de mil pessoas batizadas, é dito que o "evangelismo infantil" utilizou-se da "Turminha do Apocalipse", com histórias bíblicas, músicas e brincadeiras. Informa-se

que essa iniciativa "culminou na publicação de uma revista em quadrinhos com personagens que apresentam a mensagem profética na linguagem infantil" (ARAGÃO, 2009, p. 30).

Outra notícia documentada a respeito das HQs na *RA* diz respeito a uma iniciativa acadêmica que se apropriou do gênero para além de seus objetivos evangelísticos. Em dezembro de 2013, um aluno do Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp-EC), Jean Monteiro, recebe o prêmio HQ Mix[13], em agosto do mesmo ano, ao apresentar o seu trabalho de conclusão de curso. Orientado pelo professor Allan Novaes, "o projeto consiste em um livro-reportagem em quadrinhos que fala sobre a importância do jornalismo em quadrinhos e os desafios enfrentados pelo repórter que se arrisca nessa modalidade" (REVISTA ADVENTISTA, 2013, p. 40). O trabalho conjunto de Novaes e Monteiro pode ser considerado, à luz da relação entre o adventismo e as

Página da HQ Turminha do Apocalipse.

[13] *O "Troféu HQ Mix" é considerado como uma das premiações mais tradicionais do ramo das HQs no Brasil. Ele tem a intenção de divulgar, valorizar e premiar a produção de HQs brasileiras.*

HQs refletida na *RA*, como uma apropriação das HQs para fins jornalísticos, uma evidência de que as HQs passam a ser valorizadas no ambiente acadêmico da IASD.

Recentemente, a edição da *RA* em fevereiro de 2017, noticia a publicação de um livro intitulado *Sócrates: o garoto curioso*. Nessa ocasião, ao fazer a propaganda do livro, a *RA* alega que o conteúdo do material "é transmitido por meio de histórias em quadrinhos e atividades" (REVISTA ADVENTISTA, 2017a, p. 49), evidenciando a utilização do gênero em conjunto a outras linguagens. No mês seguinte, março de 2017, em notícia intitulada "Surpresa na porta do cinema", a revista informa ao leitor que, por ocasião do lançamento do filme *Até o último homem* — que conta a história de um soldado americano adventista —, foi distribuída uma HQ com o objetivo de fazer uma ponte entre o consumidor do filme a IASD. Nos termos da *RA*, "Em frente às salas de cinema de dois shoppings, eles presentearam espectadores com exemplares do livro *Soldado Desarmado*, biografia recém-lançada pela CPB, e de uma revista em quadrinhos sobre Desmond Doss" (REVISTA ADVENTISTA, 2017b, p. 9).

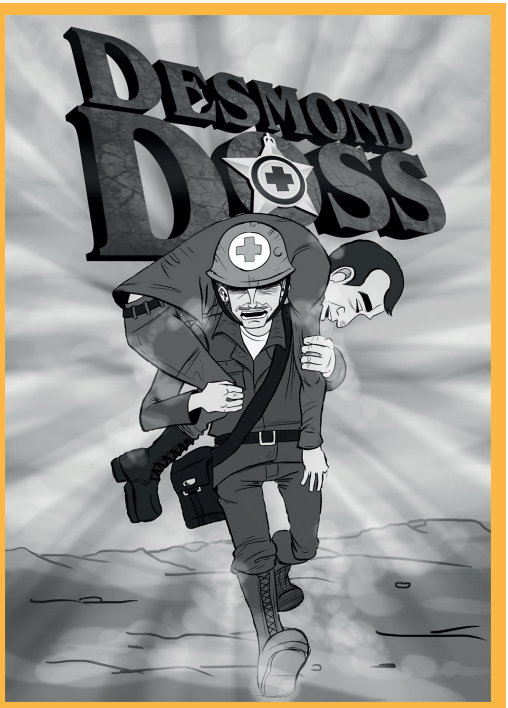
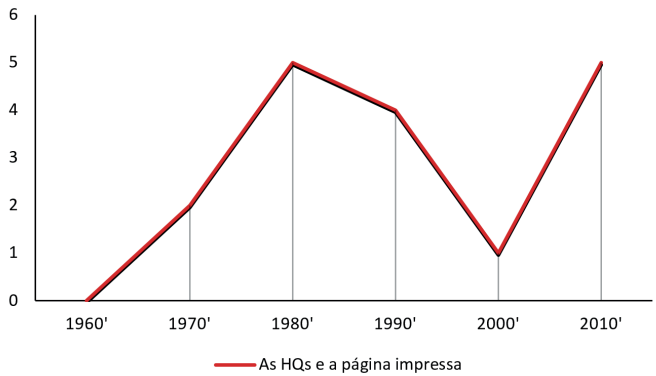


Ilustração de Capa da HQ Desmond Doss

Em suma, as diversas iniciativas idealizadas pela IASD e noticiadas pela *RA* para a promoção das HQs, como parte das publicações adventistas, iniciou-se em 1974 e, pode-se afirmar, con-

tinuam ainda vigentes, somando-se um período de 42 anos até 2017. Durante esse período, a *RA* informa aos seus leitores que a IASD investe na produção de HQs que abrangem desde charges/tirinhas a histórias sobre animais em quadrinhos. Como indica o gráfico abaixo, menções às HQs na *RA* são cada vez mais constantes e, pode-se inferir, o engajamento da IASD na produção desse tipo de literatura também. Ainda assim, em virtude do engajamento acadêmico, as HQs parecem ganhar alguma força:

GRÁFICO 4 — MENÇÕES DAS HQS NA PÁGINA IMPRESSA (1974-2017)



AS HQS E O GRANDE CONFLITO[14] (1960-2013)

A última ênfase da *RA* a respeito das HQs, embora possa ser inferida em edições mais antigas, é encontrada de forma mais clara a partir de 1960. As HQs são,

[14] *O tema do "grande conflito" na IASD diz respeito ao conflito cósmico entre Cristo e Satanás. Essa batalha tem como objetivo de disputa o caráter de Deus. De um lado, Cristo estaria vindicando-o, ao passo que Satanás procura perverte-lo de outro.*

segundo a opinião da revista, "coisas que Satanás quer que [os jovens] leiam" (HARE, 1960, p. 22). Essa ênfase não apenas atribui às HQs a categoria de "má" ou "imprestável": esse tipo de literatura é encarada como uma ferramenta satânica, utilizada como plano premeditado de Satanás para desviar o caminho dos cristãos.

Em artigo intitulado "Erradicando as reminiscências do paganismo", por exemplo, J. Laerte Barbosa afirma que as mesmas tendências pagãs da antiguidade continuam a rodear o cristianismo vigente (na época, 1979), mas representadas de maneira distinta. Tais reminiscências são "alheias à lídima índole da Igreja Adventista do Sétimo Dia" e "traços intrusos" (BARBOSA, 1979, p. 40). O autor, grosso modo, encoraja os leitores a deixar de lado as expressões populares que façam referência ao catolicismo ("nossa senhora"), ao espiritismo ("quanto mais rezo, mais assombração me aparece"), ao futebol ("o evangelista está marcando gol") etc. Na seção "Das literaturas nefandas, histórias em quadrinhos etc.", o autor exorta à não utilização de termos que façam referência às expressões "comuns de autores do mundo da sub-literatura [sic]" (BARBOSA, 1979, p. 42). As HQs, nesse sentido, estariam, juntamente com outros jargões populares, tornando "pagã" a "pura linguagem denominacional" com expressões como "o pregador fez um trabalho que não estava escrito no gibi" (BARBOSA, 1979, p. 41 e 42).

As ditas "influências teológicas" ou "pagãs" que as HQs poderiam proporcionar são apresentadas com mais clareza na edição de julho de 1988. A *RA*, na conclusão de uma série de artigos intitulada "O Espetáculo Paralelo de Satanás", adverte a respeito das diversas influências do espiritismo moderno na sociedade. Uma delas seria a literatura infantil "Mônica" que, ao apresentar personagens como Anjinho, Penadinho e Cranícola, estariam criando "na mente infantil uma 'agradável familiaridade' com os espíritos" (GRELLMANN, 1988, p. 13-14). Assim, a *RA* considerava perigoso o hábito de

consumir conteúdos que, porventura, contradissessem suas doutrinas fundamentais.

Além dessa perspectiva, a *RA* promoveu um argumento contra o conteúdo das HQs que tinha como objetivo associá-la ao engano, notadamente o engano satânico. Um exemplo que carrega reminscênscias dessa perspectiva encontra-se no artigo intitulado "Quem é o verdadeiro Super-Homem?", de Marcel Régis Volponi Antunes. O autor confessa que o super-homem "era o meu herói favorito", além de comprar revistas em quadrinhos quando criança (ANTUNES, 2007, p. 18). Contudo, o autor acredita que seu costume na infância não era correto, e passa a fazer uma análise do assunto "do prisma espiritual". Antunes compara o personagem com Jesus Cristo, concluindo que

> Os homens, no entanto, não fizeram caso dEle [Jesus Cristo]. Preferem ficção. O inimigo de Deus entorpece as mentes com muitas coisas extraordinárias, porém irreais. O resultado é a confusão, descrença, ceticismo. Lamentam não existir o 'homem de aço', sendo verdade que Alguém muito mais poderoso que ele reina nos Céus, e ninguém se importa [...] Deus não deixará terminar ileso nenhum falsário que se apresenta aos seus filhos como messias. Ele não admite imitações; sempre vindica Seu nome (ANTUNES, 2007, p. 18).

O pensamento a respeito de uma contrafação satânica ganha mais peso teológico com o artigo de Rodrigo P. Silva (1990, p. 37-39), intitulado "A face oculta dos desenhos e Gibis". O texto, em comparação aos anteriores, pode ser considerado o mais "técnico", em virtude de sua contextualização histórica e das citações bíblicas atreladas à argumentação. Em suma, o autor critica: 1) a sensualidade dos colantes masculinos e femininos, denominando-os "síndrome de Lúcifer", e relacionando o tema com a exortação de 1 Coríntios 6:18, "fujam da imoralidade"; 2) critica os temas que fazem

alusão a assassinatos, roubos e utilização de drogas; 3) critica "o uso acentuado do ocultismo e do politeísmo mesclados a tópicos retirados da própria Bíblia", como "evolução, misticismo e mitologia" (SILVA, 1990, p. 38); 4) critica diretamente as HQs de "Thor", "Daredevil", "Batman", "Zé Carioca", "Anjoca e Satanézio" e "Fantasminho", alegando a falta de conteúdo bíblico em cada uma delas; e, por fim, 5) critica o fato de os super-heróis não exigem o auxílio de Deus para lutar contra o mal, dependendo exclusivamente de experiências místicas. Nesse sentido, o consumo que, segundo o autor, não é adequado ao cristão, seria capaz de perverter o conhecimento bíblico de um indivíduo, tornando-se vítima do engano satânico. Em suas palavras:

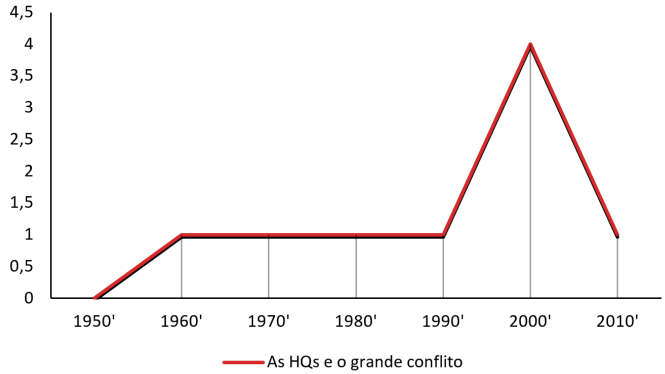
> Os heróis nunca morrem! — essa é a lei do *cartoon*. Se condescendemos com essa lei ao perder tempo com tais entretenimentos, nossa mente, por certo, terá dificuldades em aceitar um Herói que, para salvar, teve de morrer. Pensemos nisto (SILVA, 1990, p. 39).

É provável que o auge da ênfase das HQs como uma ferramenta para o engano satânico possa ser encontrado na edição de março de 2006, em virtude da associação do engano a um conceito teológico particular dos adventistas: o "grande conflito". Essa edição apresenta a propaganda de um livro da autoria do jornalista Michelson Borges (2005), intitulado *Nos bastidores da mídia: como os meios de comunicação afetam a mente*. O anúncio da *RA* carrega o título "A mídia e o grande conflito", como uma dica de leitura nesta edição. Nos termos do artigo: "Michelson Borges procura desvendar os interesses que estão por trás das novelas, filmes, histórias em quadrinhos, videogames, desenhos animados, músicas, RPGs, levando o cristão a fazer uma leitura mais crítica e espiritual daquilo que os meios de comunicação oferecem" (REVISTA ADVENTISTA, 2006, p. 13). E

conclui: "*Nos bastidores da mídia* é ponto de partida indispensável para uma discussão cada vez mais necessária entre os adventistas em todo o mundo; o papel da mídia no desfecho do grande conflito entre Cristo e Satanás" (REVISTA ADVENTISTA, 2006, p. 13). Dessa forma, a obra de Michelson Borges procura sistematizar essa perspectiva em suas diversificadas vertentes midiáticas; as HQs são abordadas no seu livro como um dos meios para a propagação das verdades satânicas no contexto do grande conflito.

Conforme notamos, a associação das HQs com uma contrafação satânica e, por conseguinte, a sua ligação com o "grande conflito" iniciou-se a partir de 1960, embora não tenha se desenvolvido de maneira "evolutiva" — da relação com o paganismo, entende-se que as HQs são instrumentos satânicos, disto, que constituem ferramentas para sua contrafação no grande conflito. Conforme demonstramos no gráfico abaixo, essa ênfase negativa seguiu uma sequência crescente com o passar dos anos e, como pode ser evidenciado, permanece constante:

GRÁFICO 5 — MENÇÕES DAS HQS COMO INSTRUMENTO SATÂNICO NO GRANDE CONFLITO (1960-2013)



À semelhança das duas primeiras ênfases apresentadas neste trabalho, as "HQs e a página impressa" (1960-2013) e as "HQs e o grande conflito" (1960-2013) também ocorreram em paralelo no decorrer dos anos — até 2016, somam 56. Preferimos denominar esse período de "perspectiva sacralizada" onde ambas abordagens positivas e negativas convivem no mesmo contexto, com leve predominância de ênfase positiva. Como aponta o gráfico, a abordagem "sacralizada" iniciou-se, mesmo que sem muita elaboração, na década de 1960. Ao que tudo indica, a *RA* permanece até então veiculando essa perspectiva.

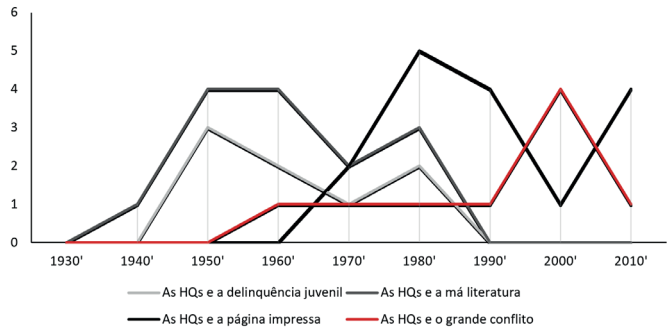
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisa na *RA* as incidências dos termos "quadrinhos" e "gibi", verificamos um número de ocorrências que abrange os anos de 1942 e 2017. Ao passo que as menções às HQs eram analisadas, percebemos que cada uma delas carregava um juízo de valor específico, seja positivo ou negativo. Na tentativa de organizar tais opiniões a respeito das HQs na *RA*, este trabalho as sistematizou de maneira cronológica, observando a frequência de suas ocorrências em determinadas épocas. Apenas a nível de organização, preferimos separar as grandes ênfases em duas perspectivas: 1) a *perspectiva demonizante* (1942-1987): que, basicamente, compreendia as HQs como as responsáveis pela delinquência juvenil e as classificava como literatura de má qualidade; e 2) a *perspectiva sacralizada* (1960-2017): que pode ser identificada na coexistência de duas abordagens opostas: de um lado o investimento na produção de HQs como parte das publicações na IASD e, de outro, a demonização do conteúdo das HQs seculares.

As duas perspectivas foram sobrepostas no gráfico abaixo a fim de que as menções da *RA* a respeito

das HQs possam ser visualizada de uma perspectiva mais ampla, ao mesmo tempo que os dados podem cruzados.

GRÁFICO 6 — MENÇÕES DAS HQS NA REVISTA ADVENTISTA (1942-2017)



Das informações coletadas, podemos afirmar que na *RA*, desde o início da década de 1990, a perspectiva demonizante das HQs sucumbiu por completo. Em outras palavras, da perspectiva da *RA*, as HQs não são mais associadas ao desenvolvimento da delinquência juvenil e, ao mesmo tempo, abandonaram a classificação de literatura de baixa qualidade. Isso deve ter ocorrido, em grande parte, em virtude do investimento da IASD na produção de HQs para a página impressa, tanto na *RA* como na revista *NA*. Como pode ser observado, o maior índice de citações das HQs na *RA* ocorre nos primeiros anos do período de sacralização, notadamente na ênfase "As HQs e a página impressa" que, basicamente, utiliza os quadrinhos como ferramenta educativa e evangelística. Contudo, a revista apresenta uma queda considerável nessa mesma ênfase a partir da década de 1990, evidenciando certo desinteresse da revista a assuntos relacionados — o que pode sinalizar a um desinteresse da própria denominação.

Em contrapartida, no mesmo período em que "As HQs e a página impressa" passam pelo seu pe-

ríodo mais raso, em 2000, a ênfase que a associa as HQs à contrafação satânica e, assim, ao grande conflito, encontra o seu auge. Nesse sentido, talvez seja preciso inferir que, de alguma forma, a ênfase negativa que a *RA* promulga a respeito das HQs influencia na preferência por ênfases positivas no periódico. Em contrapartida, a *RA* cada vez mais confere ênfase na promulgação das HQs como ferramentas evangelísticas com o futuro aparentemente promissor. Ao passo que as HQs são apresentadas dessa maneira, diminui também a ênfase negativa preponderante no século 2000.

REFERÊNCIAS

AAMODT, Terrie *et al.* (ed.). **Ellen Harmon White**: american prophet. New York: Oxford University Press, 2014.

ALMEIDA, José F. Algumas apreciações de Freguêses, a respeito da revista "Nosso Amiguinho". **Revista Adventista**, p. 8, jun. 1954.

ALMEIDA, Wilson de. A Revista das Crianças no Brasil. **Revista Adventista**, p. 37-38, jul. 1990.

ANTUNES, Marcel R. V. Quem é o verdadeiro Super-homem? **Revista Adventista**, p. 18, jul. 2007.

ARAGÃO, Sinval. Evangelismo em 12 distritos leva mais de mil pessoas ao batismo. **Revista Adventista**, p. 30, fev. 2009.

BARBOSA, Laerte. Erradicando as Reminiscências do Paganismo. **Revista Adventista**, p. 40-42, jul. 1979.

BONINI, Iside M. A biblioteca familiar. **Revista Adventista**, p. 9-10, set. 1955.

BORGES, Michelson. **Nos Bastidores da Mídia**: Como os meios de Comunicação Afetam a Mente. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

_____. Superman: Uma Paródia de Jesus Cristo. **Revista Adventista**, p. 21, jul. 2013.

BRAGA JÚNIOR, Amaro. "Configurações das religiosidades nos quadrinhos brasileiros". In: REBLIN, Iuri; BRAGA JÚNIOR, Amaro (orgs.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina, MG: Aspas, 2015.

CALLARI, A. O Comics Code Authority: A Era Negra dos Quadrinhos. **Revista Literatura**, Edição Especial, n. 51, p. 6-11, 2013.

CAMPOS, Gutemberg de. A boa leitura. **Revista Adventista**, p. 10-11, out. 1942.

COTTRELL, Roy F. Testemunho edificante. **Revista Adventista**, p. 3, 39 e 8, nov. 1959.

CRUZ, Hélio. Histórias em quadrinhos: um perigo! **Revista Adventista**, p. 14, jun. 1970.

FONSECA, Odaílson A. De pai para filhos. **Revista Adventista**, p. 8-11, ago. 2009.

GRAVETT, Paul. **Graphic novels**: everything you need to know. New York: Collins Design, 2005.

GRELLMANN, Hélio L. O espetáculo paralelo de Satanás: conclusão. **Revista Adventista**, p. 12-14, jul. 1988.

GUARDA, Márcio D. Folhas de Outono, Inverno, Primavera e Verão. **Revista Adventista**, p. 40-43, dez. 1985.

HARDINGE, Miriam. Como o dia da expiação ensinou o caminho da salvação. **Revista Adventista**, p. 20-21, out. 1953.

HARE, Eurico E. Lições para a Semana de Oração das Crianças. **Revista Adventista**, p. 21-22, nov. 1960.

HOLTZ, Alfredo. Série porque nossos filhos se afastam de Deus VII: o que lêem nossos filhos? **Revista Adventista**, p. 9, mar. 1963.

JONES, Gerard. **Homens do amanhã**: geeks, gângsters e o nascimento dos gibis. São Paulo: Conrad, 2006.

KNIGHT, George. **Em busca de identidade:** o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

LOBO, H. P. de Castro. Os perigos da ficção I. **Revista Adventista**, p. 42-43, fev. 1983a.

_____. Os perigos da ficção II. **Revista Adventista**, p. 38-39, mar. 1983b.

MALTY, Miguel J. As famílias brasileiras querem Nosso Amiguinho: o exemplo do menino gaúcho. **Revista Adventista**, p. 25-26, dez. 1957.

MANNERS, Bruce. **Publish or perish**: the role of print in the Adventist community. VDM Verlag Dr. Muller: Berlin, 2009.

MARKS, Albino. A família: sustentáculo da sociedade. **Revista Adventista**, p. 13-14, jul. 1966.

MAXWELL, Lourenço. Lições para a Semana de Oração das Crianças preparadas por Lourenço Maxwell. **Revista Adventista**, p. 28-29, Edição Especial 1955b.

_____. Lições para a Semana de Oração das Crianças preparadas por Lourenço Maxwell. **Revista Adventista**, p. 24-26, Edição Especial 1955a.

MAZUR, Dan; DANNER, Alexander. **Quadrinhos**: história moderna de uma arte global — de 1968 até os dias de hoje. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

NOTICIÁRIO. Gerente de produção da CPB visita exposição gráfica na Europa. **Revista Adventista**, p. 23-24, out. 1977.

OLIVEIRA, Ivacy F. de. Peixes ou Serpentes? **Revista Adventista**, p. 2, abr. 1987.

_____. de. Nem tudo é História. **Revista Adventista**, p. 13-14, dez. 1985.

OPPERMANN, A. O Doutor que odiava Heróis. **Superinteressante**, Edição 201, p. 32, jun. 2004.

REBLIN, Iuri; BRAGA JÚNIOR, Amaro (orgs.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina, MG: Aspas, 2015.

REBLIN, Iuri. **A superaventura**: da narratividade e expressividade à sua potencialidade teológica. Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, RS, 2012.

_____. Intersecções entre religião e histórias em quadrinhos: balões de pensamento a partir de um olhar à superaventura. **Parallellus**, v. 5, n. 10, p. 161-178, jul-dez, 2014.

REIS, Douglas. "Colha o dia". **Revista Adventista**, p. 18, jun. 2008.

REVISTA ADVENTISTA. A festa do desbravador: União Sul realiza megacampuri de desbravadores. **Revista Adventista**, p. 16-17, dez. 1998.

_____. Surpresa na Porta do Cinema. **Revista Adventista**, p. 9, mar. 2017b.

_____. Amor pelo Saber. **Revista Adventista**, p. 49, fev. 2017a.

_____. A Palavra de Deus: Segunda-feira, 14 de Novembro. **Revista Adventista**, p. 27-28, nov. 1983.

_____. Adventista recebe prêmio nacional de histórias em quadrinhos. **Revista Adventista**, p. 40, dez. 2013.

_____. Contratação exclusiva: O ilustrador Heber Pintos reforça o elenco de artistas da Casa. **Revista Adventista**, p. 33, nov. 1986.

_____. Dicas de leitura: A mídia e o grande conflito. **Revista Adventista**, p. 12-13, mar. 2006.

_____. Falecimentos. **Revista Adventista**, p. 37, fev. 2008.

_____. Imagine durante a Copa! **Revista Adventista**, p. 36-37, jun. 2014.

_____. Juvenis em foco: um elo de ligação. **Revista Adventista**, p. 16-17, 1974.

_____. Nossas Revistas: destaques em agosto. **Revista Adventista**, p. 3, ago. 1980.

_____. Notas e Notícias: a tragédia das revistas em quadrinhos. **Revista Adventista**, p. 32, set. 1954.

_____. Novos redatores e substituição de vagas. **Revista Adventista**, p. 30, fev. 1986.

_____. O auxiliar da Escola Sabatina. **Revista Adventista**, p. 19, ago. 1961.

_____. Projeto Nosso Amiguinho invade Porto Alegre. **Revista Adventista**, p. 16-18, set. 1991.

_____. Propaganda: Ter certeza de que é amada. **Revista Adventista**, p. 48, jul. 1987a.

_____. Propaganda: Ter certeza de que é amada. **Revista Adventista**, p. 48, jul. 1987b.

_____. Saindo das Máquinas. **Revista Adventista**, p. 28, jan. 1984.

_____. Tudo pela Missão: Concílio Anual da Divisão Sul-Americana avalia desempenho e comprova crescimento da Igreja. **Revista Adventista**, p. 12-13, jan. 1997.

RODRIGUES, Edgar. Bonfim e Piraputunga, Mato Grosso. **Revista Adventista**, p. 10, set. 1957.

SABIN, Roger. **Comics, comix & graphic novels:** a history of comic art. London: Phaidon Press, 2001.

SANTOS, Milton. Câmera Municipal de Aracajú: Requerimento n. 177. **Revista Adventista**, p. 39, mar. 1958.

SCHWANTES, Nelson. Que geração é esta? **Revista Adventista**, p. 6, nov. 1952.

SCHWARZ, Richard; GREENLEAF, Floyd. **Portadores de luz**: história da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2009.

SILVA, Rodrigo P. A face oculta dos desenhos e Gibis. **Revista Adventista**, p. 37-39, jan; 1990.

TILLEY, C. L. Seducing the Innocent: Frederic Wertham and the Falsifications That Helped Condemn Comics. **Information and Culture: A Journal of History**, v. 47, n. 4, p. 383-413, 2012.

TIO LUIS. Consultório da Juventude. **Revista Adventista**, p. 45-46, jun. 1981.

TORRES, José A. Publicidade vitoriosa. **Revista Adventista**, p. 24, 1962.

TORRES, Milton L. Ellen G. White e a ficção literária. **Kerygma**, v. 9, n. 2, p. 153-161, 2013.

WERTHAN, Frederich. It's Still Murder: What Parents Still don't know about Comic Books. **The Saturday Review of Literature**, p. 11-15, abr. 1955.

_____. **Seduction of the Innocent**. [S.l.]: Main Road Books, 1954.

_____. The Comic… Very Funny. **The Saturday Review of Literature**, p. 6-11, ago. 1948.

_____. What Parents don't know about Comic Books. **Ladies' Home Journal**, p. 50-61, nov. 1953.

WHEELER, Ruth. Lições para a Semana de Oração das crianças-1957 preparadas pela Sra. Ruth Wheeler. **Revista Adventista**, p. 30, nov. 1957.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**: princípios e métodos da prática educacional. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

_____. **Mensagem aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

_____. **O colportor evangelista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

_____. **O outro poder**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

2

AS *COMIC BOOKS* E A IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA:

panorama do discurso adventista sobre as histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa (1930-2000)

ALLAN NOVAES

Doutor em Ciência da Religião (PUC-SP), Mestre em Comunicação Social (Umesp), bacharel em Teologia e em Jornalismo (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia do Unasp. E-mail: allan.novaes@unasp.edu.br

FELIPE CARMO

Mestrando em Língua e Literatura Judaica (USP); Especialista em Teologia Bíblica e Bacharel em Teologia (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia e de Ensino Religioso do Unasp. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

BRENNER NOVAES

Bacharelando em Teologia (Unasp). E-mail: brenner_novaes@hotmail.com

GUSTAVO KINDERMAN

Bacharelando em Teologia e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (Unasp).
E-mail: gustavo.kinderman@gmail.com

ROBERTA CORRÊA

Bacharelanda em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (Unasp). E-mail: roberta.fritzke@unasp.edu.br.

Nocontexto brasileiro, as pesquisas acadêmicas direcionadas ao estudo das Histórias em Quadrinhos (*comic books*), de pouco a pouco, abrangem as ciências da religião.[1] Isto é, os objetos de estudo são abordados de diversificadas perspectivas teológicas, a fim de demonstrar possíveis intersecções entre a 9ª arte e o discurso religioso (ver REBLIN, 2014; REBLIN; BRAGA JR., 2015). Nos termos de Reblin (2014, p. 176), "a religião integra as mais diversas produções culturais e adquire contornos definidos também nas Histórias em Quadrinhos em geral e nas histórias de gênero de superaventura"; para o autor, "por conta de suas características enquanto forma de linguagem, expressão artística e bem cultural contemporâneo, tais narrativas tornam-se um espaço singular como *locus revelacionis*". Em outras palavras, entende-se que as *comic books* não apenas podem comunicar temas religiosos, mas são capazes de refletir, em seu conteúdo, um aspecto da própria experiência religiosa de seus criadores.

Com essa possibilidade em mente, este trabalho sugere o estudo das *comic books* de uma perspectiva religiosa específica: a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Em conformidade como outras denomi-

[1] *Este trabalho corresponde a união de dois outros estudos: o primeiro deles, apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 17/08/2017, com o foco nas opiniões negativas que os adventistas nutriam a respeito das comic books nos periódicos em língua inglesa; o segundo deles, apresentado no I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação (Adventcom), realizado em Engenheiro Coelho, SP, 12-14/9/2017, com o foco nas perspectivas positivas a respeito das comic books nos mesmos periódicos. Todo o material coletado nestas pesquisas, foi reunido e apresentado na "4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos", realizadas na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo, realizado em São Paulo, SP, 22-25/8/2017. Os trabalhos foram complementados e editados para apresentar, em um único texto mais abrangente, as opiniões veiculadas pela denominação a respeito das Histórias em Quadrinhos no contexto estrangeiro.*

nações protestantes (ver BENDROTH, 1996), a Igreja Adventista possui um relacionamento conflituoso com as *comic books*, ora conferindo a elas um *status* demoníaco, ora utilizando-as como ferramenta evangelística, com *status* sacralizado (ver CARMO; NOVAES, 2015). Visto que a IASD surgiu nos EUA, onde ocorreram os grandes desenvolvimentos da Instituição, o adventismo no Brasil possui fortes vínculos ideológicos com contexto americano — entre outros de fala inglesa.[2] Por consequência disso, não é difícil levantar a hipótese de que a relação dos adventistas brasileiros com as *comic books* reflita algo do comportamento americano, em virtude da inevitável importação de opiniões.

Em ocasiões anteriores, foram analisadas as relações conflituosas, "demonizantes", da IASD com as *comic books* a partir dos periódicos de língua inglesa (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017a). Em outro momento, um estudo semelhante foi apresentado no I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação, em que foram analisadas as relações "sacralizadas" da IASD com as *comic books* a partir do mesmo objeto de estudo (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017b). Todo o material coletado nestas pesquisas, foi reunido e apresentado na "4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos", realizada na Escola de Comunicação e Arte da Universidade de São Paulo (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017c). No primeiro capítulo deste livro, optou-se por reunir todos os resultados expostos anteriormente, em congressos especializados na área, para oferecer uma visão mais abrangente sobre a relação dos adventistas com as *comic books* a

[2] *Este capítulo começou a ser elaborado por Allan Novaes Gustavo Kinderman e Roberta Corrêa (2016). Os resultados apresentados aqui, representam a continuação à pesquisa realizada acima de forma mais aprofundada.*

partir dos periódicos em língua inglesa, tanto de forma demonizante quanto sacralizada durante as décadas de 1930 e 2000. Além disso, foram acrescentadas outras informações resultantes da continuação das pesquisas realizadas.

À semelhança dos trabalhos anteriores, para que esse objetivo fosse cumprido, foram inseridos os vocábulos "comic", "*comic books*", "comics", "comic strips", "funny pictures" e "funnies" no Office of Archives, Statistics, and Research (ASTR), a base de dados dos periódicos adventistas em língua inglesa. Nesse processo, foram encontrados 511 resultados para análise e classificação no recorte das décadas de 1930 a 2000.

PERSPECTIVAS DEMONIZANTES DAS *COMIC BOOKS* (1930-2000)

Por "demonizante", entendemos que a IASD por meio dos periódicos em língua inglesa, enfatizava as *comic books* em termos de gênero e conteúdo de uma perspectiva inteiramente negativa (ver NOVAES, 2016). Isso significa que durante as décadas de 1930 à 2000, existia entre as publicações adventistas em língua inglesa um discurso que desqualificava as *comic books* de pelo menos quatro formas: 1) as *comic books* como uma ameaça à sociedade; 2) as *comic books* como responsáveis pela delinquência juvenil; 3) as *comic books* como má literatura; 4) as *comic books* e as tirinhas cômicas como material de consumo impróprio. Em complemento às críticas mencionadas, os periódicos em língua inglesa também se utilizavam de textos retirados da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White para condenar o consumo das *comic books*.

As *comic books* como ameaça à sociedade

Uma das ênfases negativas a respeito das *comic books* que ocorria com mais frequência nos periódicos adventistas é a noção de que elas atuavam como ameaça satânica, útil para promover o mal na sociedade (ver EMMER, 1935; TANDY, 1936; FRAKES, 1942). Em outras palavras, de uma perspectiva mais generalizada, elas eram reconhecidas como um objeto demoníaco responsável por todo tipo de má influência evidenciada entre os seus leitores (violência, imoralidade, ignorância, descrença entre outras). Essa caracterização, acreditava-se, resultava no consenso de que o próprio consumo desse tipo de material seria pecaminoso por conferir abertura às incontáveis possibilidades para o mal.

Um exemplo digno de menção foi publicado em 30 de junho de 1942, no *Signs of the Times*. O artigo intitulado "The Pier Piper of Today" ["O Flautista de Hamelin da atualidade", da autoria de Margaret Frakes (1942, p. 5, tradução livre), já inicia suas considerações definindo as *comic books* como uma "ameaça"[3] à juventude. O próprio título do artigo, ao mencionar o conto "O Flautista de Hamelin" (*The Pier Piper*), sugere uma função tanto encantadora quando maligna das *comic books*. Tradicionalmente, o conto descreve a história de uma cidade, Hamelin, que vivia infestada de ratos. Os cidadãos, horrorizados com a situação, contratam um flautista, que hipnotiza os roedores e os afoga em um rio. Esse herói, contudo, não é recompensado pelos cidadãos conforme o prometido. Como vingança, ele hipnotiza e sequestra todas as crianças da cidade. Metaforicamente, sugere-se que o protagonismo do flautista de Hamelin poderia ser associado à atividade das *comic books*, justamente por repre-

[3] *"Menace."*

sentarem a "ameaça mais recente ao bem-estar físico e mental dos meninos e das meninas no país"[4] (FRAKES, 1942, p. 5, tradução livre).

Outros dois exemplos mais específicos de má influência podem ser citados dos periódicos em língua inglesa: o *vício* e a *infidelidade*. Sobre a infidelidade, por exemplo, falava-se sobre a importância em dedicar o tempo, a inteligência e o dinheiro à obra de Deus, isto é, a necessidade de aplicar à vida o conceito de "mordomia" (termo usado pela IASD para referir-se à gestão do tempo, dos dons e dos recursos materiais). Nesse sentido, o consumo das *comic books* seria interpretado como perda de tempo e, por conseguinte, infidelidade a Deus. Nas palavras do *Canadian Union Messenger*, "você encontrará um dólar que não tem finalidade [...] eu iria enviá-lo a uma oferta que vi de uma *comic book*, mas decidi que teria melhores resultados ajudando a obra de Deus"[5] (JUNIOR BIBLE SCHOOL, 1947, p. 7, tradução livre). Por outro lado, a respeito do vício, a revista *Listen* declara: "[os conselheiros dos jovens] estão incomodados, por exemplo, com as *comic books*, figuras e revistas publicadas pela U.S. Trotting Association in Columbus, Ohio, que encorajam o interesse das crianças em corrida de chicote"[6] (ZAUNER, 1984, p. 21, tradução livre). Neste caso, o fator vício não estaria apenas associado ao consumo da *comic book*, mas aos costumes que elas comunicam aos seus leitores, tornando-os adictos de alguma atividade específica, neste caso, um esporte.

Murl Vance, no artigo "Lost in the Wilderness" ["Perdido no deserto"] publicado na *Signs of the Ti-*

[4] *"lasted menace to the physical and mental well-being of the boys and girls of the country."*

[5] *"you will find a dolar that didn't know where to go [...] I was going to send it in for an offer I saw in the comics, but I decided I would have better results helping God's work.*

[6] *"They'are bothered, for exemple, comic books, pictures and magazines published by the U.S. Trotting Association in Columbis, Ohio, that encourages children interests in harness racing."*

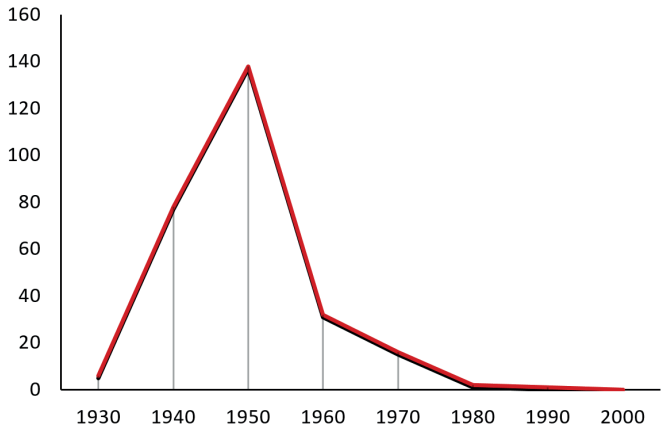
mes, em pesquisa realizada por meio de visitas a personalidades proeminentes de sua época, levanta algumas questões sobre o estado vigente da sociedade. O autor, por si só, acredita estar vivendo em um período que "não é mais seguro para nada"[7] (VANCE, 1938, p. 4, tradução livre). Com essa convicção em mente, Vance passa a entrevistar sujeitos a procura de opiniões que possam corroborar a sua. Em contato com um vendedor, ele registra a opinião de que "há um deslize moral definitivo durante os últimos vinte anos"[8] (VANCE, 1938, p. 4, tradução livre); para o entrevistado, a sociedade haveria se acostumado com a imoralidade, a ganância, e o uso desmedido de entorpecentes — de maneira que as mulheres apresentavam um comportamento ainda mais vergonhoso do que o dos homens. Em conclusão à sua perspectiva, o entrevistado alega: "Não vejo nenhuma esperança para o futuro de nossa civilização, nenhum plano por meio do qual podemos salvá-la. A educação falhou, e a religião se foi. […] e embora existam algumas boas *comics*, muitas delas carregam propagadas de licor e tabaco. Eles colaboram com a ruína das crianças"[9] (VANCE, 1938, p. 4, tradução livre). Após registrar a opinião, Vence comenta, em uma breve nota entre parênteses, que o filho do entrevistado o surpreendeu com o alerta "mãos pra cima", ao segurar uma arma de brinquedo.

Ao analisar o recorte proposto, é possível notar que essa ênfase negativa generalizadora ocupa os periódicos adventistas de língua inglesa com mais

[7] *"no longer safe for anything."*
[8] *"there has been a definite moral slip during the past twenty years."*
[9] *"I see no hope for the future of our civilization, no plan by which we can save it. Education has failed us, and religion is gone. [...] and, although there are some good funny-paper comics, some of them are carrying liquor and tobacco advertisements. They are helping to ruin our children."*

frequência nas décadas de 1940 e 1950, alcançando uma média que soma mais de duzentas menções. A partir de 1960, essas alusões diminuem periodicamente com o passar dos anos, desaparecendo completamente em 2000, que não possui menção alguma às *comic books* a partir dessa perspectiva. De forma mais ilustrativa, a ênfase negativa que classificava as *comic books* como ameaça à sociedade pode ser observada com mais detalhes no gráfico abaixo:

GRÁFICO 1 — ÊNFASE DAS *COMIC BOOKS* COMO AMEAÇA À SOCIEDADE (1930-2000)



As *comic books* e a delinquência juvenil

Ainda no tom das críticas anteriores, os periódicos adventistas em língua inglesa possuíam uma ênfase negativa preferida: entre muitos dos materiais redigidos, as *comic books* eram responsabilizadas pela violência e delinquência da juventude (ver SOPER, 1948; FINNEY JR., 1949; VANCE, 1938; JENNINGS, 1948; ROLLO, 1960). Em outras palavras, era comum ouvir a alegação de que o comportamento violento representado nas *comic books* não apenas seduzia a imaginação das

crianças, mas também as ensinavam a cometer crimes dos mais variados. Essa perspectiva, é importante salientar a nível de introdução, não emergia apenas do contexto eclesiástico, mas refletia uma comoção social em torno dos conteúdos que costumavam ser publicados nas *comic books* da época.

Um exemplo icônico dessa ênfase nos periódicos adventistas em língua inglesa foi publicado no dia 4 de janeiro, em 1949, na revista *The Youth's Instructor*. Nesse artigo, intitulado "720,000,000 lessons in Crime" ["720,000,000 lições sobre crime"], R. E. Finney Jr. (1949, p. 9 e 22, tradução livre) sugere, em seu título, que cada *comic book* publicada corresponde a uma aula que educa o leitor na criminalidade; sendo que, por mês, eram publicadas 60 milhões delas nos EUA, por ano eles deveriam somar 720 milhões de lições para a prática do crime. O próprio artigo é introduzido com a história de um jovem sentenciado à morte devido às barbáries que cometeu. Antes de morrer, o sentenciado revela que sua vida de criminalidade foi influenciada por filmes e *comic books* que versavam sobre o tema. Assim, a partir de uma pesquisa pessoal, o autor afirma que, "de fato, perversidade, violência e sexo são as atrações primordiais que sustentam o negócio das histórias e quadrinhos"[10] (FINNEY JR., 1949, p. 22, tradução livre). Além disso o autor ainda acrescenta: "Há quem diga que, visto que os jornais que consumimos possuem histórias de crimes e violência, as *comic books* não são piores do que eles"[11]; contudo, "apenas um pouco de raciocínio e experiência pode nos conscientizar do fato de que um relato factual bem escrito de um crime não carrega o impacto de horror que uma

[10] *"In fact, the villainy, violence, and sex are the staple attractions that keep the 'comic' business going."*

[11] *Someone may say that because every newspaper we pick up has stories of crime and violence in it, the 'comics' are no worse than the daily papers.*

figura altamente colorida de um acontecimento pode carregar"[12] (FINNEY JR., 1949, p. 22, tradução livre).

Em consideração à costumeira publicação de *comic books* com títulos e temas duvidosos, F. A. Soper (1948, p. 4, tradução livre), em artigo intitulado "Those Comic Books" ["Essas Histórias em Quadrinhos"], afirma que "homens e mulheres pensadores estão acordando para as influências sinistras do crime e do horror retratados nessas publicações populares [as *comic books*]".[13] Em vista da popularidade do material, o autor questiona se a influência das *comic books* pode ser avaliada como construtiva ou negativa à sociedade. Ao citar um "especialista de Nova Iorque"[14], que estaria pesquisando sobre o assunto, Soper informa ao leitor que a criança que vive no contexto urbano lê entre 10 e 12 *comics* por mês; além disso, "em média, existem pelo menos uma cena de violência por página. Isso significa que, a cada mês, uma criança está sujeita a 300 de tais cenas"[15] (SOPER, 1948, p. 4, tradução livre). Citando Marya Mannes, o autor alega que, embora as *comic books* ensinem, no final de suas narrativas, que o crime não compensa e que o bem sempre triunfa sobre o mal, o "bem triunfa por meio da força e da violência; o certo triunfa por sacar a arma primeiro"[16] (SOPER, 1948, p. 4, tradução livre). Embora mencione

[12] *"But only a little of reasoning and experience make us aware of the fact that a well-written, factual account of a crime can never carry the horror impact that a highly colored picture of the happening has."*

[13] *"Thinking men and women are awakening to the sinister influences of the crime and horror portrayed in these popular publications."*

[14] *"New Yourk specialist."*

[15] *"on the average, there is at least one scene of violence to each page of pictures. This means that each month a child is subjected to 300 such scenes."*

[16] *"right triumphs by force and violence; right triumphs by the first and gun."*

outras dificuldades resultantes do consumo de *comic books*, Soper procura assinalar com mais ênfase a relação destas com o avanço do crime.

De maneira muito semelhante, Stanley C. Harris pontua em seu artigo "Sadism and the Comic Books" ["Sadismo e Histórias em Quadrinhos"] que as *comic books* promovem, em seus conteúdos, o pior sobre a violência, a sexualidade e o sadismo. O autor alega: "nós sabemos que o crime e o adultério estão crescendo, e quase atingem um nível em que estarão fora de controle"[17]; esse quadro social estaria sendo moldado pelas *comic books*, entre outros objetos midiáticos, que seriam "largamente responsáveis pela situação"[18] (HARRIS, 1948, p. 12, tradução livre). No fim de suas considerações, o autor desvela um cenário apocalíptico a partir de 2 Timóteo 3:1, 3, 4 e 13, e conclui: "as *comic books*, que de fato deveriam ser chamadas livros do crime, estão cumprindo o seu papel para desenvolver a situação ilustrada por Deus. […] Pais cristãos precisam muito da ajuda divina para salvar seus meninos e meninas desta e de outras armadilhas de Satanás"[19] (HARRIS, 1948, p. 12, tradução livre).

Como mencionado no início, as críticas que costumavam associar a leitura de *comic books* com práticas criminosas não emerge do contexto eclesiástico, mas de uma comoção social iniciada nos EUA a respeito do assunto. Em meados da década de 1950, um psiquiatra alemão chamado Fredric Wertham publicou um estudo intitulado *Seduction of the Innocent* ["Sedução do Inocente"] (WERTHAM, 1954), versando acerca dos malefícios das *comic books* para as crianças. O que, outrora, parecia reverberar pelos

[17] *"We know that crime and adultery are increasing, and have almost reached a point where they are getting beyond control."*
[18] *"largely responsible for the situation."*
[19] *"Christian parents need much of God's help to save their boys and girls from this and other of Satan's pitfalls."*

EUA como crítica popular tomou na obra de Wertham um embasamento científico, constrangendo a sociedade estadunidense a condenar definitivamente o consumo de *comic books*. Naturalmente, os adventistas, assim como outras denominações protestantes da época, estavam informados sobre as novas descobertas de Wertham acerca deste tópico. A comoção causada pelo psiquiatra, por exemplo, levou a revista *Review and Herald* a publicar uma série de três artigos sobre o seu novo livro (DELAFIELD, 1954a; 1954b; 1954c). Em uma dessas publicações, além de continuar com a mesma ênfase anterior, o periódico passa a afirmar com mais veemência a influência criminosa das *comic books* e seu inevitável reflexo no comportamento da juventude:

> Acordem, pais! E tomem cuidado! Seus filhos também podem se tornar delinquentes, se você não tiver cuidado. Se vocês apenas soubessem o que aparece nas *comic books* atualmente, especialmente as sobre crime, teriam uma crise de pânico. Isso não é um exagero[20] (DELAFIELD, 1954a, p. 14, tradução livre).

O primeiro artigo da série publicada pela *Review and Herald* entitulado de "Parents, Watch Out!" ["Pais, Cuidado!"] , tratou de introduzir o leitor ao perigo das *comic books*, principalmente os quadrinhos de crime e de apelações sexuais. Este artigo afirma que os quadrinhos de crime — juntamente com outras formas de entretenimento consideradas de baixo calão — "são os piores dos infratores"[21] (DELAFIELD, 1954a, p. 14, tradução livre) da moralidade da sociedade americana. Ao

[20] *"Parents, wake up! And watch out! Your children may well become delinquents too, if you are not careful. If you only knew what appears in the comics of today, especially the crime comics, you would be seized with paroxysms of horror. This is not an overstatement."*

[21] *"the crime comics are probably the worst offenders."*

finalmente introduzir a pesquisa de Wertham, os autores declaram que, enquanto estudavam o livro, se depararam com sentimentos conflitantes de surpresa e medo. "Surpresa de que o povo americano permitira este tipo de literatura poluída ser vendida nas bancas das nossas cidades e vilas" e "medo de que as crianças de hoje que leem este tipo de publicação, estarão condenadas como uma raça de criminosos e pervertidos"[22] (DELAFIELD, 1954a, p. 15, tradução livre).

O segundo artigo da série publicada pela *Review and Herald*, tem como título "Pernicious Influence of the Crime Comics" ["Influências Perniciosas dos Quadrinhos de Crime"]. Neste texto, o autor apresenta três casos mostrados por Wertham em seu livro, e através de várias citações ao livro, procura reforçar a ideia de que os quadrinhos de crime envenenam a mente e ensinam as crianças a cometerem os piores crimes imagináveis. O autor ainda acrescenta: "Temos a certeza de que a leitura das histórias em quadrinhos de crime envenena a mente das crianças e polui o curso da vida, assim como estamos certos de que o próprio Diabo é o autor do pecado e da impureza"[23] (DELAFIELD, 1954b, p. 14, tradução livre).

O terceiro artigo da série publicada pela *Review and Herald* intitula-se "Crime Comics and Tele-violence" ["Quadrinhos de Crime e Tele-violência"]. Neste último artigo, o autor acrescenta mais uma ameaça à juventude da época: os programas de televisão com cenas de crime e sexo. Apesar de condenar este tipo de programa, o artigo afirma que tudo isso é um reflexo da cul-

[22] *"Surprise that the American people would permit such polluted literature to be sold on the newsstands of our cities and villages; fear that the children of today who read such vicious print will be doomed as a race of perverts and criminals"*

[23] *"We are as sure that the reading of crime comic books poisons the minds of children and pollutes the streams of life as we are certain that the devil himself is the author of sin and impurity."*

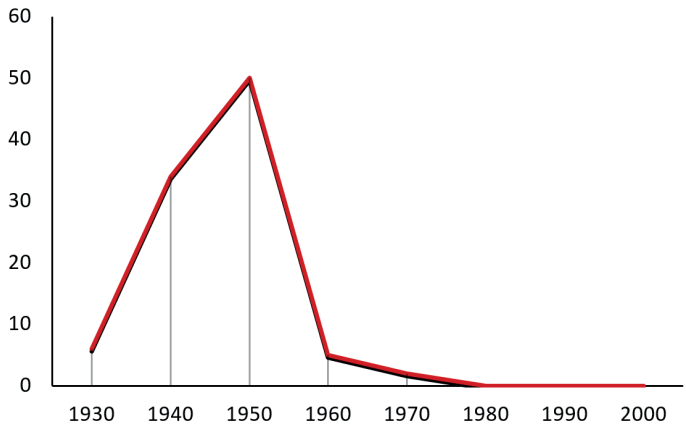
tura dos quadrinhos em que as crianças vivem. Como artigo final, o autor aproveita para admoestar os pais novamente sobre os perigos das *comic books* e para indicar algumas atitudes que podem ser tomadas para a prevenção de tais ameaças. No final, ele conclui:

> Se nós esperamos levar nossas crianças para o céu conosco, se nós queremos que eles cresçam como verdadeiros adventistas — testemunhas do poder salvador de Deus no grande Movimento Adventista, que acostumemos eles com as coisas celestiais e não com as sórdidas e mundanas cenas que são retratados tão descaradamente na televisão e nos quadrinhos.[24] (DELAFIELD, 1954c, p. 14, tradução livre)

Entre as décadas de 1930 e 2000, a ênfase nas *comic books* como responsáveis pela violência e delinquência juvenil alcança seu auge nas décadas de 1940 e 1950 — uma evidência de que os adventistas já condenavam a violência nas *comic books* antes da comoção americana causada por Fredric Wertham. No mesmo sentido, também é correto afirmar que a publicação do livro *Seduction of the Innocent* impulsionou de maneira significativa essa ênfase na década de 1950. Ainda assim, não obstante à popularidade da opinião, a associação das *comic books* com a violência decresceu muito nas publicações adventistas em língua inglesa. A partir da década de 1980, não é possível encontrar qualquer material que pretenda condená-las a partir dessa perspectiva. O comportamento histórico da opinião pode ser ilustrado no gráfico a seguir:

[24] *"If we expect to take our children to heaven with us, if we want them to grow up as consistent Adventists—witnesses to God's saving power in the great Advent Movement, let us accustom them to heavenly things, not to the sordid worldly scenes that are so blatantly portrayed in TV and in the comics."*

GRÁFICO 2 — ÊNFASE NAS *COMIC BOOKS* COMO RESPONSÁVEIS PELA VIOLÊNCIA E DELINQUÊNCIA JUVENIL (1930-2000)



As *comic books* como má literatura

Uma outra ênfase negativa nos periódicos adventistas em língua inglesa sobre as *comic books* diz respeito à suposta má qualidade literária de suas produções. Durante o período inicial no histórico de suas críticas, os adventistas costumavam alegar que as *comic books* correspondiam à literatura de baixa qualidade, isto é, um material com vocabulário pobre, palavras de baixo calão, erros gramaticais e mesmo crítica à qualidade de impressão (ver SOPER, 1948; BUNCH, 1949; SPALDING, 1933a; ROLLO, 1960). Em termos gerais, as *comic books* eram contrastadas ao que, na época, era considerado como literatura de qualidade; com efeito, a leitura de materiais desse gênero deveria apontar falta de cultura e desinteresse por materiais de cunho mais intelectualizado.

Exemplo digno de nota é o artigo intitulado "Those Comic Books" ["Essas Histórias em Quadrinhos"], publicado pela *Signs of the Times*, 15

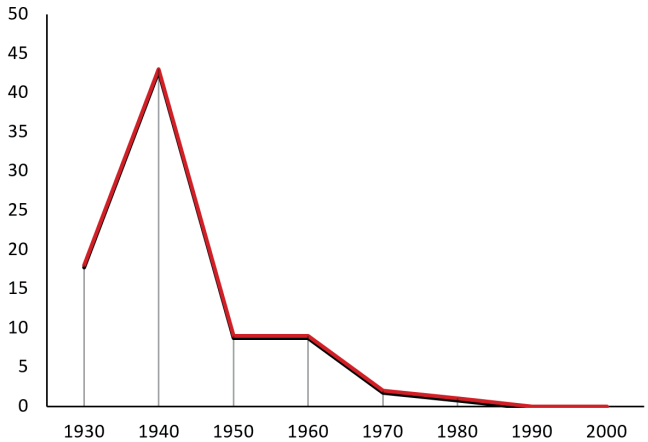
de junho, 1948. Francis A. Soper, autor do artigo, faz menção a um periódico chamado *The Saturday Review of Literature* para fundamentar uma de suas opiniões sobre o tema — indicando que tal ênfase não se restringia ao contexto religioso ou estritamente adventista. Entre as afirmações promulgadas, o autor alega estar mais preocupado com "o que eles [as crianças] não estão lendo ou poderiam estar lendo"[25] em lugar das *comic books* (SOPER, 1948, p. 4, tradução livre). Citando a sua fonte, Soper (1948, p. 4, tradução livre) explica que as *comic books* possuem "o tipo mais pobre de escrita"[26]; elas são capazes de "reduzir as maravilhas da linguagem a monossílabos rudes"[27]; e representam a "perversão do inglês"[28]. Para Soper, o fator responsável pela sedução de seus leitores encontra-se justamente na facilidade de serem lidas: "as *comic books* oferecem a melancólica prova final de que, mesmo entre os jovens, a mente é o músculo menos utilizado nos EUA"[29] (SOPER, 1948, p. 4, tradução livre).

Pode-se afirmar que uma das primeiras críticas a granjear popularidade nos periódicos adventistas de língua inglesa foi aquela relacionada às *comic books* como literatura de má qualidade. O auge dessa ênfase é observado entre as décadas de 1930 e 1940, mas não parece demonstrar ímpeto semelhante nos anos seguintes. Dentro do recorte realizado, não é possível encontrar essa ênfase a partir da década de 1980 em diante. Em suma, as opiniões adventistas acerca das *comic books* como literatura de baixa

[25] *"what they are not reading or could be reading."*
[26] *"the poorest kind of writing."*
[27] *"reduce the wonders of the language to crude monosyllable."*
[28] *"perversion of English."*
[29] *"The comics offer final melancholy proof that even among the young the mind is the most unused muscle in the United States."*

qualidade variam da seguinte maneira, conforme ilustrada pelo gráfico:

GRÁFICO 3 — ÊNFASES DAS *COMIC BOOKS* COMO MÁ LITERATURA (1930-2000)



As *comic books* e as tirinhas cômicas

Dentro do recorte sugerido neste trabalho, foi possível identificar o que seria, possivelmente, a ênfase negativa mais antiga nos periódicos adventistas a respeito das *comic books*, a saber, o discurso contra as charges e tirinhas cômicas. No geral, esse gênero era considerado imoral e impróprio para a educação religiosa e literária das crianças (ver SPALDING, 1933b; SNIDER, 1935; JENNINGS, 1948). O humor de tais produções, considerado irreverente, não era digno de ser consumido, principalmente por representar baixaria ou perda tempo.

A primeira menção às *comic books* encontrada dentro do escopo em estudo encontra-se na edição de 10 de maio de 1933 da revista *Atlantic Union Gleaner*; essa menção diz respeito ao consumo de tirinhas humorísticas de jornal. Neste

periódico, o artigo intitulado "Getting Rich" ["Enriquecendo"], de Arthur W. Spalding (1933b, p. 8, tradução livre), pretende educar os leitores com o objetivo de enriquecer espiritualmente — em suas palavras, "não [em] ouro, mas caráter"[30]. Nesse sentido, o jovem interessado em granjear tais virtudes deve, em casa, ocupar-se de ensinos ligados à reverência, pureza, devoção, simplicidade, conhecimento, domínio próprio etc. Por outro lado, a riqueza espiritual não pode ser alcançada por "tirinhas de jornal"[31] entre outras "condutas sociais licenciosas"[32] (SPALDING, 1933b, p. 8, tradução livre). Em um comentário publicado em 6 de agosto de 1935, na revista *Union Lake Herald*, o autor mostra que determinado jornal especializado em tirinhas circulava cerca de 5.770.00 cópias por semana. Visto que as tirinhas chamavam muita atenção, ele passou a acrescentar mais anúncios entre elas (cobrando cerca de 10 mil dólares por página de anúncio). Com o intuito de ser irônico, o autor comenta que lia recentemente um livro que custava 60 centavos em uma livraria religiosa, "que é mais agradável do que qualquer uma das tirinhas que os cartunistas do Sr. Hearst poderiam conspirar para produzir"[33] (SNIDER, 1935, p. 11, tradução livre).

Embora existisse este aspecto negativo, foi encontrado uma visão mais otimista sobre esta ênfase no terceiro artigo da série publicada pela *Review and Herald* em 1954, intitulada "Crime Comics and Tele-violence" ["Quadrinhos de Crime e Tele-violência"]. Esta visão, basicamente reco-

[30] *"not gold, but character."*
[31] *"newspaper comics."*
[32] *"licentious social conduct."*
[33] *"which is more entertaining than anything all of Mr. Hearst's comic strip cartoonists could conspire to produce."*

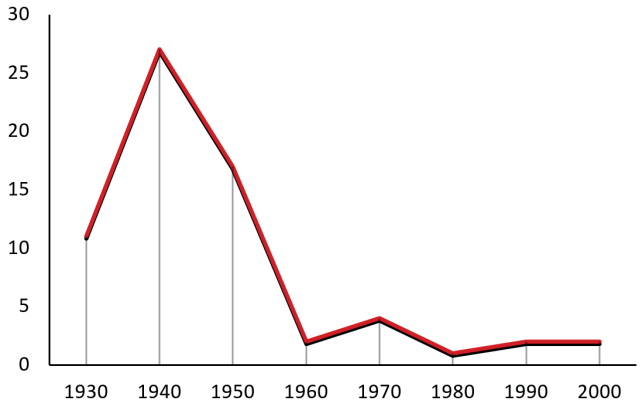
nhece que a arte sequencial e os artistas que a produzem, podem ser usados como uma ferramenta para educar a sociedade em termos políticos e espirituais de uma perspectiva crítica e artística, porém a opinião corrente ainda segue sendo contrária ao consumo de tais materiais:

> No lado positivo desta questão, digamos que existe um campo legítimo para o trabalho do artista no campo de caracterização e até de caricatura. Cartunistas de jornais, às vezes, empregam caricaturas como a arma mais efetiva para os ensinos de verdades políticas ou espirituais. Devemos reconhecer que questões importantes para a vida da nação e da igreja, podem ser retratadas de forma impressionante por ilustrações e desenhos feitos por talentosos artistas.[34] (DELAFIELD, 1954c, p. 14, tradução livre)

De todas as ênfases negativas já citadas, aquelas que criticam a leitura de charges e tirinhas são as únicas que permaneceram atuantes durante todo o período de recorte, embora com altos e baixos. À semelhança das anteriores, essa ênfase alcançou o seu auge nas décadas de 1940 e 1950. No entanto, de maneira diferenciada, ela continuou sendo mencionada com o passar dos anos, ainda que com ênfase muito inferior daquelas verificadas em ocasiões anteriores. Essa frequência pode ser ilustrada no gráfico a seguir:

[34] *"On the positive side of this question let us say that there is a legitimate field for the artist's work in the field of characterization and even caricature. Newspaper cartoonists at times employ caricature as a most effective weapon for the teaching of political or spiritual truth. We must recognize that matters important to the life of the nation and the church can be strikingly portrayed by illustrations and drawings made by skillful artists".*

GRÁFICO 4 — ÊNFASE DAS CHARGES E TIRINHAS COMO IRREVERENTES E IMPRÓPRIAS (1930-2000)



As *comic books* e os argumentos bíblico-teológicos

As críticas negativas às *comic books*, deve-se dizer de passagem, não se resumiam a argumentos pautados por um discurso exclusivamente social. Nos periódicos em língua inglesa podem ser constatadas ocasiões em que tanto a Bíblia quanto aos escritos de Ellen G. White eram utilizados para esse propósito. Em um artigo intitulado "Stones and Serpents" ["Pedras e Serpentes"], publicado na *Signs of the Times*, Madge H. Morril (1939, p. 4-5) se utiliza de versos bíblicos para condenar o consumo infantil das *comic books*. Em um primeiro momento, ao lado da imagem que ilustra o artigo, o autor cita Mateus 7:9, 10: "Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?" Com esse verso, à luz do título do artigo, ele sugere que as crianças merecem receber de seus pais alimento verdadeiro para sua nutrição espiritual, e não "pedras" ou "cobras", a exemplo das *comic books*. Em um segundo momento, ele cita Isaías 33:15, 16:

> O que anda em justiça fala o que é reto; o que despreza o ganho de opressão; o que, com um gesto de mãos, recusa aceitar suborno; o que tapa os ouvidos, para não ouvir falar de homicídios e fecha os olhos para não ver o mal, este habitará nas alturas; as fortalezas das rochas serão o seu alto refúgio, o seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas.

A utilização do texto acima aponta à sugestão de que as *comic books*, no contexto, devem representar tudo o que diz respeito à opressão, ao suborno e ao homicídio. Os que consomem esse tipo de conteúdo, provenientes do material comentado, por consequência óbvia, não devem habitar "nas alturas", e não seriam sustentados pelas bênçãos divinas. Por fim, o autor cita novamente o texto de Mateus 7:9, 10, e acrescenta à conclusão o texto de João 8:32: "e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará", sugerindo que a libertação do conteúdo condenado se dá à luz dos argumentos listados em seu artigo, e que a própria verdade é contrária às *comic books*.

Em 1938, o *Central Union Reaper*, em artigo intitulado "Felix and Mickey" ["Felix e Mickey"], o Missionary Volunteer Department (1938, p. 5) procura condenar os personagens Mickey Mouse e Felix, the Cat. O artigo complementa seus argumentos com o texto de Filipenses 4:8: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (ver o mesmo verso utilizado em SOPER, 1948, p. 7). Neste caso, ao contrário das virtudes enumeradas no verso, o conteúdo das *comic books* retratavam "o irreal e o impossível, o grotesco e o horrível, o ridículo, e com frequência encontram seu interesse e prazer nas experiências

infelizes e desagradáveis da vida"[35] (DEPARTMENT, 1938, p. 5, tradução livre). Evidentemente, o cristão acostumado a consumir esse tipo de literatura estaria longe do ideal estipulado pelo conselho paulino a respeito daquilo que deve ocupar sua mente.

Na revista *Southern Tidings*, em que E. E. Messinger (1956) faz menção a Romanos 12:2 — "E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja boa, agradável e perfeita vontade de Deus" —, as *comic books* são diretamente associadas às coisas "mundanas". De uma perspectiva muito semelhante, no artigo "What Shall I Read?" ["O que eu devo ler?"], publicado na *Missionary Leader* em 1941, o Missionary Volunteer Department (1941, p. 3-4) cita Provérbios 14:9a — "os loucos zombam do pecado" — para argumentar que apenas os loucos (ou tolos) leem *comics*, por serem pecaminosas; o mesmo artigo cita Provérbios 24:9a — "os desígnios do insensato são pecado" — para afirmar o mesmo argumento; e, finalmente, menciona 1 João 2:15-17 para descrever as *comic books* como objetos "mundanos":

> Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

De uma perspectiva bíblica, as *comic books* também eram mencionadas como o objeto responsável

[35] *"portray the unreal and impossible, the grotesque, the hideous, and the ludicrous, and often find their interest and pleasure in the unfortunate and unhappy experiences of life."*

pelo quadro apocalíptico da sociedade. Em "Sadism and Comic Books", de Stanley C. Harris (1948), argumenta-se que as *comic books* eram as responsáveis pela crescente onda de crimes; o autor sugere que 2 Timóteo 3:1, 3, 4 e 13 já previa o quadro social resultante do consumo em massa desse material: "Sabe, porém, isto: nos últimos dias, sobrevirão tempos difíceis [...] [pois os homens serão] desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, [...] traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus"; o autor, então, cita o verso 13 para demonstrar que o quadro não perdurará: "mas os homens perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados." Para Harris (1948, p. 12, tradução livre), a ocasião histórica descrita no texto bíblico foi prevista para o futuro da humanidade, e as *comic books* estariam "cumprindo o seu papel para desenvolver a situação ilustrada por Deus."[36]

Por último, alguns periódicos em língua inglesa, em vez de sustentar seus argumentos com textos bíblicos, normalmente mencionavam citações dos escritos de Ellen G. White, utilizando-se da Bíblia uma vez ou outra. Por exemplo, Messinger (1956, p. 11, tradução livre) faz uma citação direta ao livro *Mensagens aos Jovens* (p. 76), novamente para condenar o consumo das *comic books*: "Você terá que se tornar um sentinela fiel dos seus olhos, ouvidos e todos os seus sentidos se quiser controlar sua mente e prevenir-se de pensamentos vãos e corruptos manchando sua alma. Apenas o poder da graça pode completar esse anelado trabalho."[37] No mesmo artigo, o autor introduz as suas considerações com as palavras de Ellen G. White (apud MESSINGER,

[36] *"develop the situation that God has pictured."*
[37] *"You will have to become a faithful sentinela over your eyes, ears, and all your senses, if you would control your mind, and prevent vain and corrupt thoughts from staining your soul. The power of grace alone can accomplish this most desirable work."*

1956, p. 11, tradução livre; ver MISSIONARY VOLUNTEER DEPARTMENT, 1941, p. 3) para justificar o não consumo das *comic books* — talvez por representarem um tipo de ficção —, mas agora complementando a citação utilizada em um bloco anterior:

> Querido jovem, deixe de ler as revistas que contêm histórias. Deixe de lado cada novela [...] Faríamos bem de limpar nossas casas de todas as histórias em revistas e publicações que contêm figuras ridículas — representações orientadas por agências satânicas. A juventude não pode se dar ao luxo de envenenar suas mentes com tais coisas.[38]

De todos os argumentos bíblico-teológicos contra as *comic books*, dificilmente poderia ser encontrada uma ênfase positiva; na maioria das ocasiões, elas eram associadas à objetos mundanos que maculavam a mente de seus consumidores. Ainda assim, vale ressaltar uma exceção encontrada entre os periódicos em estudo — apenas a fim de construir uma ponte para a próxima seção e registrar o ocorrido. No artigo "Cartoons a Sporting Success" ["Cartuns, um sucesso esportivo"], a revista *Record* já compreendia o potencial positivo das *comic books* e noticia um evento evangelístico, em que foi utilizado um folheto em formato de *comics*, na década de 1990. Em face ao potencial evangelístico das *comic books*, o periódico cita um texto de Ellen G. White retirado do livro *Evangelismo* (p. 35, 36) que continha as seguintes palavras: "foi me dada a instrução de que, ao passo que nos aproxi-

[38] *"Dear youth cease to read the magazines containing stories. Put away every novel [...] We would do well to clear our houses of all the story magazines and the publications containing ridiculous pictures — representations originated by satanic agencies. The youth cannot afford to poison their minds with such things."*

mamos do fim, haverá grandes encontros em nossas cidades [...] e tais preparações devem ser feitas para apresentar a verdade em tais reuniões"[39]; a citação segue com seu complemento: "Quando Cristo estava sobre essa Terra, Ele se aproveitou de oportunidades como essa [...] folhetos contendo a luz da verdade presente deveriam ser espalhados entre as pessoas como folhas de outono. Para muitos que participam de tais reuniões, esses folhetos devem ser como folhas da árvore da vida"[40] (WHITE apud RECORD, 1990a, tradução livre). Ao mencionar esse texto, o autor, ao contrário do que costumava ser feito, autoriza a utilização das *comic books* como ferramenta para pregação do evangelho; uma prática que será descrita a seguir.

PERSPECTIVAS SACRALIZADAS DAS *COMIC BOOKS* (1950-2000)

Por "sacralizadas", entendemos que a IASD por meio dos periódicos de língua inglesa, passam a falar das *comic books* de uma perspectiva positiva (ver NOVAES, 2016). Em outras palavras, os periódicos mudam o seu paradigma em relação ao consumo e utilização das *comic books*, enxergando nelas um potencial de entreterimento e evangelismo. A perspectiva sacralizada, pode ser dividida em pelo menos duas partes: 1) as *comic books* como objeto de entretenimento; 2) as *comic books* como ferramenta evangelística.

[39] *"I was given instruction that as we approach the end, there will be large gatherings in our cities [...] and that preparations must be made to present the truth at these gatherings."*

[40] *"When Christ was upon this earth, He took advantage of such opportunities [...] Leaflets containing the light of present truth should be scattered among the people like the leaves of autumn. To many who attend these gatherings these leaflets would be as the leaves of the tree of life."*

As *comic books* como entretenimento

A partir da década de 1950, os periódicos adventistas publicados em língua inglesa passam a apresentar uma perspectiva relativamente otimista a respeito das *comic books*. Muito embora as décadas de 1940 e 1950 sejam consideradas como um período de extrema demonização das *comic books* nos periódicos da denominação (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017), o discurso que, posteriormente, sacralizaria o material encontra nascedouro nesse mesmo contexto, ainda que de forma embrionária. Em primeira instância, em oposição à ideia de que as *comic books* seriam as responsáveis pela delinquência juvenil e pela falta de cultura literária entre as crianças e adolescentes, os periódicos de língua inglesa entendiam que as *comic books* representavam uma forma aceitável de entretenimento.[41] Dessa perspectiva, elas costumavam ser lidas logo pela manhã ou em tempo livre. Muitas das menções dessa época demonstram que parte dos adventistas mantinham o hábito de ler *comic books*, podendo considerá-lo, inclusive, como um *hobby*.

A princípio, vale usar como exemplo a menção às *comic books* conforme a encontramos na revista *Far Eastern Division Outlook*, publicada em junho de 1952. Nessa ocasião, no artigo intitulado "North Borneo General Meetings" ["Reuniões gerais do norte de Bórneo"], o autor descreve um conjunto de atividades realizadas durante um evento dedicado aos adventistas da região norte de Bórneo — uma ilha localizada na região da Ásia. No final do evento, aparentemente no sábado à noite, o autor alega que "o pastor Mountain mostrou curta metragens coloridas e algumas *comics* em pre-

[41] Para uma apreciação individual de cada documento que pretenda abordar as *comic books* como forma de entretenimento, ver Peterson (1952), Robinson (1990c), Walker (1993), Stoos (1998), Sarli (2002), Renaud (2003), Bowe (2004), Morgan (2006), Mann (2007) e Kramer (2008).

to e branco"[42]; além disso, o autor alega que "todo o conteúdo foi muito apreciado"[43] (PETERSON, 1952, p. 9, tradução livre). Esse relato demonstra que, mesmo entre os adventistas, as *comic books* eram associadas a alguma forma de recreação; isto é, elas correspondiam a um tipo de material útil para passar o tempo livre. Em 1980, aproximadamente 30 anos depois, a revista *Listen* publicava uma matéria sobre um atleta chamado Mike Hall, que alegava ler as *comic books* de Hércules na infância, um personagem da mitologia grega que o encorajou a seguir a profissão de atleta como levantador de peso (ver BARKER, 1988). O exemplo oferecido por essa revista não apenas indica que as *comic books* eram utilizadas pelas crianças como forma de entretenimento, mas que as influências negativas apregoadas nas décadas anteriores (1940-1950, conforme NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017) não surtiam os efeitos destrutivos como costumava-se apregoar nos periódicos da denominação. Ao contrário, era possível encontrar entre os adventistas aqueles que apreciavam as *comic books*, e que muitas delas inspiravam positivamente os seus leitores.

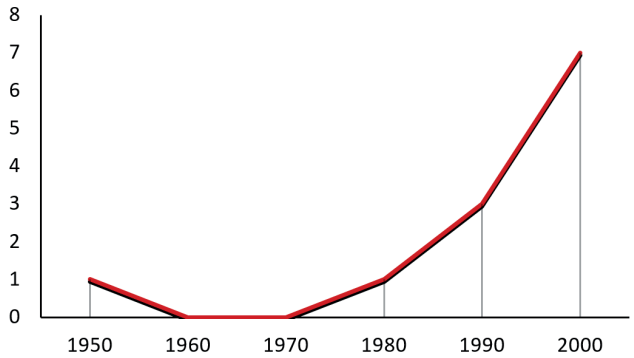
Assim, em diversos momentos, alguns autores mencionavam a prática ocasional de ler *comic books* como uma atividade despretensiosa e corriqueira, seja na infância ou ainda na vida adulta entre os adventistas. Na edição de maio de 2003 da revista *Listen*, Anne Renaud, comenta, mesmo que de maneira despretensiosa, acerca de suas atividades matutinas. Segundo a autora, "todas as manhãs eu leio as *comics*, e em uma manhã enquanto procurava por elas no jornal, uma imagem me chamou atenção"[44] (RENAUD, 2006, p. 28, tradução livre). De uma maneira muito semelhante, em uma história su-

[42] *"Pastor Mountain showed colored motion pictures and some comics in black and white."*
[43] *"These were all greatly enjoyed."*
[44] *"Every morning I read the comics, and one morning as I searched for them in the newspaper, a picture caught my attention."*

gestiva para as crianças na revista *Elder's Digest* de outubro-dezembro de 2002, Margarida F. Sarli alega, a nível de comentário: "O jornal está cheio de coisas interessantes; a seção das *comics* e as propagandas dos supermercados, por exemplo"[45] (SARLI, 2002, p. 16, tradução livre). Esse exemplo evidencia a prática de mencionar em narrativas ficcionais — apresentadas nas revistas como ilustrações para crianças — a prática de ler *comic books* (ver ROBINSON, 1990c; STOOS, 1998), porém, sem a conotação negativa que costumava carregar em outros periódicos adventistas (ver CARMO; NOVAES, 2015).

O gráfico abaixo (Gráfico 5) demonstra, de uma perspectiva cronológica, a variação crescente que a ênfase nas *comic books* como forma de entretenimento apresentou entre as décadas de 1950 e 2000. Evidentemente, ela já existe no início da década de 1950, mas apresenta um visível decréscimo entre 1960 e 1970. Contudo, a partir de então, essa ênfase segue um caminho invariavelmente ascendente nos periódicos de língua inglesa, de maneira que essa perspectiva pode ser considerada como a mais atual nas publicações adventistas.

GRÁFICO 5 — ÊNFASE NAS *COMIC BOOKS* COMO ENTRETENIMENTO (1950-2000)



[45] *"The newspaper is full of interesting things; the comics section and advertisements for supermarkets, for instance."*

As *comic books* como ferramenta evangelística

Uma segunda ênfase otimista durante o período em que as *comic books* passam a ser sacralizadas nos periódicos adventistas em língua inglesa corresponde à sua valorização como gênero literário e, acima de tudo, a sua utilização como ferramenta evangelística.[46] À semelhança da ênfase anterior, a presente perspectiva também encontra nascedouro no início da década de 1950, em que predominava uma visão demonizante das *comic books* (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017). Em poucas palavras, neste período, elas foram finalmente reconhecidas como uma "forma de arte" e um "meio de comunicação" entre os adventistas; as *comic books*, nesse sentido, não eram apenas utilizadas para o entretenimento de seus leitores, mas como uma ferramenta útil para a educação moral, assim como para o avanço da mensagem do evangelho em um formato convidativo para as novas gerações.

Em um primeiro momento, existem evidências de que os próprios adventistas já pensavam em produzir *comic books*, mesmo que o fizessem apenas como *hobby*. A revista *Listen*, em janeiro de 2007, no artigo "Home Sweet Web Home" ["Lar doce web-lar"], publica uma matéria em que informa seus leitores sobre a facilidade de publicar conteúdos na internet. Ao numerar o tipo de conteúdo que uma pessoa pudesse publicar de sua própria autoria, a revista alega: "outras coisas que você poderia querer acrescentar [ao seu website]

[46] *Para uma apreciação individual de cada documento que pretenda abordar as comic books como ferramenta, ver Maxwell (1950), Hay (1955), Listen (1966; 1983), Australian Record (1961), Ford (1967), Gulley (1975), Australian Record (1985), Swanson (1984), Appenzeller (1984), Adventist Review (1984; 1982), Cox (1986), Pinkoski (1987), Record (1990a; 1990b; 1991; 1992; 1996a; 1996a), Kent (1992), Jones (1994), Bible Society (1995) e Edwards (1998).*

incluem animações, conversa fiada, piadas e *comics*"[47] (MANN, 2007, p. 26, tradução livre). Outro exemplo que demonstra a produção de *comic books* entre os adventistas como uma forma de arte e entretenimento é declaradamente evidenciada na edição de maio de 2006 da revista *Listen*, em um artigo intitulado "Drawing Inside the Box" ["Desenhando dentro da caixa"]. Nessa ocasião, Timm Morgan oferece um passo-a-passo para que o leitor esteja apto para desenhar sua própria *comic book*. A alegação introdutória de seu artigo demonstra uma perspectiva madura das *comic books* como uma forma complexa de expressão artística — uma perspectiva muito diferenciada daquela que costumava depreciá-las como má literatura nos periódicos de língua inglesa (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017). O autor se expressa nas seguintes palavras:

> *Comics*. Isso provavelmente faz você pensar em super-heróis de capa tentando salvar o mundo enquanto mantêm suas identidades secretas. Ou você talvez tenha pensado em uma tirinha diária ou semanal, poucos quadros que certamente trariam um sorriso ao seu rosto. As histórias que as *comics* contam são variadas assim como as pessoas que as escrevem e desenham. De diversas formas, as *comics* são muito abertas a ideias — tanto em termos de assunto abordado quanto na maneira que a história é contada[48] (MORGAN, 2006, p. 24, tradução livre).

[47] *"Other things you might want to add include animations, trivia, jokes and comics."*

[48] *"Comics. It probably makes you think about caped superheroes trying to save the world while keeping their identities secret. Or you may have thought about one daily or Sunday comic strip, a few panels that are sure to bring a smile to your face. The stories that comics tel are as varied as the people who write and illustrate them. In many ways, comics are wide open to new ideas — both in terms of the subjects covered and the way the story is told."*

Em seguida, o autor passa a ensinar ao leitor como desenvolver sua própria *comic book*, desde a etapa sobre a compra de materiais até o momento em que o artista deve apresentar o seu trabalho para ser publicado. Ele adverte: "como você pode ver, as *comics* oferecem uma maneira emocionante para você se expressar. Os únicos limites são aqueles que você estabelece para si mesmo"[49] (MORGAN, 2006, p. 26, tradução livre). Por fim, o artigo apresenta um exemplo ilustrado do processo de produção de uma *comic book* utilizando-se deste mesmo formato de maneira bem-humorada.

Não apenas a complexidade da 9ª arte foi considerada pelos periódicos da língua inglesa, mas também o seu poder persuasivo e espaço nas estantes de livros como literatura. Na revista *Liberty*, em artigo intitulado "The Selling of Alberto" ["A venda de Alberto"] e publicado em 1981, por exemplo, encontra-se a notícia de uma *comic book* chamada *Alberto*, que, segundo o relato, encorajou revoltas e protestos entre os cristãos católicos. Segundo a revista, o material mencionado estava em circulação, e contava a história de um personagem chamado Alberto Rivera, um jesuíta espano que costumava se infiltrar em comunidades protestantes para destruí-las, mas se converteu no decorrer da narrativa. A edição parece não levantar juízo de valor a respeito da *comic book*, e toma como consenso o fato de a comunidade cristã, em geral, encontrar-se engajada na produção de *comic books* e de que esta, em especial, possuía espaço nas livrarias. No mais, devido à revolta dos cristãos católicos por ocasião da maneira como foram retratados no material, a revista se propõe apenas a levantar um questionamento de cunho moral: "A questão sobre a integridade de Alberto Rivera permanece. Mas, para os livreiros cristãos, existe

[49] *"As you can see, comics offer an exciting way for you to express yourself. The only limits are those you make for yourself."*

outra questão: eles podem levar a cabo a prática pacífica dos negócios se escolherem carregar material ofensivo a certa pessoa ou grupo?"[50] (GIBSON, 1981, p. 7, tradução livre). Juntamente ao artigo, a revista publica uma amostra do conteúdo da *comic book* na íntegra aos leitores:

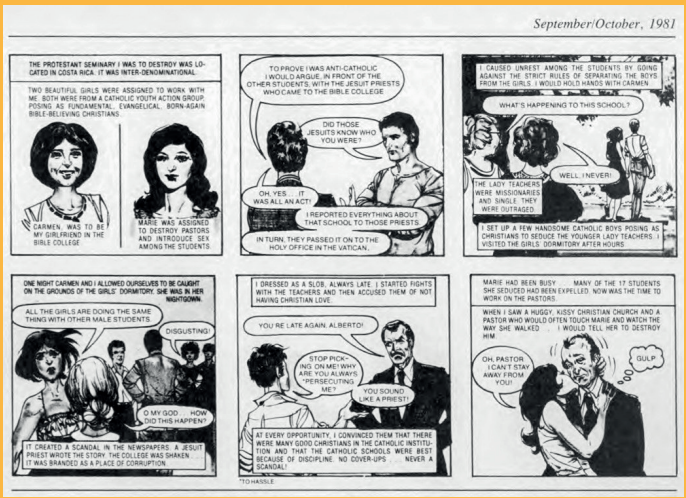
Fonte: Comic publicada na revista *Listen*, em maio de 2006.

Em paralelo ao reconhecimento das *comic books* como forma aceitável de expressão artísticas entre os adventistas, surge também a noção de que esse material é capaz de veicular conteúdo moral de boa qualidade. A revista *Signs of the Times*, de fevereiro de 1950, por exemplo, notícia que o governo americano preparou 260 mil exemplares de *comic books* sobre os "Oito grandes americanos"[51] em língua asiática (MAXWELL, 1950, p. 6, tradução livre). Dessa maneira, a revista sugere certa apreciação por *comics* de cunho histórico-biográfico. Um exemplo semelhante pode ser evidenciado na edição da revista *Listen* de setembro de 1966, em que o noticiário informa a respeito da produção de *comic books* classificadas como serviço público. Intituladas como "*Comics with a conscience*" ["Quadrinhos com consciência"], elas eram consideradas como "boas *comics*" por oferecerem à sociedade

[50] *"The question of Alberto Rivera's integrity remains. But for Christian booksellers there is another question. Can they continue the peaceful pursuit of business if they choose to carry material offensive to some person or group?"*

[51] *"Eight Great Americans."*

"mensagens construtivas sobre saúde, segurança, tolerância, carreira, abandono escolar, comportamento pessoal e outros tópicos"[52] (LISTEN, 1966, p. 16, tradução livre). A boa influência dessas *comic books* estariam alcançando mais de 40 milhões de pessoas na época.



Fonte: Amostra da comic book *Alberto*, publicada na revista *Liberty* em set./out., de 1981.

Um exemplo ainda mais marcante a respeito das *comic books* como ferramenta de ensino moral diz respeito à notícia sobre a publicação de uma *comic book* secular. A revista *Listen*, em julho de 1983, noticia um projeto liderado pelo gabinete da presidência dos EUA, em parceria com a DC Comics, em que seriam utilizados os personagens da saga "Novos Jovens Titãs" para promover uma mensagem contra as drogas. Segundo a revista, a folha de rosto do projeto trazia a seguinte mensagem: "Não deixe ninguém dizer a você que não pode ser um herói. Você pode

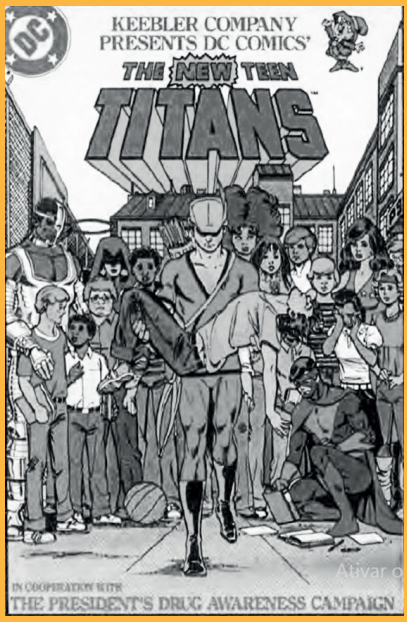
[52] *"Constructive messages on health, safety, tolerance, careers, school dropouts, personal behavior, and other topics."*

— e está prestes a aprender como"[53] (LISTEN, 1983, p. 29, tradução livre). A parceria com a DC Comics e a escolha do formato de uma *comic book* para a propagação da mensagem contra as drogas foi vista com bons olhos pelo periódico adventista, que explicava, nas palavras da presidente de publicações da DC Comics: "Visto que os personagens são jovens que possuem habilidades notáveis, eles inspiram os leitores mais jovens para suas aventuras e servem como modelo"[54] (LISTEN, 1983, p. 29, tradução livre). No ano seguinte, a revista *Listen* publicou um artigo especial enaltecendo a figura de Marv Wolfman, um dos roteiristas da DC Comics na década de 1980 responsável pela elaboração da edição especial dos Novos Jovens Titãs contra as drogas (ver SWANSON, 1984). Ambas as imagens a seguir foram tiradas da *comic book* e publicadas na revista naquele período:

Com o reconhecimento das *comic books* como forma de expressão artística e a credibilidade destas como ferramenta de ensino moral, não demoraria para que os adventistas passassem a promover propagandas de *comic books* com conteúdo bíblico em seus periódicos. Embora comente a iniciativa em tom de repúdio, Marina M. Hay, na edição da *Signs of the Times* de agosto de 1955, fala a respeito de um projeto que estava sendo desenvolvido, denominado "Comic Bible" ["Bíblia em quadrinhos"]. Segundo a autora, se tratava de uma *comic book* com releituras atuais de histórias como Bom Samaritano, Davi e Golias e a Queda de Jericó. Essa iniciativa, para ela, consistia em uma "*comic* blasfema"[55], digna de ser tachada como um "ataque de Satanás"[56], como reza o título

[53] "Don't let anyone tell you that you can't be a hero. You can — and you are about to learn how."
[54] "Because the characters are youths who possess remarkable abilities, they inspire the young readers of their adventures and act as role models."
[55] "blasphemous comic."
[56] "Satanic Attack."

Fonte: Ilustração apresentada na revista *Listen*, em julho de 1983.



Fonte: Ilustração apresentada na revista *Listen*, em janeiro de 1984.

de seu artigo (HAY, 1955, p. 3, tradução livre). Ainda, assim, essa perspectiva permaneceu de lado ao passo que os adventistas descobriam as facilidades que as *comic books* proporcionavam ao promover o conteúdo bíblico (ver AUSTRALIAN RECORD, 1985; ADVENTIST REVIEW, 1984; RECORD, 1990). Uma década depois, por exemplo, a edição de outubro de 1967 da *Pacific Union Recorder* informa que a Pacific Union Conference estava colocando anúncios da *comic book* "The Bible Story" ["A história da Bíblia"] em vários jornais, justamente nas páginas designadas às *comic books* (ver FORD, 1967).

Uma iniciativa popular na época foi noticiada pela *Adventist Review*, na edição de março de 1984, a respeito de uma Bíblia em formato de *comic book*, desenvolvida pela Divisão Norte Europeia. Em comparação aos outros, o artigo é mais completo e apresenta novas informações sobre estratégias de ação que envolvia a publicação do material. Segundo o artigo, os potenciais conversos europeus estavam longe do alcance dos discursos evangelísticos, justamente

por estarem lendo "romances, *comics* e formas ainda mais baixas de literatura"[57]; esse fenômeno, inevitavelmente, deveria "exigir uma abordagem não tradicional"[58] (APPENZELLER, 1984, p. 16, tradução livre), isto é, a utilização das *comic books*. O artigo demonstra pairar entre dois paradigmas a respeito das *comic books* no contexto adventista: 1) de um lado, ele ainda reconhece as *comic books* como uma forma inferior de literatura, indigna de ser consumida por pessoas cultas; 2) por outro lado, ele afirma a necessidade de utilizar esse meio como um método provisório para apresentar as verdades bíblicas. A seguinte afirmação demonstra ambos: a relutância e a necessidade da utilização das *comic books*:

> Tradicionalmente, os adventistas do sétimo dia são relutantes na utilização de imagens em tiras [*comic books*], mas pesquisas revelam que muitas crianças e jovens estão lendo esse tipo de literatura mais do que qualquer outra. Um seguimento amplo da população adulta da Europa também lê imagens em tiras [*comic books*] de todo tipo. O plano é introduzir gradualmente as pessoas às Escrituras — primeiro as imagens em tiras [*comic books*], depois uma leitura mais pesada[59] (APPENZELLER, 1984, p. 17, tradução livre).

A edição *Adventist Review* responsável por esse artigo, na mesma ocasião, publicou uma página amostra da Bíblia em formato de *comic book*, conforme idealizada pela Divisão Norte Europeia e in-

[57] *"Novels, comics, and even lower forms of literature."*
[58] *"require a nontraditional approach."*
[59] *"Traditionally, Seventh-day Adventist have been reluctant to use pictures strips, but surveys reveal that many children and young people are reading this type of literature more than any other. A large segment of the adult population in Europe also reads picture strips of various kinds. The plan is to introduce people gradually to the scriptures — first the picture strip, then heavier reading."*

serida abaixo. O projeto duraria aproximadamente três anos e ambicionava abranger as narrativas do Antigo e do Novo Testamento — com o lançamento do primeiro volume para setembro de 1984.

Como parece evidente, a grande justificativa para a utilização das *comic books* no contexto adventista, a princípio, partiu de uma preocupação essencialmente missiológica. Em virtude da preferência da sociedade às *comic books*, a instituição passa a enxergá-las como uma ferramenta digna para a pregação do evangelho. Em artigo publicado pela *South Pacific Record*, em abril de 1986, Rose Cox observa que os Testemunhas de Jeová, naquela época, estavam conquistando muitos fieis. O motivo, segundo a autora, consistia no fato de eles estarem conquistando as novas gerações com as *comics books*, que seriam "muito populares entre as pessoas mais jovens"[60] (COX, 1986, p. 14, tradução livre). Embora ainda reconheça certa relutância entre os adventistas para utilizar esse meio para propagar o evangelho, a autora é mais assertiva, alegando que "se queremos encorajar não cristãos ocupados e mundanos a ler sobre nossas verdades, devemos encorajar e desafiar nossos escritores e artistas a produzir um conjunto de folhetos simples e coloridos que demonstrem a base de nosso ensino"[61] (COX, 1986, p. 14, tradução livre). Esse desafio, com efeito, foi abraçado com sucesso entre os adventistas, de maneira que as *comic books* passaram a ser utilizadas como ferramenta de pregação evangelística, seja para a evangelização local (ver RECORD, 1990); para os participantes de eventos de entretenimento popular (como, por exemplo jogos de rúgbi, ver RECORD, 1991; 1992); para os visitantes não adventistas convi-

[60] "very popular among young people."
[61] "If we are to encourage busy, wordly, non-Christians to read our truths, we must encourage and challenge our writers and artists to produce a set of simple, colourful tracts showing the basis of our teachings."

dados a fazer parte de alguma programação especial promovida pela igreja (ver RECORD, 1992); e para interessados em materiais que comunicavam temas proféticos sobre Daniel e Apocalipse (ver PINKOSKI, 1987).

Um exemplo digno de nota, em que as *comic books* foram usadas como ferramenta evangelística, foi publicado na revista *Record*, em dezembro de 1990. Essa edição noticia uma ocasião em que "jovens adventistas distribuíram milhares de *comics* cristãs aos fãs na final dos jogos de futebol da New South Wales e na corrida de banho de carros"[62] (RECORD, 1990, p. 3, tradução livre). Em suma, a *comic book* distribuída "oferece uma mensagem simples do evangelho e convida o leitor a encomendar algumas lições sobre o evangelho e como ele transforma a vida"[63] (RECORD, 1990, p. 3, tradução livre). A revista *Record* relata que o público recebeu as *comic books* de maneira extremamente positiva, chegando a alegar aos jovens que realizavam o trabalho: "Deveria existir mais disso aqui"[64] (RECORD,

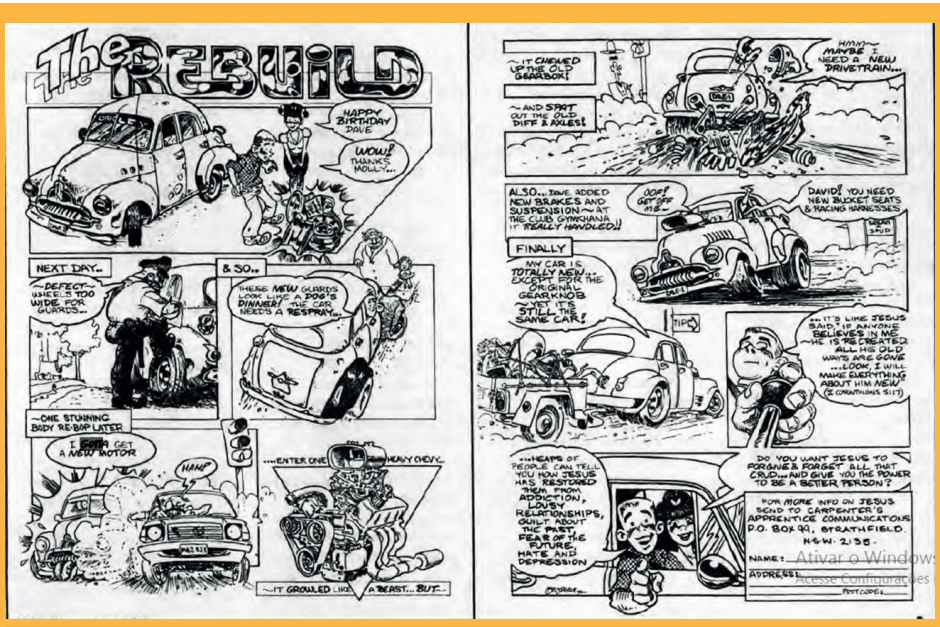
Fonte: Ilustração apresentada na revista *Adventist Review*, em março de 1984.

[62] *"Adventist youth distributed thousands of Christian comics to fans at the New South Wales Football finals and the Bathurst car race."*

[63] *"gives a simple gospel massage and invites the reader to write away for a few lessons about the gospel and how it changes lives."*

[64] *"There should be more of this."*

1990, p. 3, tradução livre). Essa edição, além de noticiar o evento, disponibiliza as páginas da *comic book* distribuída no evento.



Fonte: História em Quadrinhos publicada na revista *Record*, em dezembro de 1990.

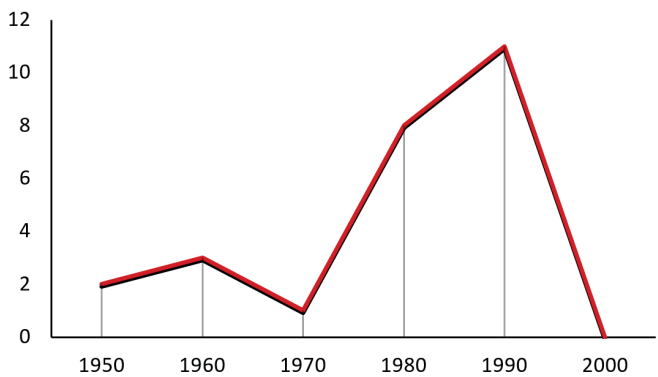
Um último exemplo pode ser encontrado na edição de agosto de 1996 da revista *Record* a respeito das *comic books* como ferramenta evangelística. De acordo com o noticiário, um pastor lançou uma *comic book* para o público jovem; uma "nova *comic* evangelística"[65] intitulada *Siege* (RECORD, 1996, p. 5, tradução livre). O material conta a história de dois jovens apaixonados no contexto da destruição de Jerusalém. Nesse interim, os personagens descobrem as predições feitas pelo profeta Daniel, repetidas por Jesus, ao passo que observam os acontecimentos no decorrer da história. Em comentário à receptividade

[65] *"a new evangelistic comic."*

dos jovens, a revista *Record* menciona a reação de um leitor, alegando que "ele acha que ela [a *comic book*] é muito boa porque explica as profecias de Daniel e demonstra o caráter de Deus"[66] (RECORD, 1996, p. 5, tradução livre).

Como pode ser observado no gráfico abaixo (Gráfico 6), as *comic books* passaram a ser compreendidas como ferramenta útil para a propagação de ensinos morais e evangelísticos a partir da década de 1950. Embora tenha sofrido certa decadência entre as décadas de 1960 e 1970, essa ênfase ganha força sempre ascendente desde então, encontrando seu auge na década de 1990 nos periódicos em língua inglesa. No entanto, é de se estranhar o fato de que, a partir da década de 2000, as *comic books* como ferramenta evangelística deixaram de ocorrer com a frequência anterior; mesmo assim, não foi constatada nenhuma outra possível ênfase que pudesse substituí-la, seja positiva ou negativa.

GRÁFICO 6 — ÊNFASE NAS *COMIC BOOKS* COMO FERRAMENTA EVANGELÍSTICA



[66] *"he thinks it is very good because it explains Daniel's prophecies and shows what God is like."*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que as primeiras menções às *comic books* foram feitas em periódicos oficiais da denominação na década de 1930, percebeu-se a existência de quatro grandes ênfases negativas no discurso adventista: 1) as *comic books* como ameaça aos valores da sociedade americana; 2) as *comic books* como responsáveis pela delinquência juvenil; 3) as *comic books* como literatura de baixa qualidade; e 4) as tirinhas como impróprias para a educação. Além da sua relação conflituosa com as *comic books*, a IASD, como analisamos acima, também possui um histórico otimista com a 9ª arte. Desde a década de 1950, ainda que de forma embrionária, começamos a encontrar as duas ênfases positivas que permeiam os periódicos adventistas: 1) o consumo adventista de *comic books* como entretenimento; 2) a utilização das *comic books* como ferramenta de informação e principalmente de caráter evangelístico.

Fonte: Foto publicada na revista *Record*, em agosto de 1996.

De uma perspectiva argumentativa, em muitas situações, quando os periódicos em língua inglesa procuram criticar as *comic books*, utilizam-se de diversos textos retirados da Bíblia e dos escritos de Ellen G. White. No que diz respeito à utilização bíblica, normalmente, as *comics books* são caracterizadas como objetos "mundanos" indignos de consumo e impróprios para a edificação. Do ponto de vista de tais escritos, as *comic books* são associadas aos livros e revistas que corrompem a moral cristã e devem ser retirados do lar. Em nenhuma dessas

ocasiões o texto bíblico ou a citação dos escritos de Ellen G. White fazem menção direta às *comic books*; em todas elas o texto é apenas aplicado à realidade combatida. É importante salientar, contudo, que em um exemplo específico, um texto dos escritos é utilizado para promover a produção de histórias em quadrinhos evangelísticas. Isso indica que os textos e as citações poderiam ser usados livremente a depender do interesse do autor.

Das 511 menções encontradas nos periódicos adventistas sobre *comic books* e tirinhas, a maioria delas se encontra nas décadas de 1940 e 1950, decorrente da repercussão popular e "histeria" anti-quadrinhos do livro *A sedução do inocente*, de Fredric Wertham, e a consequente criação do *Comic Code Authority*[67]. Após esse período, as menções negativas às *comic books* diminuem drasticamente. As ênfases negativas sumiram por completo na década de 1990. Esta década por sua vez, teve como maior ocorrência a ênfase aos quadrinhos como material evangelístico, e mesmo assim, a mesma desaparece na virada do século. Atualmente os quadrinhos são citados apenas como meio de recreação, e mesmo assim, com menções menos significativas do que décadas passadas. Percebe-se que o processo que ocorreu nos periódicos adventistas de língua inglesa segue em semelhança com o discurso adventista nos periódicos em língua portuguesa, como apontou o estudo apresentado no primeiro capítulo deste livro. Diferentemente dos estudos anteriores, este demonstra que, nos periódicos em língua inglesa, as opiniões entre os adventistas sobre as *comic books* é demonstrada

[67] *Mais informações sobre a motivação e o caráter da Comic Code Authority pode ser encontradas no capítulo 1 deste livro.*

com mais fluidez, de forma que é possível notar a mudança de paradigmas de maneira palpável. Em todo caso, os periódicos em língua inglesa também desistem da demonização em virtude do potencial evangelístico das *comic books*.

REFERÊNCIAS

ADVENTIST REVIEW. Europeans tell Old, Old Story Simply. Southern Asia Tidings, p. 13, v. 79, n. 5, mai., 1984.

_____. Religious Newsbriefs. **Adventist Review**, p. 22, v. 159, n. 16, 22 abr., 1982.

APPENZELLER, R. E. Europeans tell the old, old story simply. **Adventist Review**, p. 16-17, v. 161, n. 9, 1 mar., 1984.

AUSTRALIAN RECORD. Brevities. **Australian Record**, p. 16, v. 65, n. 41, 9 out., 1961.

_____ RD. Europeans Tell Old, Old Story Simply. **Australian Record**, p. 10, v. 89, n. 16, 5 mai., 1985.

BARKER, L. N. Mike Hall: 100-percent-natural champion. **Listen**, p. 16-18, v. 41, n. 5, mai., 1988.

BENDROTH, M. Fundamentalism and the media, 1930-1990. In: STOUT, D. BUDDENBAUM, J. **Religion and mass media**: audiences and adaptations. Thousand Oaks, Estados Unidos: Sage Publications, 1996.

BIBLE SOCIETY. Good News Results in Rwanda. **Record**, p. 11, v. 100, n. 18, 13 mai., 1995.

BOWE, D. C. Classroom Challenges. **Listen**, p. 14-15, v. 58, n. 2, out., 2004.

BUNCH, T. G. Those Uncomunical Comics: A Shocking Revelation. **Our Times**, p. 11 e 16, v. 58, n. 9, 1949.

DEPARTMENT, M. V. Felix and Mickey. **Central Union Reaper**, v.7, n. 32, p. 5, 9 ago., 1938.

CARMO, F.; NOVAES, A. As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na *Revista Adventista*. In: Congresso Internacional da SOTER, 28., 2015, Minas Gerais. **Anais do Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, MG, 2015.

COX, R. A Place for the Classics. **South Pacific Record**, p. 14, v. 91, n. 15, abr., 1986.

DELAFIELD, D. A. Seduction of the Innocent — 1: Parents, Watch Out! **Review and Herald**, v. 131, n. 39, p. 13-14, 29 jul. 1954a.

_____, D. A. Seduction of the Innocent — 2: Pernicious Influence of Crime Comics. **Review and Herald**, v. 131, n. 40, p. 14-15, 5 ago. 1954b.

_____, D. A. Seduction of the Innocent — 3: Crime Comics and "Tele-Violence". **Review and Herald**, p. 13-14, v. 131, n. 41, 12 ago. 1954c.

DEPARTMENT, M. V. What Shall I Read? **Missionary Leader**, v. 29, n. 6, p. 3-4, jun., 1941.

EDWARDS, O. C. Bringing Together the Text and the Congregation. Ministry, p. 12-14, v. 71, n. 5, mai., 1998.

EMMER, A. G. What's funny about the "funnies"? **Signs of the times**, 1 out. 1935.

FINNEY JR., R. E. 720,000,000 lessons in crime. **The Youth's Instructor**, v. 97, n. 1, p. 9 e 22, 4 jan. 1949.

MESSINGER, E. E. Wheat or Chaff? **Southern Tidings**, v. 1, n. 8, p. 11, 22 fev., 1956.

FORD, H. Publishing Department Uses Mass Media to Spread Gospel. **Pacific Union Recorder**, v. 67, n. 15, 23 out., 1967.

FRAKES, M. The Pier Piper of Today: Menace of the "comics". **Signs of the Times**, v. 69, n. 25, p. 5, 30 jun. 1942.

GULLEY, N. R. Is The World out of Control? **Signs of the Times**, p. 6-8, v.102, n. 7, jul. 1975.

HAY, M. M. Na editorial Survey of Current Events and Opinions. **Signs of the Times**, p. 3 e 6, v. 70, n. 35, ago., 1955.

JENNINGS, H. The Comics and Teen-Age Crime. **Signs of Times**, v. 75, n. 4, p. 11, 27 jan. 1948.

JONES, C. Dinner Talk. **Listen**, p. 27-28, v. 47, n. 9, set., 1994.

JUNIOR BIBLE SCHOOL. Excerpts from the Junior Bible School. **Canadian Union Messenger**, v. 15, n. 15, p. 7, 22 jan. 1947.

KENT, G. Friday Night at McDonald's. **Record**, p. 8, v. 97, n. 42, 31 out., 1992.

KINDERMAN, G.; CORRÊA, R.; NOVAES, A. Comic books e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: conflitos e aproximações nos periódicos de língua inglesa. In: XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, 2016, Engenheiro Coelho. **Anais da XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**, Engenheiro Coelho, SP, 2016.

KRAMER, L. A. Creative Leadership: Using your Differences to Change the World. **Listen**, p. 20-21, v. 61, n. 7, mar., 2008.

LISTEN. Listen News: Good Comics. **Listen**, p. 16, v. 19, n. 9, set., 1966.

_____ President's Drug Awareness Campaign Introduces Teen Titans Comic Book. **Listen**, p. 29, v. 36, n. 7, kul. 1983.

MANN, N. Home Sweet Web Home. **Listen**, p. 24-26, v. 60, n. 5, jan., 2007.

MAXWELL, L. Trends of the Times. **Signs of the Times**, p. 6, v. 77, n. 9, 28 fev., 1950.

MORRIL, M. H. Stones and Serpents. **Signs of the Times**, v. 66, n .8, p. 4-5, 21 fev., 1939.

MORGAN, T. Drawing inside the Box. **Listen**, p. 24-26, v. 59, n. 9, mai., 2006.

NOVAES, A. **O problema adventismo-televisão**: uma análise do pensamento adventista sobre a TV a partir da tipologia de H. Richard Niebuhr em Cristo e Cultura. Tese. Doutorado em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016. Disponível em: https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/18881.

NOVAES, A.; CARMO, F.; NOVAES, B. O adventismo e as comic books: breve panorama dos discursos "demonizantes" sobre histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa da denominação (1930-2000). In: XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, 2017, Campinas. **Anais da XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**, Campinas, SP, 2017a.

_____. O adventismo e as comic books: breve panorama dos discursos "sacralizados" sobre as histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa da denominação (1950-2000). In: I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação, 2017, Engenheiro Coelho. **Anais do I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação**, Campinas, SP, 2017b.

_____. O adventismo e as comic books: Um breve panorama das histórias em quadrinhos nos periódicos de

língua inglesa. In: 4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos, 2017, São Paulo. **Anais das 4as Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos,** 2017c, São Paulo.

PETERSON, H. W. North Borneo General Meetings. **Far Eastern Division Outlook**, p. 8-9, jun. 1952.

PINKOSKI, J. Not na Adventist Chick. Ministry, p. 28, v. 60, n. 12, dez., 1987.

REBLIN, I. A. Intersecções entre religião e histórias em quadrinhos: balões de pensamento a partir de um olhar à superaventura. **Parallellus**, v. 5, n. 10, p. 161-178, jul.-dez., 2014.

REBLIN, I. A.; BRAGA JR., A. (Orgs.). **Religiosidade nas histórias em quadrinhos**. Leopoldina: Aspas, 2015.

RECORD. Cartoons a Sporting Success. Record, p. 3, v. 95, n. 47, 3 dez., 1990b.

_____. Kent Ordination Tradition Continues. **Record**, p. 11, v. 101, n. 4, 3 fev., 1996a.

_____. League Comic. **Record**, p. 4, v. 97, n. 43, 7 nov., 1992.

_____. Move Over, Batman, Says Bible Society. **Record**, p. 9, v. 95, n. 1, 20 jan., 1990a.

_____. Pastor-author Launches New Outreach Form for Young. **Record**, p. 4, v. 101, n. 33, 24 ago., 1996b.

_____. SAS Witnesses at Sydney University. **Record**, p. 8, v. 97, n. 24, 27 jun., 1992.

_____. Youth Give Comics to Rugby Fans. **Record**, p. 12, v. 96, n. 42, 26 out., 1991.

RENAUD, A. Feedback from readers. **Listen**, p. 27-29, v. 56, n. 9, mai., 2003.

ROBINSON, T. Reflection: Georgie. Record, v. 95, n. 11, 24 mar., 1990c.

ROLLO, G. W. Are Your Children Being Fed a Daily Diet of Poisoned Pulp? **Sings of Times**, v. 75, n. 4, p. 8-11, abr. 1960.

SARLI, M. F. Sermon: A New Commandment. Elder's Digest, p. 17-18, v. 8, n. 4, out./dez., 2002.

SNIDER, T. D. Book Talk No 110: Comics. **Union Lake Herald**, v. 27, n. 32, p. 10, 6 ago. 1935.

SOPER, F. A. Those Comic Books. **Signs of the Times**, p. 4 e 7, v. 75, n. 24, 15 jun. 1948.

SPALDING, A. W. Getting Rich. **Atlantic Union Gleaner**, v. 32, n. 19, p. 8, 10 mai. 1933b.

SPALDING, A. W. Gold, or Stubble? **Review and Herald**, v. 110, n. 44, p. 14 e 22, 2 nov. 1933a.

STOOS, W. K. The Wood Carver. **Liberty**, p. 27-29, v. 93, n. 5, set./out., 1998.

SWANSON, G. B. Marv Wolfman: Not just another Assignment. **Listen**, p. 7-8, v. 37, n. 1, jan., 1984.

TANDY, S. Shall I read the Comics? **The Youth's Instructor**, v. 84, n. 12, p. 5 e 10, 24 mar. 1936.

VANCE, M. Lost in Wilderness. **Signs of the Times**, v. 65, n. 25, p. 4, 5 e 14, 28 jun. 1938.

WALKER, C. P. Tang with a Bang. **Listen**, v. 46, n. 9, p. 4-6, set., 1993.

WETHAM, F. **Seduction of Innocent**. [S.l.]: Main Road Books, 1954.

ZAUNER, P. Gambling: More to Lose than Money. **Listen**, p. 19-21, out. 1984.

HARRIS, S. C. Sadism and the Comic Books. **Our Times**, v. 57, n. 9, p. 12, ago., 1948.

GIBSON, B. The Selling of Alberto. **Liberty**, v. 76, n. 5, p. 5-7, set./out., 1981.

3

COISAS DE SATANÁS:

a demonização das histórias em quadrinhos no adventismo e a abstração do diabo no ocidente

THAÍS CAMARGO E SILVIA

Bacharelanda em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda (Unasp). E-mail: camargothaiss@gmail.com

FELIPE CARMO

Mestrando em Língua e Literatura Judaica (USP); Especialista em Teologia Bíblica e Bacharel em Teologia (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia e de Ensino Religioso do Unasp. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

Para a maioria dos acadêmicos que se debruçam sobre o estudo das histórias em quadrinhos (HQs), estas costumam invariavelmente representar um gênero literário específico; isto é, uma forma de linguagem com potencial de comunicação, expressão artística e um bem cultural (ver WERGUEIRO, 2005; 2007; REBLIN, 2010; 2014). Assim, o conteúdo veiculado pelas HQs apresenta características da vida social, do mundo simbólico-cultural e do universo de valores de um determinado grupo. Enquanto narrativas, as HQs costumam dizer algo acerca do ser humano e do mundo a sua volta. Para Iuri A. Reblin (2014, p. 164), mesmo sendo histórias de ficção, tendo como objetivo o entretenimento, uma história é sempre um retrato de algo, e "nesse exercício de criar, narrar e realizar uma leitura do mundo, as HQs apresentam a religião; afinal a religião é parte indelével da cultura".

Dessa perspectiva, é possível — se não inevitável — relacionar a religião diretamente à elaboração de HQs (ver REBLIN; BRAGA JR., 2015; GARRET, 2008; REYNOLDS, 2008; KNOWLES, 2008). De acordo com Reblin (2014), de maneira mais específica, a intersecção entre as HQs e a religião pode ocorrer, a grosso modo, através de quatro diferentes perspectivas, a saber: 1) quadrinhos produzidos por instituições religiosas; 2) quadrinhos com temas reconhecidamente religiosos; 3) quadrinhos com religião como ilustração contextual; 4) e quadrinhos como expressão das estruturas simbólicas religiosas. Para citar apenas um exemplo, nas HQs produzidas por instituições religiosas, costuma-se inserir "quadrinhos produzidos sobre personalidades religiosas [sobre os Mártires, o Buda, o Papa etc.], histórias da tradição religiosa (Bíblia em Quadrinhos) ou mesmo narrativas ficcionais, produzidos por Instituições religiosas ou editoras vinculadas a estas" (REBLIN, 2014, p. 171-172).

No arcabouço das produções movidas por instituições religiosas, pode ser citado o exemplo da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Além de produzir

material em quadrinhos, essa instituição possui, com o passar dos anos, diferentes posições ideológicas em relação ao seu uso desse gênero na instituição. A *Revista Adventista* (*RA*), por exemplo, é o periódico oficial da IASD no Brasil, responsável por educar e informar os seus membros. Naturalmente, como qualquer outra mídia referenciada na revista, as HQs foram abordadas pelo periódico de diversas perspectivas, tanto positivas quanto negativas. De acordo com o primeiro capítulo deste livro, durante um longo período de tempo, elas foram mencionadas pela *RA* por meio de um "discurso demonizante", isto é, uma abordagem que corresponde exclusivamente a ênfases negativas atribuídas às HQs — como a relação destas com a delinquência juvenil e a sua classificação como subliteratura. Além disso, a prática de leitura das HQs também era associada a atividades demoníacas. Rodrigo P. Silva (1990, p. 37-39), por exemplo, chegou a considerá-las como "literatura de cunho herético que traziam fundos morais duvidosos que com o passar do tempo foram paulatinamente contaminadas com um teor diabólico".

Inegavelmente, a figura do Diabo representa uma das principais personificações do mal durante toda a trajetória do cristianismo; a partir do relato bíblico, ao longo da história da igreja cristã, sua imagem foi construída de diferentes formas, sendo moldada culturalmente no decorrer dos séculos (ver GARDNER, 2013; KELLY, 2008; LINK, 1998). Portanto, pode-se afirmar que o estereótipo do Diabo atualmente conhecido no ocidente — a própria personificação do mal — percorreu um longo caminho: passou de monstro com chifres representado em obras de arte e retratado fantasiosamente em tetos de igrejas ao malfeitor responsável pelas mazelas da sociedade, recebendo diferentes nomes. Além disso, ele foi rotulado negativamente pelos antigos povos e pejorativamente pela sociedade moderna (ver KELLY, 2008; LINK, 1998; RUSSELL, 1991).

Visto que as HQs são relacionadas à figura do Diabo como "instrumento de uma conspiração satânica" (HARE, 1960, p. 22) entre os adventistas para validar um argumento de resistência contra o seu consumo, este artigo pretende inquirir como o esse discurso é caracterizado a partir do imaginário sobre o demônio no ocidente. A fim de alcançar resultados, este estudo se baseará em uma pesquisa bibliográfica, em que serão levantadas referências teóricas que retratam o imaginário do demônio, conforme costuma ser construído no ocidente; posteriormente, serão estabelecidas relações entre este imaginário com as principais citações publicadas na *RA* sobre o assunto, apuradas no acervo online de periódicos disponíveis no site da revista,[1] e coletadas outras informações do acervo ASTR (*Office of Archives, Statistics, and Research*) da IASD, que disponibiliza todos os periódicos publicados pela instituição em língua inglesa.[2]

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A ABSTRAÇÃO DO DIABO NO OCIDENTE

No contexto bíblico, o Diabo é apresentado de diferentes formas no Antigo Testamento (AT) e no Novo Testamento (NT). No AT, por exemplo, a próprio termo "Satanás" deriva do vocábulo hebraico שָׂטָן *(sāṭān)*, literalmente traduzido como "acusador" ou "adversário" (ver BROWN; DRIVER; BRIGGS, 2000); contudo, a atuação desse ser se limita a poucos versos nesse contexto. Essa expressão ocorre, principalmente, na seção introdutória do livro de Jó, em que Satanás é apresentado entre os "filhos de deus" com o intuito de questionar

[1] Acervo online disponível em: http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb. Acesso em: 10 de mai., 2017.
[2] Acervo online disponível em: http://documents.adventistarchives.org/default.aspx. Acesso em 10 de mai., 2017.

a fidelidade do personagem principal (ver Jó 1-2). Em outra situação, Satanás é incluído na cena do julgamento do sumo sacerdote Josué, com a função de atuar como um advogado de acusação (ver Zc 3:1-10). O NT, por outro lado, apresenta Satanás como uma figura mais atuante na vida e ministério de Jesus Cristo e seus apóstolos. É digno mencionar, por exemplo, que os evangelhos dedicam tempo à tentação de Jesus no deserto, em que este discute com o Satanás a respeito de sua vocação messiânica (ver Mt 4:1-11; Mc 1:12-13; Lc 4:1-13). A tradição cristã, posteriormente, esclarecerá que o animal que persuade o casal no Éden a cometer pecado, na verdade, representava a figura do "grande dragão, a antiga serpente chamada Diabo, e Satanás, que engana todo mundo" (Ap 12:9). Assim, em ambos, AT e NT, o Diabo é desenvolvido de diversas perspectivas, embora não seja inserido como um personagem proeminente nas narrativas.

Em ocasiões posteriores, no cristianismo primitivo, "muitas das elaborações sobre o caráter de Satanás estão centrados em seu suposto papel como a força motriz por trás da idolatria pagã e suas constantes batalhas com os santos" (GARDNER, 2013, p. 363; ver KELLY, 2008). De outra maneira, na Idade Média, Gardner afirma que a maioria dos escritos sobre o Diabo e o aspecto como ele passou a ser interpretado é resultado da doutrina da Igreja. Para ele, "esse personagem considerado ameaçador e perverso, do qual os fiéis seriam protegidos, foi criado no século 4, em uma tentativa de dar suporte à doutrina da salvação" (GARDNER, 2013, p.13). O autor ainda complementa:

> A partir desse início estratégico, a Igreja passou a associar todas as formas de pecado ao Diabo […] Com o passar dos séculos, uma lista cada vez maior de perversidades foi sendo creditada ao Diabo. Ele passou a ser responsabilizado por todo tipo de tragédia, natural ou provocada, de terremotos a homicídios.

> [...] Apenas a Igreja tinha o poder necessário para intervir, e o preço pela proteção era a submissão total. Aqueles que não compactuavam com o poder dos bispos acabavam taxados de feiticeiros, bruxas e adoradores do Diabo (GARDNER, 2013, p. 14).

Na Reforma Protestante, entre Martinho Lutero e seus seguidores, o Diabo era muito mais que uma figura pessoal, ele era a própria representação do pecado (GARDNER, 2013; ver RUSSEL, 1991). Sabe-se que o próprio Lutero alegava possuir "encontros" e até "debates" com Satanás em ocasiões em que este o ameaçava e perseguia: "'Hoje de manhã', escreveu ele em seu diário, 'quando acordei, o inimigo começou a me contestar. 'És um grande pecador', disse ele, ao que respondi: 'Não podes me dizer nada de novo, Satanás?'"[3] (CARUS, 1996, p. 343, tradução livre). Essa noção, em primeira instância, conferiu ênfase à noção cristã protestante — e principalmente puritana — do "demônio interior"; isto é, a ideia de que as pessoas são essencialmente malignas, uma plataforma abundante para a instauração da vontade do Diabo. Para Laurence Gardner (2013, p. 159-160), "o Diabo reside na mente e no corpo das pessoas, que não devem fazer nada que possa satisfazê-lo ou agradá-lo". Contudo, a libertação dos poderes satânicos "só seria possível com uma vida de privação, livre de extravagância, ambição ou prazer. Assim, dizia-se que o Diabo sofreria em sua morada".

Nesse sentido, somando-se à noção do Diabo como o manipulador do mal interior do ser humano, enfatiza-se também a relação deste com os prazeres e o entretenimento. Entre os teólogos protestantes puritanos, o Diabo era visto como uma espécie de go-

[3] "'Early this morning', Luter tells us in his Tischreden, 'when I awoke the fiend came and began disputing with me. 'Thou art a great sinner', said he. I replied, 'Canst not tell me something new, Satan?'"

vernador do mundo e dos prazeres carnais: "Partindo de uma perspectiva psicológica muito mais profunda, eles [os protestantes] identificavam o Diabo como o senhor absoluto da tentação, governante do mundo dos vícios, da luxúria e da ganância" (GARDNER, 2013, p. 157), que exercia controle sobre todas as ações do ser humano. Todos os acontecimentos cotidianos eram considerados seus artifícios, e qualquer alternativa que pudesse tornar a vida mais prazerosa, como jogos, arte, passatempos e outras formas de entretenimento eram considerados uma afronta contra Deus (GARDNER, 2013; ver KELLY, 2008). Nesse contexto, a figura do Diabo passa a granjear um aspecto de "onipotência", a ponto de comparar o seu potencial estratégico para tentação ao plano divino para a salvação da humanidade. De alguma forma, os seus artifícios eram insuperáveis e exigiam extrema vigilância do cristão:

> Acreditava-se na época que o Diabo estava à espreita em todos os lugares — em cada circunstância infeliz, em cada ação indesejável, em cada pensamento ímpio e em cada evento desagradável. Seu poder de tentação era inigualável (GARDNER, 2013, p. 181).

De acordo com Gardner (2013), é possível que grande parte do ódio puritano protestante aos ditos "prazeres carnais" seja um reflexo da relação que o próprio Lutero possuía com o papado em sua época. Tanto o Papa Leão X (Giovanni de Médici) quanto o Papa Júlio II (Giuliano della Rovere) costumavam ser acusados de luxúria sexual por administrarem bordeis muito lucrativos na época. As suas atividades cotidianas, principalmente a relação com as artes, devem ter somado, em termos de significado moral, às outras atividades de cunho "carnal" ou "pecaminoso" meramente por representarem as preferências dos papas. Nas palavras de Gardner (2013, p. 158), "talvez não seja de surpreender, portanto,

que os protestantes tenham associado a Renascença artística ao comportamento incomum dos papas ou considerado as disciplinas estéticas como igualmente diabólicas". Tais elementos estéticos comunicavam o maior de todos os pecados, pois poderia representar uma tentativa de imitar Deus, chegando mesmo a demonizar a elaboração de obras de criatividade (GARDNER, 2013). A associação com produções artísticas extravagantes poderia comunicar um intento satânico declarado.

Em suma, os argumentos históricos apresentados podem apenas ser encadeados vagamente devido a abrangência dos discursos sobre o Diabo nos períodos citados. Contudo, pode-se citar algumas ênfases que costumavam aparecer com mais frequência. Em primeiro lugar, o Diabo costumava estar presente nos relatos que destacavam cenas de crimes violentos e assassinatos. Os crimes eram considerados atos pecaminosos resultados da influência diabólica; no geral, todos os seres humanos eram considerados criminosos em potencial, tendo como única salvação para fugir das tentações, a obediência às determinações dos pregadores (GARDNER, 2013). Foram compostas inúmeras histórias apresentadas em forma de poesias baseadas nos itens do folclore tradicional — conhecidas como "balada" — em que o Diabo "era sempre retratado seduzindo, trapaceando e incentivando suas vítimas a ferir ou matar a si mesmas e os outros" (GARDNER, 2013, p. 184).

> Por conta desse enorme volume de relatos impressos, as pessoas estavam certas de que o Diabo reinava supremo, e Deus, por ser um vingador terrível que desejava punir a todos aqueles que viviam no mundo de Satanás, jamais as confortaria. Como resultado, as pessoas passaram a desconfiar de si mesmas acima de tudo, sentindo que poderiam, a qualquer momento, desviar involuntariamente do caminho (GARDNER, 2013, p. 184).

Em segundo lugar, uma das principais tentações de Satanás, utilizada para desviar os cristãos do caminho, é o sexo, em suas inúmeras vertentes. Essa noção justifica uma das representações iconográficas mais legitimadas do Demônio, relacionada à imagem de Pã — uma divindade greco-romana que se divertia em orgias (RUSSEL, 1991). A sensualidade era retratada em obras através de esculturas e artes pictóricas onde, por exemplo, a nudez feminina era exposta. Quanto a isso, "a Igreja não se opunha à revelação do corpo feminino nu na arte pictórica, mas acreditava que, quando visto, ele deveria ser diretamente relacionado ao pecado e à atuação demoníaca" (GARDNER, 2013, p. 185). Como exemplo dessa noção, um panfleto intitulado *The Devil Incarnate* retratou o corpo da mulher como "cilada de Satanás" (GARDNER, 2013, p. 178). Em outras palavras, embora o sexo e a nudez possam representar apelos satânicos, "as mulheres [especificamente] aspiram seduzir e corromper os homens pela forma com que se vestem, e elas se enfeitam Diabolicamente contra as vontades de Deus" (GARDNER, 2013, p. 178).

Por último, uma associação comumente feita às atividades demoníacas eram a heresia e o paganismo (GARDNER, 2013; ver LINK, 1998). Os hereges eram definidos como aqueles que discordavam de certas doutrinas estabelecidas pela igreja, sendo considerados também pagãos por se inclinarem a outras crenças. Pode-se citar o exemplo dos arianos, que não aceitavam a ideia da Trindade; dos nestorianos, que acreditavam que Jesus era apenas um homem e não um ser divino; dos gnósticos, que possuíam uma visão de fé esotérica, entre outros (GARDNER, 2013, p. 129). Acerca do paganismo, as práticas relacionadas à bruxaria, feitiçaria, espiritismo e todo tipo de culto que não era dedicado a Deus eram consideradas práticas diabólicas. Qualquer pessoa que fosse julgada tendo ligação com "espíritos malignos", ou até mesmo fingisse invocar espíritos, lançar encantos ou prever o futuro, era condenada a multas e prisões.

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E O DIABO NOS PERIÓDICOS ADVENTISTAS

A partir do estudo apresentado no primeiro capítulo deste livro, pode-se constatar que os adventistas apresentam diferentes argumentos para justificar seu discurso demonizante em relação às HQs: o primeiro deles diz respeito à relação entre as HQs e a delinquência juvenil, isto é, de que elas educavam as crianças na violência; a segunda trata as HQs como um gênero de "subliteratura", ou seja, elas são consideradas prejudiciais ao desenvolvimento intelectual de seus leitores; por último, a terceira classifica as HQs como seculares, sendo seu conteúdo interpretado como uma armadilha satânica para dominar a mente dos leitores e ensiná-los falsas doutrinas. Ao analisarmos os argumentos relacionados à terceira perspectiva, percebe-se que o discurso carrega consigo todas as argumentações negativas anteriores, porém, com o acréscimo de que seriam atividades satânicas.

Por exemplo, a *RA* acreditava que as HQs eram consideradas um perigo para os jovens e a leitura desse tipo de material afastaria as pessoas de Deus. Por conter uma variedade de relatos de violência e brutalidade, com histórias envolvendo assassinatos, roubos e tráfico de drogas, elas são classificadas como uma má leitura:

> A má literatura é uma das causas primordiais da imoralidade, do vício e do crime. Existem estatísticas estarrecedoras sobre a delinquência juvenil, primando entre seus fatores a má literatura. [...] Acontece que os filhos cristãos, quando estão frequentando a escola, ficam fascinados com as revistas em quadrinhos que trazem os seus companheiros, e não resistindo à tentação querem dar uma "olhada" a essas revistas, que trazem na maioria das vezes as histórias mais absurdas e macabras, desviando completamente

> o espírito e as boas ideias. A má literatura, não há dúvida, pode afastar nossos filhos completamente de Deus (HOLTZ, 1963, p. 9).

Em anos posteriores, em artigo intitulado "A face oculta dos desenhos e Gibis", publicado em janeiro de 1990, com autoria de Rodrigo P. Silva, o autor denuncia as HQs como "síndrome de Lúcifer". Ele justifica o termo por considerar as histórias impróprias e apresentarem conteúdo violento. Essas atividades evidenciariam práticas comuns a intervenções demoníacas na vida do cristão. Em suas palavras, "como se não bastasse, os desenhos subsequentes passaram a trazer considerável número de histórias envolvendo assassinatos, roubos, tráfico de drogas etc." (SILVA, 1990, p. 38). Como já foi observado por Gardner (2013), o Diabo costumava ser associado à violência nos folhetins jornalísticos, quando apresentavam relatos de assassinatos e crimes violentos, colocando-o como incentivador das vítimas. No caso da "síndrome de Lúcifer", essa justificativa é evidenciada na *RA* com o foco nas cenas de violência apresentadas nas HQs, normalmente protagonizadas por gângsteres e super-heróis (ver MALTY, 1957; BURROWS, 1947). Em outras palavras, um outro agravante ao conteúdo violento das HQs é o fato de o Diabo induzi-lo, e não apenas a violência em si.

Além da associação com a violência, a "síndrome de Lúcifer" está relacionada à sensualidade. No mesmo artigo citado acima, Rodrigo P. Silva (1990, p. 38) se apoia no texto bíblico encontrado em Colossenses 3:5[4], associando os trajes dos super-heróis à imoralidade. Em suas palavras, "tanto os heróis masculinos quanto os femininos exibiam seus traços corporais através de roupas colantes". Para os cristãos, esse tipo de atitude é considerado

[4] "Fazei, pois, morrer a vossa natureza terrena: prostituição, impureza, paixão lasciva, desejo maligno e a avareza, que é idolatria."

demoníaca, pois, como exposto anteriormente, o corpo da mulher era apontado como sendo "a cilada de satanás" (GARDNER, 2013). Outra evidência semelhante capaz de realizar essa relação encontra-se em uma seção de perguntas e respostas da *The Wachtman Magazine*, publicada em junho de 1937. Nela, um dos leitores pergunta se existe algo de errado na utilização de cosméticos, mesmo se o objetivo desse uso seja artístico. Em resposta à questão, Arthur W. Spalding (1937) alega que a beleza deve ser retirada da simplicidade da natureza, que possui a referência mais elevada da beleza humana. Nesse sentido, ele aconselha que não sejam seguidos os padrões femininos encontrados em HQs, que possuiriam um apelo sexual criminoso.

Uma das ênfases negativas mais frequentes a respeito das HQs pode ser exemplificada no artigo de Anna Moine Moran (1945), intitulado "An empty house" ["Uma casa vazia"]. Nele, encontra-se a noção de uma "estratégia satânica" para usurpar a mente do ser humano por meio do entretenimento, conforme desenvolvida pelos protestantes. Nele, a autora afirma que "Satanás é esperto"[5]; ele seria capaz de envolver a vítima ociosa com diversificados artifícios, assim como uma casa vazia pode acumular toda sorte de tralha. Dentre os objetos inseridos na mente do indivíduo, encontram-se "uma biblioteca de sexo e novelas sobre assassinato, fábulas, mitos, ficção inútil, e HQs bobas"[6] (MORAN, 1945, p. 9, tradução livre). Para a autora, o Diabo, além de agir de maneira sorrateira, é, nos termos de Gardner (2013, p. 157), "o senhor absoluto da tentação, governante do mundo dos vícios, da luxúria e da ganância". Uma abordagem muito semelhante é encontrada em Spencer W. Burrows (1947, p. 9, tradução livre), em que as HQs são descritas como

[5] *"Satan is crafty."*
[6] *"Library of sex and murder novels, fables, myths, trashy fiction, and silly comics."*

"livros didáticos de Satanás"[7]. Esse material, de acordo com o autor, faz parte da agenda satânica para perverter a pureza das mentes infantis, a fim de que, finalmente, seus leitores estejam inacessíveis à Palavra de Deus. Uma crítica mais direta, contudo, é expressa por Kenneth H. Wood, ao alegar que o entretenimento mundano — o que inclui as HQs — fazem, literalmente, parte de uma "agenda satânica para encher a mente dos seres humanos com o desejo por diversão mundana"[8] (WHITE *apud* WOOD, 1975, p. 2, tradução livre).

A ênfase de que o Diabo desenvolve estratégias para dominar a mente humana por meio do entretenimento parece possuir proeminência entre as demais (ver TANDY, 1936; PLUMMER, 1935). Por um lado, os periódicos adventistas apontam como "mente saudável" aquela que dedica tempo e esforço em atividades religiosas e intelectuais. Por outro lado, o indivíduo cujo juízo foi dominado por Satanás "enche a sua mente com o que vê na TV. [Ela] está cheia de pensamentos sobre jogos de futebol, festas e hobbies. Ele gosta de ler HQs e livros inúteis da biblioteca"[9] (WATTS, 1983, p. 28, tradução livre). Para o autor da citação, o segundo exemplo foi vítima do sucesso de Satanás.

Por fim, a *RA* relaciona as HQs às práticas pagãs, como espiritismo e ocultismo. Hélio Grellman cita como exemplo, em seu artigo "Erradicando as reminiscências do paganismo", publicado na *RA* no ano de 1979, a revista *Turma da Mônica* onde aparecem personagens nomeados como "Anjinho", "Penadinho", "Cranícola" e outros. Na visão do autor, essas são consideradas "figuras espectrais" (GRELLMANN, 1988). Rodrigo P. Silva (1990), como citado anteriormente, também acredita que há

[7] *"Textbooks of Satan."*
[8] *"Satan´s policy fill the minds of men with a desire for worldly amusement."*
[9] *"he fills his mind with what he sees on TV. His mind is full of thoughts of ball games, parties, and hobbies. He likes to read the comics and worthless library books."*

o emprego exacerbado de ocultismo e politeísmo nas HQs, muitas vezes até enredados a textos bíblicos. Para ele, essas práticas podem ser consideradas "o ponto áureo de desafio aos princípios cristãos" (SILVA, 1990, p. 37-39), justamente por apresentar um conjunto de convicções religiosas estranhas ao cristianismo. Essas aparições "espectrais", contudo, não representariam apenas uma demonstração do paganismo, mas a atuação do próprio demônio na tentativa de guiar os seus leitores ao erro:

> Parece ser estudado o propósito do inimigo criar na mente infantil uma "agradável familiaridade" com os espíritos, de tal modo que aceitá-los mais tarde como parte integral da vida da pessoa, passe a ser apenas uma questão de tempo (GRELLMANN, 1988, p. 14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As HQs abordam em suas narrativas a religião de formas diversificadas. Os periódicos adventistas, por sua vez, apresentam a opinião sobre elas de uma perspectiva denominacional. Contudo, a sua opinião oscila entre aspectos positivos e negativos. Entre os aspectos negativos, destaca-se o discurso demonizante, sendo correlacionado a partir de três principais aspectos: a delinquência juvenil, a classificação como subliteratura e a interpretação do seu conteúdo como armadilha satânica.

O aspecto relacionado à armadilha satânica apresenta três principais características: a associação com a violência, a sensualidade e o paganismo. Em relação a associação com a violência, as HQs apresentariam histórias que retratam diversas cenas de crimes, brutalidade e assassinatos que são vistos pelos adventistas como atividades demoníacas. O mesmo ocorre com a sensualidade, que desde a antiguidade foi demonizada quando a nudez feminina era retratada em obras de

arte. Atualmente, os corpos desnudos são evidenciados nas HQs através dos trajes dos personagens. Isso, no discurso da *RA* era considerado como imoralidade, e pode ser associada a uma atividade satânica. Finalmente, as HQs são relacionadas ao paganismo, em que a revista associa personagens encontrados em HQs a uma afinidade com religiões espiritualistas.

Por fim, pode-se evidenciar que as associações das HQs com as atividades demoníacas citadas acima encontram-se estritamente associadas a abstrações da figura do Diabo, conforme acreditada entre os cristãos no ocidente. Com isso, este trabalho sugere que os adventistas tomam, preferencialmente, algumas das elaborações formadas na cultura ocidental sobre a figura de Satanás para associá-las às HQs. Isso não significa, contudo, que suas afirmações careçam de fundamento bíblico-cristão, isto é, não que possuam bases escriturísticas. Por meio deste estudo, entende-se que a crítica confere prioridade às construções sociais vigentes a respeito do Diabo quando pretendem condenar o conteúdo das HQs, utilizando-se, por vezes, do texto bíblico para fundamentar os seus argumentos.

REFERÊNCIAS

BURROWS, Spencer W. There's Nothing Funny About the Comics. **Review and Harald**, p. 9, feb. 1947.

CARMO, Felipe; Novaes, Allan. As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na *revista adventista*. In: Congresso Internacional da SOTER, 28., 2015, Minas Gerais. **Anais**…Belo Horizonte — MG, 2015.

GARDNER, Laurence. **O Diabo Revelado**. São Paulo: Madras, 2013.

GRELLMANN, Hélio L. O espetáculo paralelo de Satanás: conclusão. **Revista Adventista**, p. 12-14, jul 1988).

HARE, Eurico E. Lições para a Semana de Oração das Crianças. **Revista Adventista**, p. 21-22, nov. 1960.

HOLTZ, Alfredo. O que Leem Nossos Filhos?. **Revista Adventista**, p.9-10, mar. 1963.

KELLY, Henry A. **Satã**: Uma Biografia. São Paulo: Globo, 2008.

LINK, Luther. **O Diabo:** a máscara sem rosto. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MALTY, Miguel J. As famílias brasileiras querem Nosso Amiguinho: o exemplo do menino gaúcho. **Revista Adventista**, p. 25-26, dez. 1957.

REBLIN, Iuri. A teologia e a saga dos super-heróis: valores e crenças apresentados e representados no gibi, **Protestantismo em Revista**, São Paulo, v.22, p. 13-21, 2010.

REBLIN, Iuri. Intersecções entre Religião e Histórias em Quadrinhos: balões de pensamento a partir de um olhar à superaventura, **Paralellus**, Recife, v. 5, n. 10, p. 161-178, jul./dez. 2014.

RUSSEL, Jefrey B. **O Diabo**: As Percepções do Mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

SILVA, Rodrigo. A face oculta dos desenhos e Gibis. **Revista Adventista**, p. 37-39, jan. 1990.

MORAN, A. M. An empty house. **Review and Herald**, v. 122, n. 27, p. 9, 5 jul., 1945.

WOOD, K. H. Satan's policy. **Review and Herald**, v. 152, n. 8, p. 2, 20 fev., 1975.

WATTS, D. E. The church: God's Family on Earth. **Adventist Review**, v. 160, n. 41, p. 26-31, 13 out., 1983.

TANDY, S. Shall I read the comics? **The Youth's Instructor**, v. 84, n. 12, p. 5 e 10, 24 mar., 1936.

PLUMMER, L. F. Dangers Threatening our youth. **Review and Herald**, v. 112, n. 7, p. 19-20, 14 fev., 1935.

SPALDING, A. W. Social Questions Answered. **The Watchman Magazine**, v. 46, n. 6, p. 17, jun. 1937.

CARUS, P. **The History of the Devil and the Idea of Evil**. New York: Gramercy, 1996.

GARRETT, G. **Holy Superheroes**: Exploring the Sacred in Comics, Graphic Novels, and Film. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.

KNOWLES, C. **Nossos deuses são super-heróis:** a história secreta dos super-heróis das histórias em quadrinhos. São Paulo: Cultrix, 2008.

REBLIN, I. A.; BRAGA JR., A. (Orgs.). **Religiosidades nas histórias em quadrinhos.** Leopoldina: Aspas, 2015.

REYNOLDS, R. **Superheroes**: a modern mythology. Jackson: University Press of Mississippi, 1992.

VERGUEIRO, W. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público. **História, imagens e narrativas, v. 3, n. 5, set., 2007.**

VERGUEIRO, W. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **Revista de Ciência da Informação**, v. 6, n. 2, abr., 2005.

BROWN, F.; DRIVER, S.; BRIGGS, C. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon**. Peaboy: Hendrickson Publisher, 2000.

4

REFORMA DE SAÚDE EM QUADRINHOS:

breve consideração sobre as obras de luis sá na *Revista Nosso Amiguinho* (1951-1975)

PRYCYLLA LIMA DOS SANTOS

Bacharelanda em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda (Unasp). E-mail: pryscylima@hotmail.com

FÁBIO AUGUSTO DARIUS

Doutor e Mestre em Teologia (EST). Graduado em História (FURB). Professor da Faculdade de Teologia, no Mestrado Profissional em Educação e na Licenciatura em História do Unasp.
E-mail: fabio.darius@unasp.edu.br

Ao abordarmos temas sobre religião, logo percebemos a invevitabilidade de relacionarmos este à cultura. Em outras palavras, o fato de seguir preceitos religiosos, por exemplo, deve auxiliar no desenvolvimento de um caráter moral específico, influenciando, inclusive, o costume alimentar de seu praticante. Isso significaria que a forma de se alimentar não corresponde apenas a preocupações nutricionais, mas envolve os costumes de uma cultura e uma sociedade em geral, influenciando aspectos econômicos, culturais, ecológicos e históricos. De acordo com Luciana C. Lira (2015, p. 56), ''como marcador de identidade étnica e religiosa o tema da alimentação tem sido estudado nas distintas religiões [...] Combinando as identidades religiosas e culturais''.

Não obstante à sua expressão nos costumes alimentares de uma sociedade, a religião também se manifesta nos meios de comunicação, como por exemplo, nas Histórias em Quadrinhos (HQs). Segundo Iuri A. Reblin (2014, p. 11), a relação entre ambos os universos "destaca a ressalva de que eles podem se imbricar, [e] referem-se, conceptualmente, ao que se tem nomeado como teologia do cotidiano" (REBLIN, 2014, p. 14).

Um exemplo de que o fenômeno religioso se expressa a partir das duas perspectivas apontadas acima pode ser evidenciado em um grupo religioso específico: a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). A princípio, essa denominação se destacou por possuir princípios alimentares diferenciados de outras denominações protestantes. Nos termos da obra *Nisto Cremos: As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia*, "os cristãos praticam bons hábitos de saúde a fim de proteger o comando central de seus corpos-templos, a mente, o lugar de habitação do Espírito de Cristo" (GRELLMANN, 2013, p. 348). Para tanto, os adventistas costumam mencionar 8 remédios naturais: ar puro, luz solar, abstinência, repouso, exercício, regime conveniente, uso de água e confiança

no poder divino. "As leis de Deus, que incluem as leis de saúde, não são arbitrárias, mas foram designadas por nosso Criador visando habilitar-nos a desfrutar o melhor da vida" (GRELLMANN, 2013, p. 348).

De maneira semelhante, os adventistas também se utilizaram das HQs para pregar suas doutrinas. Embora possua um histórico conturbado de relações com as HQs, a IASD passou, com o decorrer dos anos, de uma perspectiva "demonizante" para outra "sacralizada";[1] isto é, de uma abordagem negativa à outra positiva (ver CARMO; NOVAES, 2015). Por exemplo, com o intuito da evangelização de camadas sociais mais jovens no exterior, a IASD passou a utilizar as HQs na mídia impressa como ferramenta de divulgação evangelística (ver NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017). Em 1952, no contexto brasileiro, foi lançada a revista *Nosso Amiguinho* para conquistar o público infantil. Como alternativa para as HQs "seculares" de caráter negativo na época, a revista *Nosso Amiguinho* começou a crescer e divulgar conteúdo educativo e cultural no Brasil (ver CARMO; GUBERT; RICKEN; 2016).

É na união da expressão religiosa como cultura alimentar e como arte sequencial que atuam, no contexto adventista, as obras desenvolvidas pelo famoso desenhista brasileiro Luiz Sá. Dos muitos trabalhos já realizados pelo autor, alguns de seus desenhos foram publicados na revista *Nosso Amiguinho* com o intuito de orientar as crianças a seguirem um estilo de vida saudável. Curiosamente, até onde se sabe, o autor não compartilhava das crenças adventistas; ainda assim a revista *Nosso Amiguinho* tinha o costume de dedicar um espaço às suas obras no periódico infantil da denominação.

[1] *As perspectivas demonizante e sacralizada são apresentadas com mais detalhes no contexto adventista nos capítulos 1 e 2 deste livro.*

Em virtude dessa peculiaridade editorial este trabalho deverá ser guiado pela seguinte questão: Qual a relação das HQs de Luiz Sá com a temática da reforma de saúde no adventismo a partir da revista *Nosso Amiguinho*? Para responder essa pergunta, será feita uma breve revisão bibliográfica sobre a reforma de saúde na IASD para relacioná-la com as revistas do *Nosso Amiguinho* — em um recorte entre 1951 a 1975[2] — que contenham os desenhos de Luiz Sá sobre saúde. Com o foco no objeto nos trabalhos do autor publicados na revista *Nosso Amiguinho*, o principal objetivo do trabalho é estabelecer possíveis relações temáticas entre as HQs de Luiz Sá com a ideologia adventista sobre a saúde.

A REFORMA DE SAÚDE NO ADVENTISMO

Historicamente, a IASD foi inaugurada como instituição na década de 1860. Desde aquela época, eles já possuíam um corpo doutrinário bem estruturado. Ellen G. White, uma das líderes do movimento adventista, adquiriu conhecimento sobre saúde e passou a pregar sobre sua importância entre os adventistas. Os malefícios do tabaco, controle do apetite, dieta vegetariana, pureza do corpo, temperança e hábitos saudáveis foram alguns temas abordados. "No desenvolvimento do estilo de vida, especialmente a reforma de saúde, foi considerada pela liderança da igreja como assunto de extrema importância e urgência devido à visão que Ellen G. White recebeu em 1863" (ZUCKOWSKI, 2010, p. 2). Essa mensagem passou a ser praticada e pregada pelos adventistas, expandindo o conhecimento e atendimento à comunidade. "Ainda que não tivesse nenhum treinamento

[2] Essas edições estão disponíveis, embora de forma incompleta, no Centro de Pesquisas Ellen G. White do Unasp-EC, local em que a pesquisa foi realizada.

médico, o fruto de seu ministério [de Ellen G. White], na parte de promotora da reforma de saúde, pode ser visto hoje na rede de hospitais e clínicas adventistas que se multiplicaram ao redor do mundo" (FRÓES, 2014, p. 16). Além disso, a "'Mensagem de Saúde' ou a 'Reforma de Saúde' é incorporada no corpo doutrinário da IASD, se tornando uma parte muito relevante da identidade adventista" (SCHÜNEMANN, 2008, p. 1). Nesse período, a Igreja passou a publicar a revista *The Health Reformer* e a construir o Instituto Ocidental para Reforma de Saúde.

Durante o mesmo período, o início do século 19, os EUA sofreram com a proliferação de doenças. A falta de higiene e os maus hábitos alimentares praticados pelos americanos contribuíam para o crescimento desse quadro. A medicina, de forma semelhante, não estava suficientemente avançada para encontrar a cura dessas doenças, realizando procedimentos errados e tratamentos ineficientes. "Os procedimentos médicos baseavam-se em premissas erradas no que tange ao diagnóstico e natureza das doenças" (ZUKOWSKI, 2010, p. 3). Com influência da Europa, a medicina foi se tornando um saber científico nos EUA, onde os médicos começaram a utilizar a investigação científica em suas práticas. "Os avanços médicos ao longo do século 19 mantêm íntima ligação com a consolidação do uso experimental dentro da medicina" (SCHÜNEMANN, 2008, p. 5). Entretanto, o conhecimento médico avançava desproporcionalmente às suas práticas. Segundo Fróes (2014, p. 20), médicos utilizavam sangrias e tratamentos com ópio, mercúrio, arsênico e estricnina, atualmente reconhecidos como prejudiciais à saúde. Algumas cidades americanas ainda não possuíam hospitais, os doentes eram tratados em casa ou em algum consultório médico particular. As mortes eram constantes, e suas causas variavam desde febre, doenças raras ou epidemias. Os mais jovens eram os mais afetados: "A expectativa de vida média em 1840 era de 22,6 anos, a qual, segundo pretendia o *Advertiser*, demonstrava o nível superior de

saúde desfrutado em Portland" (DOUGLASS, 2001, p. 45). Diante desse quadro, as pessoas começaram a mudar o estilo de vida e a procurar tratamentos naturais. Assim, "os problemas de saúde [...] experimentad[os] pelos americanos levaram muitas pessoas a envolverem-se em terapias naturais e movimentos de reforma de saúde no começo do século 19" (ZUKOWSKI, 2010, p. 97).

Nessa época, os EUA se tornaram independentes das colônias inglesas, sofrendo uma grande expansão territorial. O número de imigrantes cresceu, trazendo consigo a variedade religiosa e racial, mas o país não estava preparado para enfrentar essas diferenças. Por isso, a escravidão se desenvolveu e culminou na Guerra Civil, em 1960. "O sonho de liberdade que impulsionou o início do país parece não haver amadurecido o suficiente para o convívio pacífico e respeitoso entre pessoas de etnia, nacionalidades e classes distintas, muitas vezes até oposta" (FRÓES, 2014, p. 57). Alguns abolicionistas brancos se arriscaram para falar contra a escravidão, até que o presidente Andrew Jackson, na metade do século 19, procurou expandir o individualismo e impulsionou o país a procurar temas relacionados à reforma de costumes. Palestras sobre escravatura, reforma agrária, não violência e temas ligados à saúde eram bastante ouvidos por milhares de pessoas. "Havia periódicos sobre temperança, revistas dedicadas ao espiritualismo, socialismo, frenologia, homeopatia, hidroterapia [...] e todos os conceitos, movimentos e sensações de uma comunidade de mente extremamente dinâmica" (FRÓES, 2014, p. 57). Com a chegada dos imigrantes nas cidades à procura de emprego, os americanos se sentiram ameaçados e largaram suas vidas no campo para viver nas cidades, mas não conseguiram se adaptar à ela. Com o conflito entre classes, o êxodo rural e a falta de adaptação à vida urbana, a sociedade frustrada passou a se consolar com bebidas alcoólicas. "Isso provocou um aumento significativo no consumo de álcool, tornando o alcoolismo uma preocupação nacional" (FRÓES, 2014, p. 58).

As mesmas preocupações sociais descritas acima também induziram os adventistas às preocupações com a reforma de saúde, porém, de uma perspectiva religiosa. Para eles, a reforma de saúde tem ligação direta com o preparo para a volta de Jesus; ao cuidar de seu corpo, mantem-se não só o corpo, mas a mente sã. Segundo Fróes (2014, p. 80), "cuidando do corpo e mente como o 'Senhor requer', através da observância das leis naturais relacionadas ao corpo, [o] cristão está observando o mandamento 'não matarás', e, por conseguinte, sendo fiel à lei e ao evangelho que refere ser o corpo templo do Espírito Santo". Dessa forma, "A transgressão das leis naturais do corpo humano foi considerada transgressão da lei de Deus" (ZUKOWSKI, 2010, p. 7).

No pensamento adventista, Deus requer do ser humano um relacionamento puro e genuíno, que só é possível quando as faculdades mentais estão em perfeita harmonia. Isso significa que o uso do tabaco, o apetite descontrolado, a falta de higiene e outras atitudes prejudiciais à saúde do corpo e da mente afetam diretamente o relacionamento com Deus: "a alimentação é vista como um elemento fundamental da relação entre Deus e os seres humanos" (CAMPELO, 2014, p. 13). Segundo Schunemann (2008, p. 3), "aquele que não cuida da saúde estaria desagradando a Deus, e enfraquecendo a mente como canal de comunicação com [Ele]". Com a mente fraca, a capacidade de raciocinar, discernir entre o bem e o mal, ou até mesmo o conhecimento da verdade, são prejudicadas; "um corpo e uma mente saudáveis afetam diretamente a moral e a capacidade de discernir a verdade" (FRÓES, 2014, p. 78). Seguindo tais prerrogativas, os adventistas reafirmam sua convicção utilizando-se principalmente da seguinte afirmação: "Portanto, quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10:31).

REFORMA DE SAÚDE NAS HQS DE LUIZ SÁ

Nascido em 1907, Luiz Sá retratava em suas HQs os ditos "inimigos" da saúde. Seu trabalho teve muita repercussão no Brasil e tinha o objetivo de alertar a população sobre os cuidados para a promoção de saúde, higiene e alimentação. Para cumprir com esse objetivo, ele costumava se utilizar do humor para tornar o tema mais atraente. Segundo uma entrevista realizada por Henri Bon (1978, p. 21 e 22), Luiz Sá teria feito a seguinte alegação sobre seu trabalho: "Trabalhei também para o Serviço Nacional de Educação Sanitária, onde publicava aqueles almanaques de saúde [. . .] Vim para São Gonçalo há 8 anos e depois de velho, acabei tuberculoso ficando internado mais de um ano. Aí o Dr. Ataídes me pediu para fazer uns desenhos sobre doenças e suas causas."

Criador de personagens como Reco-Reco, Bolão e Azeitona e o bonequinho das críticas de cinema do jornal *O Globo*, sua contribuição permanece até hoje na história das HQs brasileiras. Seus quadrinhos foram muito úteis para ensinar a população a praticar hábitos saudáveis, e essa noção pode ser evidenciada especialmente na revista *Nosso Amiguinho*. Entre os anos de 1951 a 1975, encontrou-se no acervo disponível ao menos oito tirinhas do desenhista relacionadas à saúde. Embora o autor não fosse adventista, o conteúdo veiculado por suas HQs foi adotado pelo periódico. Esse fato ocorreu, muito provavelmente, visto que o discurso de Luiz Sá refletia uma das preocupações teológicas dos adventistas, a saber, a Reforma de Saúde. As possíveis relações entre o trabalho do autor com a ideologia adventistas podem ser resumidas às seguintes:

Fonte: *Revista O Tico-tico*, out. 1952 - © O Tico-tico inc., Todos os direitos reservados.

Figura 1 - *"Estudo ao ar livre"*

Fonte: *Nosso Amiguinho*, jun. 1957 -
© 1957 Casa Publicadora Brasileira, inc.,
Todos os direitos reservados.

Figura 2 - *"Pulmão ao ar livre"*

Fonte: Nosso Amiguinho, jun. 1957 -
© 1957 Casa Publicadora Brasileira, inc.,
Todos os direitos reservados.

A primeira HQ (Figura 1) aponta o ar livre como responsável por uma melhor oxigenação do cérebro e, assim, ao auxílio nos estudos de uma criança. Na HQ, os leitores são incentivados a estudar fora de casa para receber "os benefícios do ar". A segunda HQ (Figura 2), ao contrário da primeira, não incentiva só as crianças, mas também os adultos; ela relaciona o ar livre ao funcionamento dos pulmões. Em suma, as duas HQs, criadas por Luiz Sá e publicadas na revista *Nosso Amiguinho*, reforçam a importância do *ar livre* para a saúde do seu corpo. Essa perspectiva encontra-se alinhada ao pensamento adventista acerca dos oito remédios naturais utilizados para um estilo de vida saudável, em que o ar puro corresponde um elemento de extrema importância. De acordo com o *Nisto Cremos*: "Um ambiente em que o ar seja impuro, dentro ou fora da casa, faz com que o sangue transporte menos oxigênio

Figura 3 - *"Lavar as mãos"*

Fonte: *Nosso Amiguinho*, jul. 1957 -
© 1957 Casa Publicadora Brasileira, inc.,
Todos os direitos reservados.

Figura 4 - *"O menino no dentista"*

Fonte: *Nosso Amiguinho*, set. 1954 -
© 1954 Casa Publicadora Brasileira, inc.,
Todos os direitos reservados.

do que o nível requerido para o funcionamento ideal da célula. Isso tende a deixar a pessoa menos alerta e com reflexos mais demorados" (GRELMANN, 2003, p. 370).

A primeira HQ (Figura 3) demonstra o personagem lavando as mãos antes de comer, pois nelas existem bactérias que poderiam gerar doenças graves. A segunda HQ (Figura 4), retrata a criança frequentando, desde cedo, o dentista a fim de cuidar da saúde dos seus "dentes permanentes". Ambas histórias abordam o tema da *higiene*, prevenindo o leitor, nesse sentido, sobre cuidados com a saúde por meio da limpeza do corpo. Essa perspectiva também se encontra alinhada com a noção adventista a respeito da higiene pessoal, não raro associada à pureza da vida. Para Ellen G. White, por exemplo, entende-se que tanto a higiene quanto a pureza envolvem cuidados com o corpo, roupa, casa e pureza de coração (ZUCKO-

Figura 5 - *"Zé Papagaio modifica o cartaz"*

Fonte: Tirinha do cartunista brasileiro Luís Sá publicada na revista *Nosso Amiguinho* - © 1954 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados.

Figura 6 - *"Alimentação saudável"*

Fonte: Nosso Amiguinho, abr. 1958 - © 1954 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados.

WSKI, 2010). Em outras palavras, ela pode receber uma conotação tanto física quanto moral.

Ao ler um cartaz incentivando o uso de cigarro (Fifura 5), o personagem Zé Papagaio decide fumar, mas logo sente os efeitos negativos do tabaco em seu corpo. Com isso, ele modifica o cartaz, escrevendo "Não fume cigarro", para que o próximo leitor não experimente as consequencias negativas de seu uso. Um dos temas mais abordados pelos adventistas — principalmente devido à urgência no seu período de formação — é a condenação do uso do tabaco e de estimulantes. Segundo o *Nisto Cremos*, por exemplo, o fumo é um veneno de ação lenta, que exerce efeitos nocivos sobre as capacidades físicas, mentais e morais (GRELMANN, 2003, p. 371). A princípio, seus efeitos dificilmente são perceptíveis. Contudo, ele deve excitar e, posteriormente, paralisar os nervos, enfraquecendo o cérebro.

A outra HQ (Figura 6) alega que o consumo de legumes, frutas e verduras contribui para o desenvolvimento de ossos fortes e dentes resistentes nas crianças. Nesse sentido, se os pais pretendem ver seus filhos em boa forma, devem acrescentar esse tipo de alimento nas refeições destes. Da maneira muito semelhante, os adventistas

acreditam que os problemas de saúde, atualmente, estão diretamente relacionados à alimentação e ao estilo de vida. Por consequência, eles pregam frequentemente a importância de uma dieta balanceada e saudável: "A dieta planejada por Deus, consistindo de grãos, frutas, nozes e vegetais, oferece os ingredientes nutricionais adequados e favorece a saúde perfeita" (GRELLMANN, 2003, p. 375).

Figura 7 - *"Posição ára dormir"*

Fonte: Nosso Amiguinho, mar. 1965 - © 1965 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados.

Por último, na HQ ao lado (figura 7), o personagem mostra de um jeito descontraído a melhor forma de aproveitar suas horas de sono. Em vez de dormir encolhido, seu corpo deve estar distendido sobre a cama para descansar corretamente. Dessa perspectiva, entende-se que o corpo e a mente se relacionam na ocasião do sono, de maneira que a má posição do corpo pode influenciar no descanso da mente. Segundo os termos do *Nisto Cremos*, "Deus destacou a necessidade de descanso ao separar para repouso um dos sete dias da semana" (GRELLMANN, 2013, p. 351).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dessas HQs publicadas na revista *Nosso Amiguinho*, é possível perceber que Luiz Sá, mesmo sem conhecer as doutrinas e Reforma de Saúde da IASD, possuía conhecimento e apregoava princípios da vida saudável. Por isso, seu trabalho foi essencial para a revista *Nosso Amiguinho* ao se utilizar das HQs para comunicar a ideologia da instituição. Mesmo não sendo adventista, Luiz Sá acabou fornecendo informação

sobre os cuidados com o corpo, contribuindo com a propagação da ideologia adventista.

Com isso, entende-se que as HQs, no meio adventista, eram utilizadas como uma forma de propagação do evangelho no formato de mensagens sobre hábitos para uma vida saudável. Atualmente, a revista *Nosso Amiguinho* não publica mais as HQs de Luiz Sá, que, mesmo antigas, ainda se enquadram nos dias de hoje. O ar livre, o sono, a higiene, a alimentação saudável e o discurso contra o fumo foram temas abordados nos desenhos de Luiz Sá, dos quais se enquadram nos oito remédios naturais propagados pelos adventistas para a promoção de um estilo de vida saudável e, por consequência, um melhor relacionamento com Deus.

REFERÊNCIAS

BATALHA, E. Luiz Sá: um desenhista a serviço da saúde. **Invivo**, 2007. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=921&sid=7>. Acesso em: 25 out. 2016.

BON, Henri. Depoimento: Luiz Sá, você lembra? **Revista Traço**, n. 2, p. 17-23, 1979.

CAMPELO, K. J. S. **A influência da religião na formação dos hábitos alimentares:** estudo do adventismo do sétimo dia. São Leopoldo, 2014. 80f. Dissertação (Mestrado em Teologia). Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.

CARMO, F.; GUBERT, L.; RICKEN, J. **"Leiam o que é Nosso!":** um breve panorama da utilização das Histórias em Quadrinhos na revista Nosso Amiguinho. São Paulo, 2016. 12f. XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesical. Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, 2016.

CARMO, F.; NOVAES, A. As histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na *Revista Adventista*. In: Congresso Internacional da SOTER, 28., 2015, Minas Gerais. **Anais do Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião**. Belo Horizonte, MG, 2015.

FRÓES, E. F. **A relação entre religião e saúde no discurso de Ellen G. White (1827-1915).** São Bernardo do Campo, 2014. 139f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2014.

GRELLMANN, H. L (trad.). **Nisto Cremos:** As 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013. 476 p.

LIRA, L. C. **Limites e paradoxos da moralidade vegan:** um estudo sobre as bases simbólicas e morais do vegetarianismo. Recife, 2012. 417f. Tese (Programa de Pós-Graduação). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

NOVAES, A.; CARMO, F.; NOVAES, B. O adventismo e as comic books: breve panorama dos discursos "sacralizados" sobre histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa da denominação (1950-2000). In: I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação, 2017, Engenheiro Coelho. **Anais do I Congresso Adventista Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação, Engenheiro Coelho, SP, 2017.**

REBLIN, I. A. Intersecções entre Religião e Histórias em Quadrinhos: balões de pensamento a partir de um olhar à superaventura. **Paralellus**, Recife, v. 5, n. 10, p. 161-178, jul./dez. 2014.

SCHÜNEMANN, H. E. S. **Interfaces entre Religião e Ciência no Discurso de Saúde no Adventismo.** São Paulo, 2008. 10f. Professor da área de Humanidades, Unasp, Engenheiro Coelho, 2008.

ZUKOWSKI, J. **Reforma de saúde:** história e relevância teológica no movimento adventista. São Paulo, 2010. 17f. Professor de História Eclesiástica e História. Faculdade de Teologia, Unasp, Engenheiro Coelho, 2010.

5

OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA ARTE SEQUENCIAL:

uma análise das tirinhas da *Revista Adventista* (1977-1980)

ALYSSON HUF

Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo (Unasp).
E-mail: alyhuf@hotmail.com

FELIPE CARMO

Mestrando em Língua e Literatura Judaica (USP); Especialista em Teologia Bíblica e Bacharel em Teologia (Unasp). Professor da Faculdade de Teologia e de Ensino Religioso do Unasp. E-mail: felipe.carmo@ucb.org.br

CLACIR VIRMES JUNIOR

Mestre em Ciências das Religiões (UFPB), Especialista em Teologia Bíblica (Salt-Fadba), Bacharel em Teologia (Salt-Fadba,) e Bacharel em Sistemas de Informação (Unoesc). Email: clacir.junior@adventistas.edu.br.

Desde seus primórdios, no século 19, a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) possui vínculo imediato com a mídia impressa.[1] Por meio desta, a IASD estabeleceu um sistema de comunicação entre os membros dispersos de sua denominação, divulgando eventos e instruindo seus adeptos (CARVALHO, 2012). À medida que o movimento crescia, rompendo as fronteiras estadunidenses onde nasceu, a publicação de livros, periódicos e folhetos expandiu-se na mesma proporção. Editoras foram estabelecidas ao redor do mundo, conferindo continuidade às publicações impressas — a depender das demandas regionais (SCHWARZ; GREENLEAF, 2009). No Brasil, por exemplo, o periódico que se tornou porta-voz oficial da IASD foi a *Revista Adventista* (*RA*), publicada inicialmente em 1906 (GUARDA, 1985). Desde então, a revista apresenta mensalmente ao público adventista a proposta de abordar temáticas variadas de uma perspectiva exclusivamente denominacional.

Dentre os temas abordados por ela, o assunto das Histórias em Quadrinhos (HQs) era comum a algumas edições a partir de outubro de 1942; essas menções se estendem até as edições mais recentes (CAMPOS, 1942, p. 10-11; BORGES, 2013, p. 21). Contudo, a abordagem da *RA* acerca das HQs não é apresentada de maneira homogênea; a sua opinião sobre esse gênero oscilou com o passar dos anos. Como vimos no primeiro capítulo deste livro, é possível distinguir, grosso modo, ocasiões em que a temática era apresentada de um viés que transita entre a "demonização" e a "sacralização" das HQs; isto é, de uma perspectiva inteiramente negativa para outra mais otimista. Contudo, com o crescente

[1] *Este trabalho é uma versão aprimorada da comunicação apresentada na XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, em 2016.*

abandono de algumas críticas pontuais às HQs no final da década de 1970, como a acusação do gênero como má literatura e incentivo à delinquência juvenil (CARMO; NOVAES, 2015, p. 1158-1159), a *RA*, em 1977, passa a inserir "charges" e "tirinhas" no editorial de cada revista. Esse acréscimo, é importante sublinhar, representa uma quebra de paradigma entre os adventistas que, em décadas anteriores, demonizavam o gênero da arte sequencial e, por extensão, as próprias tirinhas cômicas (ver KINDERMAN; CORRÊA; NOVAES, 2016; NOVAES; CARMO; NOVAES, 2017). O costume de inserir charges e tirinhas nos editoriais, contudo, parece ter perdurado por apenas três anos e oito meses, sendo omitidas a partir da edição de outubro de 1980 por motivos ainda desconhecidos. No total, foram publicadas exatamente 43 charges/tirinhas no editorial da *RA*.

Embora as charges/tirinhas publicadas na *RA* apresentem uma conotação religiosa específica, no geral, o fenômeno religioso pode ocorrer nas HQs de maneiras diversificadas. Entre as opções oferecidas por Reblin (2014, p. 171), alguns desses materiais podem ser classificados como "quadrinhos produzidos por instituições religiosas"; ou seja, HQs orientadas ou financiadas por uma denominação específica, de maneira a retratar o seu discurso doutrinário. Consequentemente, a utilização da arte sequencial na *RA* parece representar essa categoria em especial: quadrinhos que, na intersecção com temas relacionados à religião, reproduzem o discurso dogmático de suas respectivas denominações, com o objetivo de educar o leitor, de maneira sistematizada, a respeito das principais doutrinas.

Embora sejam definidas neste trabalho como "charges" ou "tirinhas", a natureza desse material é diferente da que se costuma encontrar entre os gêneros das HQs, especialmente o que se define como "tirinha" (ver NI-

COLAU, 2007).[2] Ao invés de comunicar uma mensagem acabada, na *RA*, elas apenas eram utilizadas para fazer referência a algum artigo específico — uma espécie de "propaganda". Em outras palavras, o discurso apresentado não apontava diretamente ao conteúdo da charge/tirinha, mas a outro discurso em forma de texto. Assim, o fato de não representarem um fim em si mesmas dificulta a compreensão dos objetivos narrativos inerentes desse material para classificá-lo "institucional". Contudo, levando-se em consideração os conceitos elaborados por Koch (1996), toda linguagem é dotada de intencionalidade e se caracteriza pela argumentação ao se utilizar de "operadores argumentativos". A mesma sugestão a respeito da linguagem é apresentada por Ducrot (2008) na Teoria da Argumentação, ou Teoria dos "*Topoi*". Dessa forma, toda comunicação expressa através da linguagem pode comunicar intencionalidade e ideologia, a partir do instante em que o leitor passa a analisar os operadores que orientam o seu argumento.

Em virtude da dificuldade na compreensão das mensagens apresentadas nas charges/tirinhas da *RA* como conteúdo religioso institucional, este trabalho tem como objetivo responder às seguintes questões: 1) Quais os principais operadores argumentativos utilizados nas tirinhas e nas charges da *RA*? 2) Quais as possíveis intenções e ideologias da denominação adventista difundidas por esse material? Para cumprir com este objetivo, este trabalho pretende analisar os operadores argumentativos das charges/tirinhas publicadas na *RA* a partir da Teoria da Argumentação, conforme as elaborações de Koch e Drucot. Visto que elas ocorrem apenas entre 1977 e 1980, o material analisado estará concentrado neste período de recorte, e pode ser acessado no site oficial da *RA* (REVISTA ADVENTISTA, 2003-2017).

[2] *Em virtude desse estranhamento, vamos denominar o conteúdo como "tirinha/charge" ou "charge/tirinha"no decorrer do estudo.*

ARGUMENTAÇÃO E LINGUAGEM

Comentando os progressos acadêmicos no campo dos estudos linguísticos ao longo das últimas décadas, Koch (1996) destaca que a função social da linguagem tem sido um assunto de grande destaque entre os linguistas. Para a autora, a "função social da linguagem" se refere ao fato de que o ser humano só usa a língua porque vive em comunidade. Por conviver com outros indivíduos, o homem tem necessidade de se comunicar com eles e estabelecer relações de tipos variados, buscando obter reações ou comportamentos específicos dos outros. Em suas palavras: "Desta maneira, a linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade" (KOCH, 1996, p. 17).

Ela explica que, por possuir racionalidade e vontade, o ser humano está sempre formando juízos de valor e, por meio do discurso — "ação verbal dotada de intencionalidade" —, procura exercer influência sobre o comportamento de seus semelhantes e convencê-los a partilhar de suas convicções. Ela declara:

> É por esta razão que se pode afirmar que o ato de argumentar, isto é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo (KOCH, 1996, p. 19).

Nas palavras de Ducrot (2008, p. 18), a ideia é de "uma argumentação intrínseca à língua". Ao falar acerca da opinião do autor sobre esse assunto, Parreira (2006, p. 22) explica que tanto Ducrot quanto a Semântica Argumentativa mostram como "um argumento que objetiva levar a uma conclusão se realiza através do uso de morfemas

que servem para levar os argumentos a terem uma relação de menor ou maior força para uma determinada conclusão". Esses morfemas que conduzem o sentido do texto e indicam a força argumentativa dos enunciados são chamados de "operadores argumentativos", termo cunhado pelo próprio Ducrot, que também é criador da Semântica Argumentativa. Explicando a terminologia de Ducrot, Parreira (2006, p. 22) explica os operadores argumentativos da seguinte forma:

> Um morfema X é operador argumentativo em relação a uma frase P se três condições forem preenchidas: a) pode-se constituir a partir de P uma frase P', introduzindo-se X em P, isto é, P'=X+P; b) em uma situação de discurso determinada, um enunciado de P e um de P' possuem valores argumentativos nitidamente diferentes; c) a diferença argumentativa não pode ser derivada de uma diferença factual entre as informações fornecidas pelos enunciados de P e de P'.

Usando o exemplo da própria autora, pode-se pensar em um enunciado **P**: "Pedro trabalhou um pouco", em que "um pouco" pode ser substituído por "pouco" e formar a frase **P'**: "Pedro trabalhou pouco". "Pouco" ou "um pouco" podem constituir-se operadores argumentativos se um enunciado de **P** e um de **P'** permitirem conclusões diferentes. Assim, ampliando o exemplo de Parreira (2006) em Ducrot (2008), pode-se ter: (a) Pedro trabalhou um pouco. Ele vai conseguir; (b) Pedro trabalhou um pouco. Ele não vai conseguir; (c) Pedro trabalhou pouco. Ele vai conseguir; e (d) Pedro trabalhou pouco. Ele não vai conseguir. Percebe-se que as frases (a) e (c) ou (b) e (d) chegam às mesmas conclusões a partir de "pouco" e "um pouco". No entanto, "sentimos [...] muito bem que a argumentação não é a mesma em (a) e em (c), nem tão pouco em (b) e (d)" (DUCROT, 2008, p. 35). Faz-se necessário, neste ponto, recorrer à Teoria dos

"*Topoi*" para identificar qual o sentido da argumentação em cada frase e verificar se, de fato, "um pouco" e "pouco" são operadores argumentativos.

O *topos* é "o ponto de articulação entre a língua e o discurso" (ESPÍNDOLA, 1998, p. 174). Grosso modo, pode-se afirmar que o *topos* é o "pressuposto argumentativo" de um enunciado, ou seja, a ideia — ou princípio geral — que permeia todo o enunciado. "Enquanto não se descobre o *topos*, não se pode compreender o que o argumentador pretende" (ESPÍNDOLA, 1998, p. 177). Dessa forma, voltando aos exemplos, há dois *topoi* distintos que podem ser identificados: (T1) "O trabalho leva ao êxito"; (T2) "O trabalho leva ao fracasso". Se o *topos* "defendido" é o T1, conclui-se que os enunciados (a) e (d) são equivalentes; no caso de T2, seriam os enunciados (b) e (c). Assim, se o trabalho leva ao êxito (T1) e Pedro trabalhou pouco, logo Pedro não terá êxito (d); mas, se Pedro trabalhou um pouco, ele vai conseguir (a). Ou seja, "um pouco" e "pouco" são operadores argumentativos de (a) e (c), pois o uso deles altera o valor argumentativo dos enunciados, conduzindo-os a conclusões diferentes.

Segundo Ducrot (2008), os *topoi* possuem três características: são comuns, gerais e graduais. Espíndola (1998, p. 175) explica:

> São considerados *comuns*, por serem apresentados como sendo de consenso a certa comunidade da qual, ao menos, fazem parte locutor e alocutário. […] São considerados *gerais* por serem válidos […] em diferentes situações.

E eles são graduais na maneira como são aplicados. Espíndola (1998, p. 178) continua:

> Para indicar a orientação argumentativa intencionada pelo locutor em uma determinada interação linguística, a língua dispõe dos operadores argumentativos, os quais indicam a orientação argumentativa (*topos*

> alicerce da argumentação) e a força com que esse *topos* deve ser atualizado. Em outras palavras, os operadores argumentativos, na Teoria dos "*Topoi*", tem por função especificar o tipo de utilização que se deve fazer dos *topoi* e determinar a força argumentativa do enunciado.

Em outras palavras, os operadores argumentativos orientam o sentido do texto para uma conclusão (PARREIRA, 2006). A autora ressalta que esses operadores pertencem a classes argumentativas invariáveis, como conjunções, advérbios e locuções conjuntivas — geralmente palavras que recebem pouca atenção nas aulas de Língua Portuguesa.

Ao se examinar esses operadores, Koch (1996) assevera ser importante retomar a noção de escala argumentativa, que foi desenvolvida por Ducrot. Segundo ela, "**P** é um argumento para a conclusão **R**, se **P** é apresentado como devendo levar o interlocutor a concluir **R**" (KOCH, 1996, p. 105). Assim, quando vários argumentos são encadeados em uma escala graduada, eles apontam com maior ou menor força para a conclusão intencionada e, portanto, pertencem à mesma escala argumentativa.

OPERADORES ARGUMENTANTIVOS NAS CHARGES/TIRINHAS DA *RA*

Parreira (2006) e Koch (1996) descrevem em seus trabalhos uma série de operadores argumentativos e suas funções. Não cabe neste trabalho elencar a longa lista formulada pelas pesquisadoras, mas os operadores e as funções por elas elencados serão utilizados a seguir, na análise das charges/tirinhas da *RA* que foram publicadas nos editoriais do periódico entre 1977 e 1980. (Todas elas podem ser encontradas no acervo digital da revista.) Essa análise buscará iden-

tificar quais os operadores argumentativos utilizados nas ilustrações, suas funções e o objetivo destes no discurso das charges/tirinhas.

Antes disso, convém destacar que todas essas ilustrações publicadas nos editoriais tinham por objetivo aparente convidar o leitor a ler o artigo principal da respectiva edição da revista. Portanto, de um modo ou de outro, todas elas apresentam o número da página do artigo referenciado. Além disso, nem todas apresentam operadores argumentativos ou discursos argumentativos. De todas as ilustrações, 11 delas foram selecionadas por possuírem operadores claramente identificáveis no texto.

Por exemplo, em março de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977a, p. 4) foi publicada a primeira ilustração de série, mas não possuía nenhum operador argumentativo. Na charge de abril de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977b, p. 4), a segunda da série, temos a cena ao lado:

Fonte: *Revista Adventista*, abr. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

"Pior do que" é um operador argumentativo que, segundo Parreira (2006), serve para estabelecer relações de comparação entre elementos, tendo em vista uma conclusão. Neste caso, ele compara dois enunciados e apresenta o segundo como conclusivo. Enquanto a fala do primeiro personagem do quadrinho faz uma afirmação categórica — "maior praga na igreja" —, o segundo personagem inicia seu enunciado já com um operador argumentativo de comparação, buscando levar o leitor a perceber

que o primeiro enunciado não é tão absoluto quanto parece — e concluir que o "saduceísmo"[3] é uma "praga" maior que o "farisaísmo"[4].

Em maio de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977c, p. 4), a revista publicou a seguinte charge/tirinha:

Nesse material há dois operadores argumentativos: o "já" e o "então". O "já" é classificado como um marcador de excesso temporal ou mudança de

[3] *O termo "saduceísmo" refere-se à seita judaica do 1º século d.C. cujos aderentes eram chamados de saduceus. No NT, a declaração mais explícita de sua teologia se encontram e Atos 23:6-8, onde é dito que os saduceus não criam na ressurreição, nos anjos e nos espíritos. Por muito tempo se entendeu que os saduceus só aceitavam como autoritativos os cinco primeiros livros da Bíblia, conhecidos como Pentateuco, em detrimento do restante das escrituras hebraicas. Hoje se sabe que o mais provável é que eles respeitassem todo o AT, mas que tenham se valido especialmente do Pentateuco para defender seus posicionamentos. Alguns estudiosos entendem que eles haviam absorvido muito da cultura helênica dos seus dias, tornando-se, em muitos aspectos, religiosamente secularizados (ver MYERS, 1987, p. 902; FOULKES, 1988, p. 1880; LACEY, 1996, p. 1045; SALDARINI; POWELL, 2011, p. 906). É este último aspecto que é enfatizado no artigo para o qual a tirinha faz referência.*

[4] *"Farisaísmo" é o termo que faz referência à mais proeminente seita judaica do 1º século d.C., pelo menos do ponto de vista do NT. Os fariseus aparecem constantemente nos Evangelhos. Ao mesmo tempo em que Jesus faz duras críticas ao grupo (especialmente em Mt 23), ele elogiou um de seus adeptos (Mt 12:34) e João dá ênfase à conduta de Nicodemus, que fazia parte da seita (Jo 7:50-51). A literatura rabínica condena as atitudes altivas e hipócritas de alguns fariseus, mas também destacam suas qualidades. Provavelmente o principal problema do farisaísmo era sua tendência de, no afã de defender a observância estrita aos preceitos da lei, enaltecer a lei oral que se desenvolveu para explicar e aplicar a Torá (SILVA, 1988, p. 1671). Isso acabou desenvolvendo a ênfase farisaica na salvação pela obediência à lei. No artigo referido pela tirinha, esta atitude, que é vista como perigosa, é colocada em perspectiva e avaliada como um pouco menos danosa do que a suposta manifestação moderna das atitudes dos saduceus (cf. nota anterior).*

Fonte: *Revista Adventista*, mai. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc.,Todos os direitos reservadoss

Fonte: *Revista Adventista*, jun. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

estado. Neste caso, ele indica que a frequência com que os professores da garota falam de teorias evolucionistas afetou a mente dela, deixando-a em dúvida. Ou seja, a opinião deles mudou o estado de sua mente. Dado o contexto do quadrinho, que está localizado dentro de uma revista que defende a Teoria Criacionista, em oposição ao evolucionismo, é possível entender que ela ficou insegura quanto à sua convicção criacionista.

O enunciado do rapaz ilustrado na charge/tirinha apresenta-se como uma solução direta para a dúvida da garota. O operador "então" deixa isso claro, pois serve para apontar a conclusão de argumentos apresentados anteriormente, como explica Parreira (2006). Se ela está em dúvida, então basta ler o artigo da página 10 da revista para seu antigo estado mental seja reestabelecido e sua crença criacionista seja reafirmada.

Na edição seguinte, junho de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977d, p. 4), foi publicada a ilustração ao lado. Neste caso, a expressão "e

sim", do segundo enunciado, é um operador argumentativo que trabalha para complementar duas afirmações que possuem uma mesma direção argumentativa. Ele une uma negação a uma asserção positiva. Neste caso, a argumentação do enunciado se direciona para a conclusão de que a pressão social tira a autenticidade das pessoas. Dessa forma, a ilustração parece afirmar que a verdadeira autenticidade seria não viver segundo a época, mas resistir ao que a sociedade pressiona.

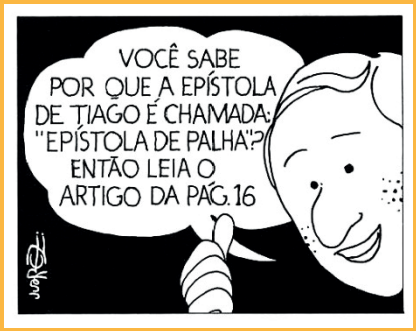
Fonte: *Revista Adventista*, ago. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Em agosto de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977e, p. 4), a charge/tirinha volta a apresentar operadores argumentativos. A figura apresenta dois operadores: "é verdade" e "e […] também". O primeiro funciona como reforço de algo já dito — neste caso, a afirmação de que comer carne é um grande risco. O "e […] também", por sua vez, é um operador que acrescenta mais um argumento que passa a ser decisivo. Aqui, ele lembra o leitor que, além da carne, o açúcar é inimigo do homem. Não qualquer inimigo, mas "o número um", isto é, o maior de todos os inimigos.

Fonte: *Revista Adventista*, set. 1977 - © 1977 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Esta charge/tirinha de setembro de 1977 (REVISTA ADVENTISTA, 1977f, p. 4) possui dois operadores. O primeiro é o "já", que transmite o sentido de mudança de estado: o rapaz está cansado de sermões baseados em

recortes. Ele passou de um estado de disposição para o cansado. O outro personagem concorda e acrescenta, com o uso do "aliás", um argumento que segue a mesma escala argumentativa e tem um *status* decisivo na conversa. Ao apontar que a *RA* do mês tem um artigo sobre o assunto do qual o primeiro personagem se lamenta, o segundo personagem não só concorda com o cansaço do outro como sugere que o assunto incomoda muitas outras pessoas, a ponto de a revista escrever sobre o tema.

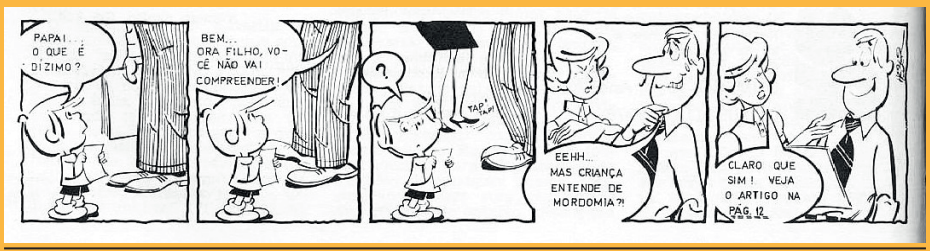


Fonte: Revista Adventista, abr. 1978 - © 1978 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Em abril de 1978 (REVISTA ADVENTISTA, 1978a, p. 4), a ilustração ao lado apareceu no editorial.

O enunciado é uma pergunta retórica, ou seja, o enunciador não espera ser respondido pelo receptor. O operador "então" deixa subentendido que a resposta da pergunta é *não*, o leitor não sabe por que a epístola de Tiago é chamada de "epístola de palha". Ele assume a ignorância do leitor para reforçar a necessidade de se ler o artigo da página 16.

A tirinha de outubro de 1978 (REVISTA ADVENTISTA, 1978b, p. 4), além de ser uma das únicas que realmente se parecem com uma tirinha, apresenta dois operadores argumentativos utilizados de maneira criativa. Veja:



Fonte: Revista Adventista, out. 1978 - © 1978 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

O operador argumentativo "ora" é normalmente utilizado para se expressar um juízo de valor, que nessa tirinha se manifesta como a crença do pai de que o filho não é capaz de compreender o conceito de dízimo. No terceiro e quarto quadrinho é possível ver a mãe da família impaciente, reprovando a atitude do pai sem soltar uma palavra, apenas usando a linguagem corporal. O pai, então, tenta argumentar, lançando um questionamento iniciado pelo operador "mas", que sempre revela oposição entre argumentos. Nesse caso, oposição ao argumento implícito da mãe de que a criança é capaz de aprender sobre mordomia.[5]

Fonte: Revista Adventista, abr. 1979 - © 1979 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Em abril de 1979 (REVISTA ADVENTISTA, 1979a, p. 3) foi publicada a seguinte charge/tirinha ao lado.

O operador argumentativo "mas" é utilizado neste caso para se opor a uma ideia que fica implícita no primeiro enunciado. Visto que o sábado costuma ser considerado um dia sagrado e de descanso para os adventistas,[6] o pri-

[5] *Na teologia adventista, o termo "mordomia" refere-se à crença de que aos seres humanos foi dado o privilégio de administrar os dons do tempo, dos recursos, da corporeidade e dos talentos. Tomando emprestado o termo inglês "stewardship", relacionado, conforme a definição do dicionário Merriam-Webster (2003), à "administração responsável e cuidadosa de algo confiado ao cuidado de alguém", o termo foi traduzido desde muito cedo na literatura adventista em língua portuguesa pelo termo "mordomia". Para uma explicação da perspectiva adventista sobre o tema, ver o capítulo intitulado "Mordomia" no livro Nisto cremos (ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA, 2008, p. 335-345).*

[6] *Para abordagens teológicas sobre a origem bíblica, relevância escatológica e significado do sábado do sétimo dia desde a perspectiva adventista, ver O sábado na Bíblia (TIMM, 2010), o capítulo intitulado "O sábado" no Tratado de teologia adventista (STRAND, 2011) e Doutrina do sábado (REIS; GROGER; FOLLIS, 2012a; 2012b).*

Fonte: *Revista Adventista*, jun. 1979 - © 1979 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

meiro enunciado da ilustração deixa subentendido que o personagem quer descansar no sétimo dia da semana, abrindo mão de fazer qualquer atividade. O segundo enunciado combate esse pensamento, afirmando que o sábado não é dia de cruzar os braços.

Em junho de 1979 (REVISTA ADVENTISTA, 1979b, p. 3) foi publicada a ilustração ao lado:

O operador argumentativo "se" sempre apresenta a ideia de condição. A ideia implícita nos enunciados é a de que se os Testemunhas de Jeová lessem o artigo da página 40 dessa edição, eles mudariam sua concepção de uma vinda espiritual, incorpórea de Jesus.[7] De forma bem mais clara, o mesmo operador é usado na charge/tirinha da edição de julho de 1979. Nesse caso, a leitura do artigo referido mudaria a crença do personagem de que a lei de Deus, conforme descrita especialmente em Êxodo 20, foi abolida.[8]

[7] *Na escatologia jeovista, Cristo não volta de forma corpórea. O jeovismo entende que a palavra grega parousia, que normalmente é traduzida nas versões em língua portuguesa do NT como "vinda" ou "aparecimento", deveria ser entendida como "presença". Além disso, essa presença não seria visível e corpórea, mas invisível e espiritual. Portanto, o jeovismo entende que a vinda de Cristo ao mundo se deu, em algum momento em 1914, de maneira invisível e incorpórea. Para uma exposição da compreensão das Testemunhas de Jeová sobre o assunto, ver o verbete "Presença" na obra Estudo perspicaz das escrituras (1992, p. 321-324). Para uma contraposição aos argumentos jeovistas quanto à doutrina da volta de Jesus e a sua compreensão da escatologia bíblica, ver Brito (1992).*

[8] *O papel da lei de Deus na vida do cristão é um tema importante no adventismo. Para considerações históricas sobre como os adventistas desenvolveram sua compreensão sobre a importância da lei divina, ver Knight (2005, p. 55-90). Para uma exposição teológica sobre o tema desde a perspectiva adventista, ver Veloso (2011, p. 510-548).*

A ilustração de setembro de 1979 (REVISTA ADVENTISTA, 1979c, p. 3) trouxe mais uma vez o operador argumentativo "também". Acrescentando mais um argumento decisivo em duas escalas de mesmo sentido, o "também" revela que o mesmo sofrimento ("Ai") destinado às pessoas "de Babilônia", ou seja, às pessoas "não convertidas", está reservado para as pessoas que fazem parte da igreja, mas que não abandonaram o pecado.

Fonte: *Revista Adventista*, jul. 1979 - © 1979 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

Fonte: Revista Adventista, set. 1979 - © 1979 Casa Publicadora Brasileira, inc., Todos os direitos reservados

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As charges/tirinhas da *RA* tiveram vida curta, durando menos de quatro anos o período de sua publicação. Dada a pequena ocorrência de operadores argumentativos claros nessas ilustrações, nota-se que elas não tinham o objetivo primordial de apresentar uma argumentação para os leitores da revista. Elas serviam, antes, mais como uma "propaganda" do artigo principal, não como uma discussão ou um jogo de ideias. Assim, apenas 11 das ilustrações possuíam uma argumentação verificável textualmente através de operadores argumentativos. Destes, os mais comuns foram "então", "mas", "se" e "também", que assinalam conclusão, oposição, condição e reforço argumentativos, respectivamente.

Observando as charges/tirinhas, percebe-se um enfoque maior em temas relacionados ao *comportamento*, como saúde, moda, obediência e educação. Em menor

quantidade surgem os temas mais teológicos, que lidam diretamente com a *doutrina* defendida pela denominação, a exemplo do sábado, da lei de Deus e da volta de Jesus. De maneira geral, as ilustrações apresentam a *RA* como a fonte de respostas confiáveis para crentes e descrentes, um guia moral e comportamental pronto a mostrar o caminho para quem procura uma direção. Esses exemplos, embora não muito claros a princípio, refletem, a partir dos seus operadores argumentativos, o fenômeno religioso nas HQs como veículo de opiniões institucionais.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Nisto cremos:** as 28 crenças fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tradução de Hélio Luiz Grellmann. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008. 476 p.

BONINI, I. M. A biblioteca familiar. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 50, n. 9, p. 9-10, set. 1955.

BORGES, M. Superman: Uma paródia de Jesus Cristo. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 108, n. 1262, p. 21, jul. 2013.

BRITO, A. G. **O desafio da torre de vigia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1992. 261 p.

CAMPOS, G. de. A boa leitura. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 37, n. 7, p. 10-11, out. 1942.

CARMO, F.; NOVAES, A. Histórias em quadrinhos e o adventismo brasileiro: conflitos e aproximações na Revista Adventista. In. **Anais do 28º Congresso Internacional SOTER - Religião e Espaço Público: Cenários Contemporâneos**. Belo Horizonte: SOTER, 2015. p. 1156-1164.

CARVALHO, F. L. C. A Igreja Adventista do Sétimo Dia e a Mídia Impressa. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 21, n. 2, p. 89-100, jan./abr. 2012.

DUCROT, O. Argumentação e "Topoi" argumentativos. In: GUIMARÃES, Eduardo. **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 2008.

ESPÍNDOLA, L. C. "Né" e "eu acho que": operadores argumentativos do texto falado. In: **Graphos**, v.3, n.1, p. 172-185, 1998.

ESTUDO PERSPICAZ das escrituras. São Paulo: Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados, vol. 3, 1992. 865 p. Disponível em: <https://wol.jw.org/pt/wol/lv/r5/lp-t/0/3>. Acesso em: 07 jun. 2017.

FOULKES, F. Sadducees. In: ELWELL, Walter A.; BEITZEL, Barry J. (Eds.). **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1988. v. 2. p. 1880-1881.

GUARDA, M. D. Folhas de outono, inverno, primavera e verão. **Revista Adventista**, vol. 80, n. 12, p. 40-43, dez. 1985.

HOLTZ, A. Série porque nossos filhos se afastam de Deus VII: o que leem os nossos filhos? **Revista Adventista**, vol. 58, n. 3, p. 9, mar. 1963.

KINDERMAN, G.; CORRÊA, R. F.; NOVAES, A. As comicbooks e a Igreja Adventista do Sétimo Dia: conflitos e aproximações nos periódicos de língua inglesa. In: **XI Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**, 2016, Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, Brasil.

KNIGHT, G. R. **Em busca de identidade**: o desenvolvimento das doutrinas adventistas do sétimo dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

KOCH, I. G. V. **Argumentação e Linguagem**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LACEY, D. R. de. Sadducees. In: WOOD, D. R. W.; MARSHALL, I. Howard (Eds.). **New Bible dictionary**. 3. ed. Leicester; Downers Grove: InterVarsity Press, 1996.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster collegiate dictionary**. Springfield: Merriam-Webster, 2003.

MYERS, A. C. **The Eerdmans Bible dictionary**. Grand Rapids: Eerdmans, 1987. 435 p.

NICOLAU, Marcos. **Tirinha**: a síntese criativa de um gênero jornalístico. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007.

NOVAES, A.; CARMO, F.; NOVAES, B. O adventismo e as comic books: breve panorama dos discursos "demonizantes" sobre histórias em quadrinhos nos periódicos em língua inglesa da denominação (1930-2000). In: XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial, 2017, Campinas. **Anais da XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial**, Campinas, SP, 2017.

PARREIRA, M. S. **Um estudo do uso de operadores argumentativos no gênero editorial de jornal.** Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

REBLIN, I. A. Intersecções entre Religião e Histórias em Quadrinhos: Balões de Pensamento a partir de um olhar à Superaventura. **Paralellus**, v. 5, n. 10, p. 161-178, 2014.

REIS, E. dos; GROGER, R.; FOLLIS, R. (Orgs.). **Doutrina do sábado**: fundamentos. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012a.

REIS, E. dos; GROGER, R.; FOLLIS, R. (Orgs.). **Doutrina do sábado**: implicações. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2012b.

REVISTA ADVENTISTA. **Casa Publicadora Brasileira**, 2003-2017. Disponível em: <http://acervo.revistaadventista.com.br/capas.cpb>. Acesso em: 15 jan. 2017.

_____. Editorial. **Revista Adventista**, Tatuí, v. 72, n. 3, mar. 1977a.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 72, n. 4, abr. 1977b.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 72, n. 5, maio. 1977c.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 72, n. 6, jun. 1977d.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 72, n. 8, ago. 1977e.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 72, n. 9, set. 1977f.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 73, n. 4, abr. 1978a.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 73, n. 10, out. 1978b.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 74, n. 4, abr. 1979a.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 74, n. 6, jun. 1979b.

_____. Editorial. **Revista Adventista**,Tatuí, v. 74, n. 9, set. 1979c.

SALDARINI, A. J.; POWELL, M. A. Sadducees. In: POWELL, Mark Allan. **The HarperCollins Bible dictionary**. rev. and updated ed. New York: HarperCollins, 2011.

SCHUWARZ, R. W.; GREENLEAF, F. **Portadores de Luz:** História da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2009.

SILVA, M. Pharisees. In: ELWELL, Walter A.; BEITZEL, Barry J. (Eds.). **Baker encyclopedia of the Bible**. Grand Rapids: Baker Book House, 1988. v. 2. p. 1670-1672.

STRAND, K. A. O sábado. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia:** adventista do sétimo dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

TIMM, A. R. **O sábado na Bíblia**: por que Deus faz questão de um dia. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

VELOSO, M. A lei de Deus. In: DEDEREN, Raoul (Ed.). **Tratado de teologia**: adventista do sétimo dia. Tradução de José Barbosa da Silva. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

6

"É PRECISO DUVIDAR PARA CRER":

a apologética criacionista nos quadrinhos de Michelson Borges

EDUARDO CAVALCANTE OLIVEIRA SANTOS

Doutorando em Ciência da Religião (PUC-SP) e graduando em Teologia (Unasp); Mestre em Ciência da Religião (PUC-SP), especialista em Teologia Bíblica (Unasp), graduado em Odontologia (Unisa) e Farmácia e Bioquiímica (Unip). E-mail: eduardo.teologiabiblica@gmail.com

Apologética é a disciplina teológica particular de uma certa religião que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias, sendo que esta disciplina desenvolveu-se sobretudo no cristianismo. O apologeta defende a sua fé por meio de argumentos racionais, quer sejam eles conceitos, ilustrações, analogias ou histórias apropriadas que permitam corroborar a sua crença. Quando pensamos em apologética no adventismo brasileiro, um dos nomes que se destaca é a figura do pastor/jornalista Michelson Borges. Ele é um dos editores da Casa Publicadora Brasileira e membro da Sociedade Criacionista Brasileira, além de participar de diversos seminários criacionistas e manter o blog[1] sobre criaxionismo.

Uma das ferramentas utilizadas pelo pastor/jornalista Michelson Borges para defender a Teoria criacionista são as histórias em quadrinhos ("tirinhas") do personagem *O Cético* e as tirinhas dos personagens *Isaac & Charle*s. Em virtude de seu elevado senso crítico e da forma irônica com que aborda alguns temas pertinentes ao criacionismo, as tirinhas do Michelson Borges são utilizadas para fazer uma apologia, principalmente, da Teoria da Criação. Em suma, o presente capítulo se propõe a apresentar a apologética cristã, fornecer um breve histórico da apologética cristã, e por fim analisar a apologética adventista, em especial do pastor/jornalista Michelson Borges, nas tirinhas de *O Cético* e *Isaac & Charles*.

A APOLOGÉTICA

Apologética "trata-se daquela disciplina racional usada durante a história do cristianismo para apresentar uma defesa da fé diante dos que não aceitavam o teor doutrinário exposto nas Escrituras"

[1] www.criacionismo.com.br

(SILVA, 2004, p. 26). Segundo o mesmo autor, "ele se contrasta como o conceito de polêmica, que, em termos teológicos, seria um debate entre membros de diferentes ramos do cristianismo com o fim de determinar a verdadeira posição cristã acerca de um assunto qualquer" (SILVA, 2004, p. 26).

A apologética desenvolveu-se sobretudo no cristianismo — enquanto em outras religiões, como o islã e o budismo, houve apenas tentativas menores. Assim, quando o termo "apologética" não é seguido de especificação, é quase sempre entendido como "apologética cristã", ou seja, como a prática da explanação, demonstração (de ordem moral, científica, histórica etc.) e defesa sistematizada da fé cristã, sua origem, credibilidade, autenticidade e superioridade em relação às demais religiões e cosmovisões (SLICK, 2009).

O grande desafio do cristianismo sempre foi externalizar a certeza de um fato ocorrido no passado, mas com constantes influências no presente e impacto sobre o futuro. Por essa razão, Silva diz que "a revelação cristã é antiga e recente, ao mesmo tempo. É antiga quando alude à história narrada nos evangelhos; é recente quando estes mesmos escritos falam de maneira persuasiva ao homem contemporâneo" (2004, p. 26).

O cristianismo sentiu-se compelido a se defender desde o início da era cristã, quando os primeiros escritores cristãos, cognominados "Pais da Igreja", sentiram a necessidade de justificar a fé diante dos magistrados e filósofos da época ou ainda defendê-la dos ataques lançados pelos dissidentes, pelo judaísmo e pelos vários setores do paganismo. Assim nasce a apologética, inspirada no termo grego απολογία que basicamente significa "defesa" (SILVA, 2004, p. 26).

Para Ferrater-Mora, "o objetivo não era tanto o de defender o cristianismo contra correntes filosóficas diferentes ou contra religiões a ele opostas, mas sobretudo o de convencer o imperador do direito de existência legal dos cristãos dentro do Império Romano (1965, p. 164).

Segundo Silva, a partir de então,

> vieram autores como Aristides, Justino, Atenágoras, Taciano, Tertuliano e outros que foram corretamente chamados de "apologetas". Sua técnica, a princípio, os envolvia na investigação formal e erudita da época, a Filosofia. Deste ponto em comum, porém, sua linha de argumentação se dividia, grosso modo, em dois segmentos: um contrário à filosofia grega, que era tida como fruto da mentalidade pagã, e outro mais helenizado, que usava, sobretudo, o platonismo e o estoicismo para dar uma expressão filosófica às rudes sistematizações do querigma apostólico. Para os de mente helenizada, a filosofia era o melhor meio de aguçar o discurso da Teologia (2004, p. 26).

Clemente de Alexandria, Agostinho e outros, tentaram salvar a supremacia da fé sem perder o sabor filosófico que lhe era requerido, referindo-se à filosofia como *ancilla theologiae*, isto é, "serva da teologia". Mais tarde, Tomás de Aquino, usando técnicas de argumentação materialistas, escreveu sua *Suma contra Gentiles* para defender de modo racional as verdades "deturpadas" que estavam sendo oficializadas pelo cristianismo de Roma (SILVA, 2004, p. 26).

Durante a Reforma, Lutero e os demais reformadoes romperam com o catolicismo, e esse se viu obrigado a justificar-se perante os ataques protestantes e racionalistas. Até então, todos criam naquilo que o Magistério da Igreja ensinava. "O lema racional era *Roma locuta, finita causa est* (se Roma falou, não há mais o que se discutir). Logo, desde o fim da Escolástica, a Igreja não tinha sentido tamanha urgência de justificar sua fé perante seus inquiridores" (SILVA, 2004, p. 27). Foi quando surgiu a ruptura que se sentiu a necessidade de uma apologética.

A apologética cristã foi forçada a se "reinventar" com o advento do Iluminismo. O ceticismo do filóso-

fo escocês David Hume (1711-1776) preparou o caminho para o Iluminismo, que rejeitou as prerrogativas de qualquer tipo de revelação e declarou a "autonomia da razão humana". Hume convenceu a muitos de que o argumento teleológico[2], o argumento dos milagres[3] e outros argumentos clássicos da apologética cristã eram insuficientes. O filósofo iluminista alemão Immanuel Kant (1724-1804), que confessou ter sido despertado de seu "sono dogmático" pelos escritos de Hume, igualmente criticou os argumentos cosmológico[4] e ontológico[5] acerca da existência de Deus (BOA, BOWMAN, 2011a, p. 52).

Um dos primeiros apologistas a responder aos ataques de Hume foi William Paley (1743-1805), pesquisador que sistematizou as evidências dos argumentos em duas obras: *Uma visão sobre as evidências do cristianismo* e *Teologia natural*. Esta última constitui-se em uma apresentação clássica do argumento teleológico. "Paley, habilmente, multiplicou as ilustrações e os argumentos em favor de um designer inteligente e das evidências dos milagres" (BOA, BOWMAN, 2011a, p. 52). Entretanto, o vigor de sua apologia foi severamente enfraquecido com a ascensão da biologia do século 19. A obra *A origem das espécies* (1958), de Charles Darwin, ofereceu uma explanação naturalística para a ordem e a diversidade da vida, encorajando muitos ocidentais a abandonar a crença em um Deus criador.

C. S. Lewis (1898-1963) foi um acadêmico especialista em literatura medieval que se converteu ao

[2] O argumento teleológico tem como base o pressuposto de que a criação, ou seja, a natureza possui um propósito.
[3] O argumento dos milagres parte da ideia de que em virtude da ocorência de atividades sobrenaturais a existência de Deus deveria ser considerada.
[4] O argumento cosmológico postula que a existência só é possível a partir de uma primeira causa.
[5] O argumento ontológico parte do pressuposto de que Deus existe pelo fato de representar a perfeição.

cristianismo na metade de sua vida. Seus trabalhos apologéticos incluíram: *O problema do sofrimento* (que trata da reconciliação com o sofrimento humano e um Deus bondoso), *Cartas de um Diabo ao seu aprendiz* (instruções de um Diabo experiente a um demônio sobre a "arte da tentação"), *Milagres* (em defesa da crença em milagres), e *Cristianismo puro e simples* (em defesa da crença em Deus e em Cristo). (BOA, BOWMAN, 2011a, p. 54).

Lewis insistia no fato em que o cristianismo se baseava em evidências racionais e em que, "uma vez que uma pessoa abraçasse a fé cristã, o verdadeiro resultado dessa fé deveria ser crer a despeito das evidências contrárias ao cristianismo, até que isso pudesse ser superado com as respostas necessárias" (BOA, BOWMAN, 2011a, p. 54). Entre os argumentos mais populares desenvolvidos por Lewis, está o seu tripé lógico:

> Uma vez que Jesus reivindicou ser Deus, diante disso, uma pessoa poderia: 1) rejeitá-lo como mentiroso; 2) desdenhá-lo como sendo um lunático; 3) aceitá-lo como Senhor. Como as duas primeiras alternativas contradizem a sinceridade e a sanidade de Cristo, os não crentes deveriam concluir que Jesus é realmente o Senhor. Os escritos de Lewis exerceram influência imensa na apologética cristã (BOA, BOWMAN, 2011a, p. 54).

Na atualidade dois nomes que se destacam na apologética cristã são: William Lane Craig e Norman Geisler. Os escritos de Craig são divididos entre as defesas acadêmicas da existência de Deus e as defesas acadêmicas da ressurreição de Cristo. Norman Geisler, por sua vez, apresenta uma abordagem que envolve três estágios argumentativos: em primeiro lugar, Geisler examina várias teorias que tentam fundamentar todo o conhecimento na razão, no fato empírico e na experiência. Em segundo lugar, Geisler examina a maioria das cosmovisões (ateís-

mo, panteísmo etc.), a fim de mostrar que apenas o teísmo pode ser aprovado como verdadeiro. E, por fim, no terceiro e último estágio, Geisler defende, de forma probabilística, o teísmo como única verdade possível (BOA; BOWMAN, 2011b, p. 31-32).

A APOLOGÉTICA ADVENTISTA

O adventismo, desde sua origem, tem lutado contra a formalização de um credo, embora com o passar do tempo tenha definido suas "crenças fundamentais". Desde o desenvolvimento da primeira associação em 1861, a Igreja Adventista do Sétimo Dia teve apenas três declarações de crenças que alcançaram algum grau de aceitação oficial, e apenas uma recebeu o voto formal de uma assembleia da Associação Geral. A primeira foi a declaração elaborada em 1872 por Urias Smith; a segunda, a declaração de crenças de 1931; a terceira, o conjunto de crenças fundamentais adotado pela assembleia da Associação Geral em 1980 (KNIGHT, 2005, p. 22).

Guilherme Miller utilizava uma abordagem lógica em seu estudo da Bíblia. Foi por essa razão que, após sua conversão ao cristianismo, ele se referiu à sua experiência com as Escrituras como um "banquete da razão". "Seguindo esta orientação, o método evangelístico de Miller atingia mais o cérebro dos ouvintes do que seu coração ou emoções" (KNIGHT, 2005, p. 33).

De acordo com Knight "essa abordagem intelectualista da religião desempenhou um papel fundamental no sabatismo e finalmente no adventismo do sétimo dia". Quando um adventista diz que alguém "conhece a verdade", isso significa geralmente que a pessoa possui uma compreensão intelectual das doutrinas. "Um aspecto positivo disso é que as pessoas, ao dedicarem tempo para

estudar as interpretações doutrinárias adventistas do sétimo dia, geralmente concluem que elas são bastante lógicas" (KNIGHT, 2005, p. 34).

Miller desenvolveu um conjunto metódico de regras para interpretar as Escrituras, e essas regras se dividiam em duas seções: 1) cinco princípios gerais de interpretação de toda a Bíblia; e, 2) nove mais especificamente da interpretação dos escritos proféticos da Bíblia" (KNIGHT, 2005, p. 40). "Os que se tornaram adventistas sabatistas não apenas seguiram os princípios de interpretação bíblica de Miller, mas também continuaram a aceitar sua escatologia básica" (KNIGHT, 2005, p. 61).

No início de 1848, os líderes adventistas sabatistas havia chegado a um consenso básico em pelo menos quatro colunas ou pilares doutrinários" (KNIGHT, 2005, p. 75).:

1. a volta pessoal, visível e pré-milenal de Jesus;

2. o ministério bifásico de Cristo no santuário celestial;

3. a perpetuidade do sábado do sétimo dia e sua importância escatológica;

4. o conceito de que a imortalidade não é inerente, mas algo que recebemos somente como um dom por meio de Cristo.

Embora os adventistas tivessem muitas crenças em comum com outros cristãos, seus ensinos e sua pregação focalizavam seus pilares doutrinários e "a inserção de sua teologia na estrutura do último conflito entre o bem e o mal apresentado no centro do livro do Apocalipse deu-lhe uma urgência que levaria finalmente os sabatistas à missão crescente de advertir o mundo" (KNIGHT, 2005, p. 88).

Segundo Knight, uma tendência preocupante que surgiu nas décadas de 1850,

> Era a forma áspera pela qual os ministros adventistas do sétimo dia muitas vezes praticavam o evangelismo. Eles descobriram que poderiam atrair uma multidão ao desafiar pregadores locais de outras denominações a debater sobre temas como o verdadeiro sábado ou a condição da pessoa na morte. O povo adorava uma boa disputa teológica e muitas vezes o local do debate ficava superlotado, dando assim ao pregador adventista uma oportunidade de "evangelizá-lo" (2005, p. 89).

Em fins da década de 1880, o adventismo do sétimo dia enfrentaria uma crise de identidade. Os adventistas do século 19 viviam em uma cultura vastamente cristã, por essa razão eles não costumavam enfatizar as crenças que tinham em comum com os outros cristãos. "Afinal de contas, porque pregar graça salvadora a batistas, que criam nela? O importante, segundo a lógica, era pregar as verdades peculiarmente adventistas, para que as pessoas pudessem converter-se doutrinariamente ao adventismo do sétimo dia" (KNIGHT, 2005, p. 92). Quarenta anos praticando esse tipo de evangelismo levou a uma espécie de distanciamento entre o adventismo e o cristianismo básico.

Em razão deste distanciamento, muitas críticas começaram a surgir, ao longo dos anos, relativas às doutrinas distintivas adventistas. "Essas críticas desafiaram os adventistas a definir mais precisamente suas convicções e a demonstrar mais claramente o fundamento bíblico de sua fé" (TIMM, 2004, p. 15). Entre as várias defesas da fé adventista, merece destaque a obra *Answers to Objections* (Resposta a Objeções), de Francis D. Nichol. Publicado originalmente em 1932, esse clássico da literatura adventista

atingiu sua forma definitiva com a edição "revisada e grandemente ampliada" de 1952.

Outra obra que se destaca é *Questões Sobre Doutrina*, que é o produto de uma série de reuniões mantidas entre alguns porta-vozes adventistas e uns poucos líderes protestantes em 1955 e 1956. O Dr. Donald Grey Barnhouse (o editor da revista *Eternity* e um destacado líder da ala conservadora do protestantismo americano) comissionou um jovem erudito evangélico chamado Walter Martin para escrever um livro sobre os adventistas do sétimo dia. Diferentemente de muitos que daqueles dias escreviam contra os adventistas, Martin "declarou que queria acesso direto" a pessoas autorizadas e à literatura adventista, de maneira que "pudesse lidar com o adventismo de maneira honesta" (KNIGHT, 2009, p. 11).

Unruh fez arranjos com alguns líderes na sede da Associação Geral, em Washington, DC, para se encontrarem com Martin. Como resultado, as reuniões começaram em março de 1955. Martin apresentou aos delegados adventistas uma série de 40 perguntas que os adventistas passaram a responder através de uma série de reuniões. Desta forma Le Roy E. Froom, W. E. Read e Roy A. Anderson conduziram as coisas de maneira a convencer Barnhouse e Martin de que os adventistas eram realmente ortodoxos quanto aos assuntos essenciais com os quais os evangélicos estavam preocupados (KNIGHT, 2009, p. 11-14).

No Brasil a obra que se destaca na área da apologética é *Subtilezas do Erro*, de Arnaldo B. Christianini. Motivado pela publicação do livro *O Sabatismo à luz da Palavra de Deus*, que o autor considera "um plágio da obra de Canright", *The Seventh-Day Adventism Renounced* (outro livro que pretende refutar as doutrinas distintivas adventistas). Mesmo considerando essa obra difamatória como sendo "incongruente, inverídica e cheio de malabarismos

exegéticos", Christianini decide publicar seu livro na esperança de os evangélicos brasileiros passarem por uma "completa mudança de atitude em relação a nós [adventistas]!" Semelhante com o que ocorreu com os evangélicos norte-americanos na época dos diálogos que deram origem ao *Questões Sobre Doutrina* (CHRISTIANINI, 1981, p. 7-13).

MICHELSON BORGES

Proveniente de uma família católica, Michelson Borges desde pequeno era levado à missa pela sua devota mãe. Nesta mesma época os livros de ciência (enciclopédias interessantes e ilustradas que seu pai havia adquirido anos antes dele nascer) despertaram seu gosto pela ciência, inclusive o seu nome vem de um desses livros, que traz uma reportagem sobre o físico Albert Abraham Michelson. À essa herança religiosa e científica ele credita o auxílio na busca à Deus e no conhecimento das respostas para muitos dilemas que enfrentou na adolescência e na juventude. Foi através dessa busca que ele acabou encontrando o adventismo e o criacionismo e completando sua formação religiosa/filosófica (BORGES, 2010).

Michelson foi batizado na Igreja Adventista do Sétimo Dia na mesma época em que passou no vestibular para Jornalismo na UFSC. Ele sempre gostou de escrever e pesquisar assuntos diversos. No ensino médio ele cursou química e criou um jornal para o colégio, que o ajudou a definir a escolha por Comunicação Social. Depois de formado e trabalhando na editora da IASD, cursou o mestrado denominacional em Teologia no Unasp-EC (BORGES, 2010).

Michelson era evolucionista teísta antes de conhecer o criacionismo. Naquele tempo, havia pouca literatura sobre o assunto e pouquíssimas

pessoas sabiam o que era criacionismo. Quando descobriu que havia uma teoria que procurava harmonizar coerentemente o conhecimento teológico com o conhecimento científico, ficou fascinado e começou a se aprofundar no assunto. Anos depois, resolveu disponibilizar em linguagem acessível todo o resultado dessa pesquisa na internet pot meio do seu blog[6].

Michelson abandonou a ideia da macroevolução[7] e o naturalismo filosófico[8] quando estudava no curso técnico de química. Sempre foi amante da ciência e, por isso, naturalmente cético. Quando soube que o darwinismo tinha graves insuficiências epistêmicas, passou a estudar o assunto mais a fundo. Deparou-se com o argumento da complexidade irredutível[9], de Michael Behe, e com a tremenda dificuldade que o darwinismo tem em explicar a origem da informação complexa e específica. De onde surgiu a informação genética necessária para fazer funcionar a primeira célula? De onde proveio o acréscimo de informação necessária para dar origem a novos planos corporais e às melhorias biológicas? (BORGES, 2014b).

O passo seguinte foi buscar um modelo que lhe fornecesse respostas ao enigma do código sem o codificador, do design sem o designer, da informação sem a fonte de informações. Ficou aturdido com a complexidade física do Universo e com a complexidade integrada da vida. Nessas

[6] *Nasceu o blog www.criacionismo.com.br (BORGES, 2010).*

[7] *A macroevolução estuda o processo da evolução a partir de uma escala de conjuntos e genes independentes.*

[8] *O naturalismo filosófico é a crença de que a realidade é regida apenas por forças naturais, desconsiderando qualquer atuação sobrenatural ou espiritual.*

[9] *A complexidade irredutível sugere que os componentes encontrados nos sistemas biológicos possuem um nível de complexidade extenso, a ponto de ser improvavél a sua aparição por meio da seleção natural.*

pesquisas, consideriou o criacionismo como a cosmovisão que melhor associa o conhecimento científico ao conhecimento bíblico. Ele se descobriu em boa companhia ao saber que grandes cientistas como Galileu, Copérnico, Newton, Pascal, Pasteur e outros não viam contradição significativa entre a ciência experimental e a teologia judaico-cristã. Usou seu ceticismo, e foi atrás das evidências — levassem aonde levassem — e se surpreendeu com uma interpretação simples e não anticientífica para as origens. Resultado? Tornou-se criacionista (BORGES, 2014b).

Para Michelson Borges, "a profundidade em ciência e filosofia nos aproxima de Deus". Para ele bons exemplos disso são os grandes cientistas fundadores do método científico: Galileu Galilei, Isaac Newton, Copérnico, Van Helmont e outros, todos eles homens de ciência e de fé. Borges ainda cita Blaise Pascal, Antony Flew e os brasileiros César Lattes e Marcos Eberlin" (BORGES, 2010).

Na visão de Michelson (BORGES, 2009b),

> o criacionismo bíblico é uma associação coerente entre a ciência experimental e a religião bíblica. Seu objetivo é entender a realidade, especialmente no que diz respeito à origem e destino do Universo e da vida. Outras linhas de pensamento, como o darwinismo, também se valem desse tipo de associação, neste caso, entre a ciência e o naturalismo filosófico. Assim, ambos os modelos têm um componente científico e outro metafísico. Qualquer paradigma que busca compreender eventos passados únicos e irreproduzíveis (cientificamente não testáveis ou não falseáveis), utilizará, necessariamente, argumentos científicos e metafísicos na construção de modelos. Portanto, nenhum desses paradigmas deveria ser traduzido como uma teoria puramente científica (ou seja, um

conjunto conciso de afirmações que explicam um conjunto abrangente de fenômenos). Da mesma forma, o evolucionismo não deveria ser confundido com filosofia (ou naturalismo filosófico), bem como o criacionismo não seria sinônimo de religião (ou conhecimento bíblico).

A motivação de Borges para escrever sobre o criacionismo se deve ao fato de ele ter sido evolucionista até os 18 anos. Ficou feliz e desapontado, ao mesmo tempo, ao descobrir, que havia outra versão para a história da vida. Aprofundou-se nos estudos sobre a controvérsia entre o criacionismo e o evolucionismo a fim de tomar sua própria decisão, e poder perceber que o criacionismo, "diferentemente do que a grande imprensa tenta fazer crer, é mais coerente com os fatos observados e com a ciência experimental". Todo esse esforço e essa busca pessoal resultaram em três livros sobre o assunto (*A História da Vida, Por Que Creio* e *Se Deus Fez, Se Deus Não Fez*) e um CD-ROM intitulado "História da Vida" (todos lançados pela CPB), além da criação de um site (www.criacionismo.com.br) e das tirinhas de *O Cético* e dos personagens *Issac & Charles* (BORGES, 2007).

A APOLOGÉTICA NAS TIRINHAS DE MICHELSON BORGES

Michelson sempre sonhou em trabalhar como desenhista ou escritor. De certa forma, ele pode ver realizados ambos os desejos nas tirinhas e nos livros publicados. Um sonho que não realizou foi o de ser cientista. No entanto, como divulgador de assuntos científicos por conta do ministério criacionista, ele também se sente realizado nessa área (BORGES, 2009a).

O personagem *O Cético* é um jornalista que se recusa a aceitar "verdades prontas" e faz o que todo bom jornalista deve fazer: pergunta, questiona, analisa e critica. Ele sabe que, às vezes, para crer é preciso duvidar, e que o verdadeiro ceticismo é aquele que duvida até de si mesmo. Seus companheiros (acrescentados posteriormente) nas tirinhas são Ateumo, um filósofo ateu, e o Dr. Darwilino, um cientista agnóstico. Nas tirinhas[10] de *O Cético* os três participam de conversas e debates intrigantes (BORGES, 2013).

Os criadores desses personagens são o jornalista Michelson Borges e o ilustrador Thiago Lobo. Thiago de Passos Lobo nasceu em 19 de janeiro de 1982, na cidade de Osasco, em São Paulo. Aos seis anos de idade, já mostrava interesse pela arte. Autodidata, desenvolveu e aprendeu as técnicas necessárias para o ofício. Teve seu primeiro trabalho publicado aos 17 anos. E de lá para cá não parou mais. Publicou em algumas editoras nacionais e internacionais. Trabalhou como *freelance* por alguns anos para a Casa Publicadora Brasileira, até ser con-

[10] *Todas as tirinhas expostas neste capítulo e as demais que foram utilizadas para a análise em questão, foram encaminhadas pelo próprio Michelson Borges, em resultado de contatos realizados por e-mail no primeiro semestre de 2016.*

vidado a fazer parte da equipe de ilustradores da editora. Ele mesmo conta como começou a trabalhar com a tirinha de *O Cético*:

> Já faz um tempinho que queria trabalhar com tiras (peraí! Nunca quis ser policial). Explico: tiras são pequenas histórias em quadrinhos feitas, na maioria das vezes, para jornal. Mas nunca fui muito bom com as palavras (me refiro ao texto para quadrinhos). Cheguei a criar, ainda na juventude, um personagem que não teve muito tempo de vida e acabou sumindo com o passar dos anos. Certo dia, fui a uma reunião tratar de um assunto referente à cenografia que faríamos (um amigo e eu) para a programação de uma escola de educação especial, em Tatuí. Cheguei um pouco cedo. O Michelson estava lá e começamos a conversar sobre a nona arte (quadrinhos). A certa altura da conversa, ele me disse: 'Seria legal ter uma tirinha no blog' (o blog dele). E eu respondi: 'Que legal! Você vai desenhar?' (perguntei, esperando ele propor uma parceria.) E não é que propôs? Então prosseguimos com a concepção da tirinha ali mesmo, na calçada, em frente ao Conservatório Musical de Tatuí (BORGES, 2013).

Para Michelson a criação do Cético foi um desses "acasos" providenciais. Poucos dias depois de apresentar a ideia, Lobo já estava com o personagem pronto. Quando observou os esboços na folha de papel, percebeu que tinha alguma coisa a ver com ele. Talvez o nariz. Ele não sabe ao certo. O fato é que ele gostou do personagem. "O ar alegre e simpático", segundo Michelson, "ajuda a contrabalançar seu lado crítico e o ar desconfiado" (BORGES, 2013).

As tirinhas a seguir ilustram o teor da apologética de Michelson Borges, nas tirinhas de *O Cético*:

a. Design Inteligente

b. Complexidade irredutível

c. Vantagem evolucionista?

Isaac Newton (1643-1727) e Charles Darwin (1809-1882) são dois nomes importantes da história da ciência. Para Michelson Borges,

> de certa forma, eles representam duas maneiras de enxergar a realidade que nos cerca: Newton, além de cientista, era profundo conhecedor da Bíblia Sagrada e nunca deixou de manifestar sua cosmovisão teísta; Darwin, com sua teoria da evolução, deu força ao pensamento naturalista segundo o qual a vida poderia surgir por meio de causas puramente naturais (BORGES, 2014a).

É esse viés (naturalismo x teísmo) que é explorado nas tirinhas *Isaac & Charles*. Os personagens foram criados pelo musicólogo Joêzer Mendonça (concepção) e por Michelson Borges (arte). Com a concordância do seu amigo, ele passou a assumir as tirinhas (tanto o texto quanto a arte). Para Michelson Borges, "as discussões desses dois gigantes que, se tivessem vivido na mesma época, certamente teriam muito o que conversar" são a motivação mais do que necessária para a concepção das tirinhas de *Isaac & Charles*.

As tirinhas a seguir ilustram o teor da apologética de Michelson Borges, nas tirinhas de Isaac e Charles:

a. Acaso ou Design Inteligente?

b. Ceticismo seletivo

c. Religião Darwinista

Alister Mcgrath (2013), um dos mais influentes apologetas da atualidade, lista oito evidências sobre o mistério da vida, onde cada uma delas pode ser estudada separadamente e pode servir de base para uma discussão ou argumentação apologética. Essas evidências são clássicas, pois são ou foram utilizadas também por outros apologetas através da história cristã. E, a partir de agora, vamos observar que podemos encontrar essas oito evidências clássicas da apologética cristã presentes — direta ou indiretamente — nas tirinhas de Michelson Borges:

Evidência 1: Criação — as origens do Universo

Para Mcgrath "um tema central da fé cristã é que Deus criou todas as coisas do nada. Tudo deve sua origem e, por fim, sua identidade, à ação criadora de Deus. O universo não existe desde toda a eternidade; ele passou a existir num instante determinado" (2013, p. 96).

Semelhantemente, o filósofo William Lane Craig desenvolveu a seguinte linha de argumentação (KRAGH, 1999, p. 262):

> *Premissa maior:* Tudo o que começa a existir tem uma causa.
>
> *Premissa menor:* O universo começou a existir.
>
> *Conclusão:* Portanto, o universo tem uma causa

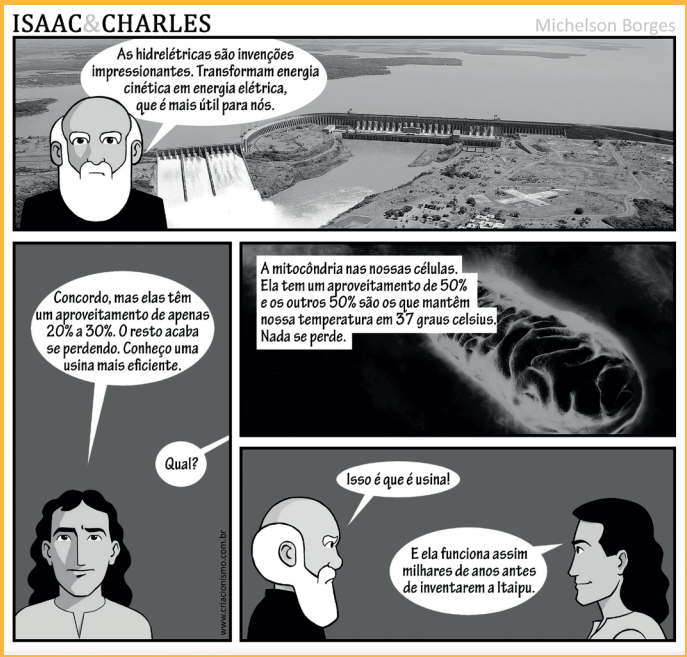
Evidência 2: Sintonia fina — um Universo projetado para a vida

A expressão "sintonia fina" é utilizada em referência à percepção científica de que os valores de certas constantes cosmológicas fundamentais e o caráter de certas condições iniciais do universo

parecem ter sido planejados para que tivessem um papel decisivo no processo que fez surgir um tipo particular de universo em que a vida inteligente pudesse se desenvolver (McGRATH, 2013, p. 98).

De acordo com Robert J. Spitzer todos os parâmetros do universo — por exemplo, a velocidade da luz no vácuo, a constante gravitacional, o acoplamento eletromagnético e as massas das partículas elementares — são representados pelo ajuste dos botões de sintonia de algum tipo de "painel de controle cósmico" (SPITZER, 2010, p. 60-65).

Para Alister MacGrath, a sintonia fina está de acordo com a crença em um Deus criador, apesar dela não provar coisa alguma, pois tudo pode não ter passado de um acidente extremamente improvável. "Contudo, há uma forte consonância com a forma cristã de pensar, encaixando-se facilmente no mapa da realidade que emerge da fé" (McGRATH, 2013, p. 101).

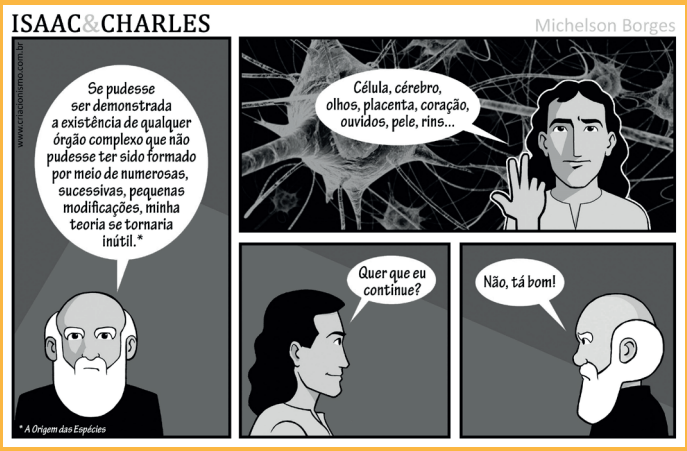


Evidência 3: Ordem — a estrutura do mundo físico

Segundo Mcgrath, "um dos paralelos mais significativos entre as ciências naturais e a teologia cristã é a crença básica de que o mundo é regular e inteligível" (2013, p. 102). Essa percepção de ordem e de inteligibilidade seria da maior importância, tanto no plano científico quanto no religioso. Para o físico teórico John Polkinghorne isso tem uma importância muito maior do que normalmente imaginamos:

> Estamos tão habituados ao fato de que é possível compreender o mundo, que, na maior parte das vezes, tomamos isso como algo perfeitamente normal. É isso que torna a ciência possível. Contudo, poderia ser diferente. O universo poderia ser um caos desordenado, e não um cosmo organizado. Ou talvez pudesse ter uma racionalidade inacessível a nós. [...] Existe uma congruência entre nossa mente e o universo, entre a racionalidade que experimentamos em nosso interior e a racionalidade observada do lado de fora (1988, p. 201).

"O que Polkinghorne quis dizer é que a fé cristã oferece um mapa da realidade que nos permite compreender essas observações" (McGRATH, 2013, p. 103).



Evidência 4: Moralidade — um desejo de justiça

De acordo com Mcgrath, "a moral depende de uma norma ou de um fundamento transcendente — por exemplo, Deus. Para o cristão, só Deus oferece um fundamento objetivo para as questões morais" (2013, p. 106).

Semelhantemente, C. S. Lewis acreditava que "a melhor explicação para a intuição profunda que temos acerca da existência de verdades objetivas morais é que há uma inteligência por trás ou além da natureza que introjeta em nós o conhecimento do certo e do errado" (LEWIS, 2005, p. 3-8). Seria nessa inteligência que fundamentaria a objetividade dos nossos julgamentos morais.

Evidência 5: Desejo — um instinto de volta ao lar chamado Deus

"Por que nos criastes para ti, e o nosso coração vive inquieto enquanto não repousa em ti" (AGOSTINHO, 2000, p. I.i.1). Os apologetas cristãos dizem que essa profunda atração nostálgica por algo transcendente "se deve, no fim das contas, ao fato de que so-

mos criados para ter comunhão com Deus, e jamais nos realizaremos enquanto não desfrutarmos dessa comunhão com ele (MCGRATH, 2013, p. 110).

C. S. Lewis formula da seguinte forma (2005a, p. 134-138):

1. Todo desejo natural tem um objeto correspondente e só se satisfará quando ele for alcançado ou experimentado;

2. Há um desejo natural de realização transcendente que não pode ser alcançado ou experimentado em/ou por intermédio de coisa alguma do mundo presente;

3. Esse desejo natural de realização transcendente só pode ser satisfeito, portanto, fora deste mundo, em um mundo para o qual aponta a presente ordem das coisas.

Evidência 6: Beleza — o esplendor do mundo natural

Talvez nossa percepção da beleza não signifique coisa alguma. Talvez seja apenas acidental, algo arbitrário e sem sentido. Mas é possível que seja o que

C. S. Lewis chama de "uma pista do significado do universo" (LEWIS, 2005a, p. 1).

Em uma variante do argumento do desejo, Lewis diz que nossa aspiração à beleza será totalmente frustrada se pensarmos que encontraremos beleza verdadeira em qualquer coisa criada ou finita. "A busca do homem pela beleza, portanto, é na verdade uma busca pela *fonte* da beleza, que é mediada pelas coisas deste mundo, mas não pode estar contida nelas" (McGRATH, 2013, p. 117).

Evidência 7: Relacionalidade — Deus como pessoa

"Não é bom que Adão estivesse só" (Gn 2:8). Segundo Mcgrath, Temos aqui o reconhecimento de que "fomos criados para existirmos em relacionamento — uns com os outros e com Deus"; e "para a maior parte das pessoas, a forma mais importante de entender nossa necessidade de nos relacionar não se dá da perspectiva política, e sim pela linguagem pessoal e intensa do *amor*" (2013, p. 119). Este autor diz que

> o cristianismo é fundamentalmente uma fé relacional. Jamais devemos conceber o evangelho em termos puramente racionais — acreditando, por exemplo, que há um Deus, como se a fé fosse simplesmente uma lista

de proposições. É verdade que a fé tem um conteúdo definido; há coisas que acreditamos verdadeiras a respeito de Deus e a nosso próprio respeito. Mas a fé é muito mais que isso. Jamais devemos nos esquecer de que a ideia bíblica central de fé diz respeito, sobretudo, a confiança em Deus, que se revela como ser digno dessa confiança em atos e palavras. As ideias de fé, esperança e amor estão profundamente entrelaçadas. Confiamos num Deus que nos ama e nos dá esperança para o futuro (MCGRATH, 2013, p. 120).

"Existe, de fato, um vazio dentro de nós 'com a forma de Deus', que aponta para a necessidade que temos de nos relacionar com ele, de modo que nos tornemos o que ele deseja que sejamos. Sem Deus, somos vazios" (MCGRATH, 2013, p. 121).

Evidência 8: Eternidade — a intuição da esperança

Mcgrath lembra que "Agostinho de Hipona, escrevendo no século V, falava de uma lembrança marcante do Paraíso da qual não podemos jamais nos libertar. Mesmo em meio ao corre-corre da vida, temos essa lembrança de outro mundo, de outra forma de existir" (McGRATH, 2013, p. 121). Para Miller, temos uma "esperança radical" que nos mantém caminhando, mesmo em situações de desespero (2010). Porém, Mcgrath pondera que,

> este não é, de fato, um argumento lógico. Trata-se muito mais de uma demonstração da capacidade da fé cristã de interpretar a situação humana e mostrar de que modo nossas intuições encontram sua verdadeira realização em Cristo. Trata-se de interpretar a situação humana como preparação para seu redirecionamento e transformação (2013, p. 123).

A estratégia apologética adotada por Alister Mcgrath consiste em descobrir pistas (ou evidências) sobre o significado do universo — quer nas nossas observações do mundo à nossa volta, quer dos profundos sentimentos e aspirações subjetivos da humanidade. Para ele, separadas elas não são

evidências incontestáveis, mas "juntas, constituem indicadores importantes da capacidade da fé cristã de interpretar a vida" (McGRATH, 2013, p. 125).

Através da análise de suas tirinhas, cremos que o pastor/jornalista Michelson Borges tem uma perspectiva semelhante. Vemos através das tirinhas de Michelson Borges que para ele as pessoas deveriam pelo menos considerar os argumentos criacionistas, sem se deixar levar pelo preconceito. Ele considera no mínimo injusto descartar uma ideia sem antes conhecê-la. O verdadeiro conhecimento nasceria da análise do contraditório, da ponderação. Por isso, ele valoriza a avaliação dos argumentos criacionistas e evolucionistas, sempre à luz da ciência experimental, do método científico.

Para ele é plenamente possível a ciência e a religião andarem juntas, afinal, os cientistas lidam com o que é imanente, com aquilo que é passível de verificação com seus métodos. Portanto, lidam com o mundo natural. A ciência é uma ótima "ferramenta" humana para nos ajudar a entender o mundo que nos rodeia, mas, como tudo o que é humano, ela tem também suas limitações, e uma delas é justamente a premissa filosófica sobre a qual trabalha: o naturalismo (que segundo Michelson Borges, ele mesmo não é passível de verificação científica).

A pergunta que Michelson Borges procura sempre responder é: A ciência e a fé podem andar juntas? Para ele a resposta é obviamente: Sim! Quando ambas são corretamente compreendidas. Ciência é método, fé é convicção. Elas lidam com aspectos diferentes da realidade, embora muitas vezes possam atuar em conjunto para a melhor compreensão das coisas e para possibilitar uma vida mais plena e feliz. Além disso, a ciência nos estimula a manter um ceticismo saudável, aquele que nos faz analisar tudo com visão crítica e não aceitar qualquer falácia ou argumento sem fundamento consistente. Até para crer, às vezes, é preciso duvidar.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões.** 16ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BOA, Kean & BOWMAN, Robert. O surgimento da apologética moderna. **Defesa da Fé,** Rio de Janeiro: ICP, n. 92 v. 12. 2011a.

_____. O surgimento da apologética moderna (parte final). **Defesa da Fé,** Rio de Janeiro: ICP, n. 92 v. 12. 2011b.

BORGES, Michelson. **Conheça o cético**, 14 abr. 2013. In: O cético. Disponível em: < http://www.cetico.criacionismo.com.br/2013/04/depois-de-um-tempo-de-ausencia-o-cetico.html> Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. **Criacionismo, mídia e outros temas**, 14 jun. 2007. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2007/06/esta-entrevista-foi-concedida-revista.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **Ele não me abandonou**, 27 set. 2009b. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2009/09/ele-nao-me-abandonou.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **Em nome do criacionismo**, 08 mai. 2014b. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2014/05/em-nome-do-criacionismo.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **Issac & Charles: nova fase**, 01 fev. 2014a. In: Issac & Charles. Disponível em: < http://isaacecharles.blogspot.com.br/2014/02/isaac-charles-nova-fase.html> Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. **Jornalismo, teologia e ciência**, 11 nov. 2010. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < http://www.

entrevistas.criacionismo.com.br/2010/11/jornalismo-teologia-e-ciencia.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. **Jornalista criacionista**, 17 jun. 2009a. In: Michelson Borges Entrevistas. Disponível em: < http://www.entrevistas.criacionismo.com.br/2010/11/jornalismo-teologia-e-ciencia.html> Acesso em: 20 jun. 2016.

CHRISTIANINI, A. B. **Subtilezas do erro.** Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1981.

CRAIG, W. L. **A veracidade da fé cristã.** São Paulo: Vida Nova, 2004.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**, vol. 1 Buenos Aires: Sudamericana, 1965.

KNIGHT, G. R. in: _____. **Questões de doutrina**: o clássico mais polêmico da história do adventismo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

KRAGH, H. **Cosmology and controversy.** Princeton: Princeton University Press, 1999.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

McGRATH, A. **Apologética pura e simples.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

MILLER, L. **Heaven**: our enduring fascination with the afterline. New Yor: HarperCollins, 2010.

POLKINGHORNE, J. **Science and creation**: the search for understanding. London: SPCK, 1998.

SILVA, R. Apologética e fenomenologia da fé: uma reflexão sobre os desafios e tendências no cristanismo. **ACTA**

Científica — Ciências Humanas, Engenheiro Coelho: Unasp, n. 7 v. 2. 2004.

SLICK, M. **An Introduction to Apologetics**, 2009. In: Christian Apologetics & Research Ministry. Disponível em: < https://carm.org/introduction-apologetics> Acesso em: 24 jun. 2016.

SPITZER, R. J. **New proofs for the existence of God**: contributions of contemporary physics and philosophy. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

SPROUL, R. C. **Defendendo sua fé.** Rio de Janeiro: CPAD, 2015.

TIMM, A. R. in: NICHOL, F. D. **Respostas a Objeções.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

CONHEÇA NOSSA LOJA VIRTUAL

http://unaspstore.com.br